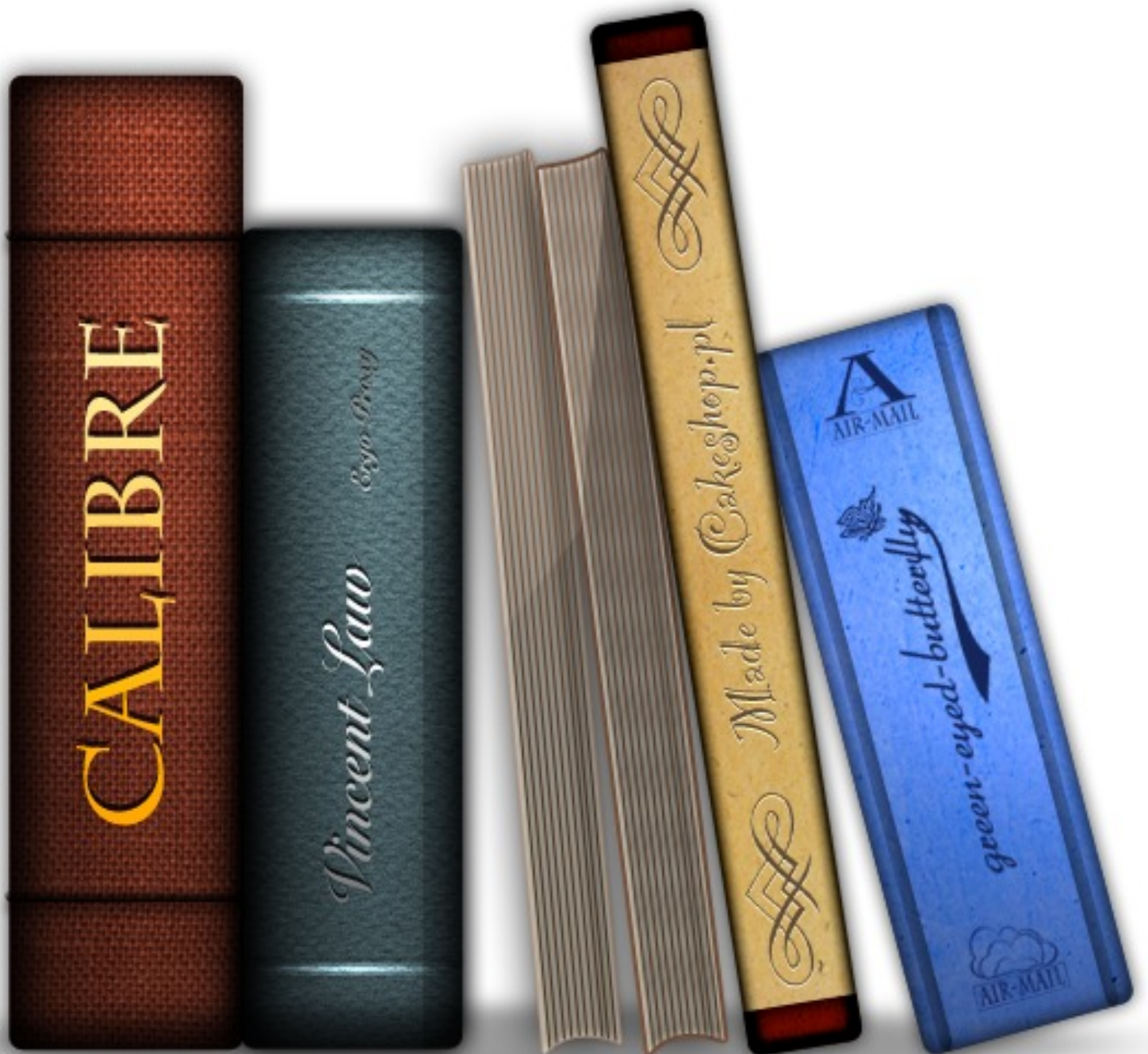


O Prisioneiro

Érico Veríssimo



calibre 0.8.0

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O prisioneiro

Erico Veríssimo



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Maio findava, haviam já começado a soprar as monções de sudoeste, mas naquele entardecer mormacento fizera-se uma súbita calmaria em toda a região. Era como se a abóbada celeste, emborcada como uma ventosa sobre a terra, tivesse sugado quase todo o ar de um largo trato de planície, montanha e mar. E a velha cidade imperial, de tão ilustres palácios, templos e tumbas, ali plantada sobre ambas as margens do rio, parecia um organismo vivo, palpitante e intumescido, a sufocar à míngua de oxigênio.

Fazia um calor ardente de febre. A luz do Sol tingia de um amarelo de maleita a atmosfera úmida e morta, em que havia algo de vagamente decomposto. Dos fossos atufados de lotos que cercavam a cidadela murada, por entre enxames de mosquitos desprendia-se uma fragrância adocicada, de mistura com um bafio de lodo.

Pinheiros perfilavam-se plácidos no jardim do Palácio da Harmonia Perfeita. Na esplanada do Museu alongavam-se cada vez mais sobre as lajes as sombras das estátuas de pedra de mandarins d'antanho. À frente de um pagode, no ponto em que na manhã daquele mesmo dia uma estudante budista de dezessete anos se suicudara, ateando fogo às vestes ensopadas de gasolina, ficara sobre o pavimento uma nódoa escura e gordurosa.

O tráfego, que começara a engrossar depois das cinco horas, atingia agora a sua densidade máxima. Milhares de automóveis,

bicicletas, motonetas e velotáxis rodavam, num desconcerto de buzinas, pelas ruas e avenidas daquela antiga capital provinciana, alma e cérebro de uma nação dividida. Os veículos de duas rodas deslizavam sinuosos, com uma graça ágil e fácil de peixes num aquário pululante. Nas calçadas, muitas delas orladas de árvores - jasmims-manga, palmeiras, mangueiras, coqueiros e mangostões -, caminhavam homens e mulheres em geral de pequeno porte, epidermes acobreadas, faces de maldades salientes, olhos oblíquos. Tinham um ar quase equívoco e uma certa leveza delgada de figurinhas de papel. Os homens, em sua maioria vestidos à ocidental, estavam em mangas de camisa e com as cabeças descobertas, mas viam-se também entre eles outros nativos metidos em seus pijamas de um preto ruço ou de cores indefinidas, os olhos meio escondidos sob os chapéus cônicos de palha de bambu.

Todo aquele ir e vir de criaturas humanas e veículos sobre as pedras e o asfalto ainda quentes da soalheira do dia, os contrastes de luz e sombra, a névoa de azulado leite que a fumaça de gasolina e óleo queimados deixava no ar variolado pelas tachas escarlates e estáticas das flores dos flamboyants e pelas manchas móveis e vaporosas dos modais das mulheres, em tons de pastel - tudo isso produzia no observador esfumadas sensações de cor e volume, mais que percepções nítidas de desenho, de sorte que algumas daquelas ruas sugeriam pinturas impressionistas que tivessem ganho animação e voz.

Juncos, sampanas e outras embarcações pequenas coalhavam as águas, umas em movimento, outras atracadas em pincas ao longo de ambas as margens do rio, formando aldeamentos fluviais. Do ponto de observação do piloto do helicóptero militar que em dado momento sobrevoou a cidade, de volta de uma missão de reconhecimento, os veículos que em linha dupla atravessavam a ponte grande, lembravam vermes a rastejarem disciplinados dentro das carcaças de monstros antediluvianos.

Um incidente ocorrido ao pé das muralhas da cidadela, perto do Portão Imperial, interrompeu o tráfego por alguns minutos. Suspeitando de um vendedor de frutas, um polícia derrubara com

um pontapé o seu balaio, e entre as mangas e romãs que rolaram pela calçada, descobrira uma meia dúzia de explosivos plásticos. O fruteiro rompeu a correr cidadela a dentro, mas foi logo subjugado por outro guarda. Populares assistiram à cena aparentemente apáticos e neutros.

À frente do mercado central, uma velha que tentava atravessar a rua, equilibrando sobre o ombro uma vara de cada uma de cujas extremidades pendia um cesto contendo gansos, foi atropelada por uma motocicleta e atirada ao solo. As aves, de pés amarrados, romperam a voejar, grasnando assustadas por entre os veículos, enquanto a mulher se deixava ficar estendida na sarjeta, chorando mansinho.

Nas várzeas e arrozais que cercavam a cidade, estendendo-se até à cordilheira, a oeste, e até ao mar, a leste, os camponeses começavam a recolher-se às suas palhoças, onde, encerrados com seus familiares, enfrentariam os azares da noite. A essa hora já se sabia na cidade e arredores que guerrilheiros comunistas, vindos das montanhas à hora da sesta, haviam atacado de surpresa uma aldeia situada a poucos quilômetros ao sul da zona desmilitarizada, matando e ferindo muitos dos seus habitantes, pilhando e incendiando as suas choupanas. Tropas do exército regular do Sul, ajudadas pelos seus aliados brancos de além-mar, tinham sido levadas em helicópteros para o lugar onde se presumia estivesse o inimigo, mas este se havia sumido por completo.

Um ancião, envolto em sua toga cerimonial de seda preta e acompanhado de seu primogênito, saiu do grande templo aonde tinha ido queimar incenso e prosternar-se diante do altar de seus ancestrais. Parou à porta, ficou por alguns instantes a contemplar os muros da Cidade Proibida, e depois ergueu os olhos para o céu. Seus lábios chegaram a mover-se como se ele fosse dizer alguma coisa; mas permaneceu calado. O moço baixou a cabeça, respeitando o silêncio do velho. Sabia o quanto doíam no espírito e na carne daquele confucionista devoto as violências que dilaceravam a sua terra e a sua gente. Como se não bastasse aquela guerra fratricida entre Norte e Sul, irrompera fazia pouco, insuflada pelos bonzos, outra revolta contra o novo Governo. O

velho presenciara demonstrações populares nas ruas de sua cidade: por trás de barricadas feitas com mesas, cadeiras e até altares domésticos, centenas de estudantes tinham enfrentado as tropas da Polícia e do Exército. Pagodes transformaram-se em praças de guerra. Soldados do Governo haviam feito fogo contra o povo... Na Capital do país, no extremo sul, um sacerdote budista dos mais representativos, como sinal de protesto contra os desmandos do Governo, fazia a greve da fome. Os suicídios rituais continuavam: havia poucas horas, o ancião tivera nas mãos farrapos carbonizados do vestido da menina que se imolara aquela manhã, consumindo-se numa labareda. Meneou tristemente a cabeça e, sempre em silêncio e seguido pelo filho, continuou o seu caminho, atravessando o jardim do templo, por entre grifos de pedra.

Naquele mesmo instante, sob o toldo fechado de uma sampana atracada à margem esquerda do rio, um guerrilheiro comunista, cuja cabeça tinha sido posta a prêmio pelo Governo do Sul, mas que entrava e saía incólume da cidade, onde contava com centenas de parentes, amigos e cúmplices, conversava em voz baixa com dois rapazes, dando-lhes instruções. Sua voz era um crepitar de palha. Tinha estendida a seus pés uma planta rústica da cidade. Os dois moços escutavam o líder com grave atenção, e as pupilas de ambos refletiam a imagem daquele homem franzino, de idade indefinida, rosto emaciado e anguloso, e olhar autoritário. De quando em quando sacudiam a cabeça num assentimento. O terceiro irmão estava de sentinela, na proa da embarcação, olhando furtivamente de um lado para outro, enquanto uma rapariga, acorada na popa, olhava fixamente para a panela de ferro em que fervia o arroz, sobre um fogo de gravetos.

A poucos quilômetros dali, sentado sobre os calcanhares, no meio de um arrozal, um camponês idoso, de rosto enrugado e cor de ocre, fumava e sorria para a armadilha de bambu onde acabava de cair a pomba rola que no dia seguinte lhe ia servir de chamariz para as outras pombas que pretendia apanhar. Imaginou-se a caminho do mercado da cidade. Venderia as aves por um bom preço: dinheiro para comprar fumo e sal... sim, e azeite para a lâmpada. Seus lábios, de um vermelho pardacento, abriram-se num

sorriso sem dentes. E o velho ficou a contemplar por trás da fumaça: do cachimbo a brasa do sol, que descia para as bandas da cordilheira.

Havia pouco mais de uma semana, o coronel branco escrevera à sua filha adolescente - da qual o separavam milhares de milhas de terra e mar - uma carta em que, entre outras histórias isentas de qualquer resíduo sangrento, lhe contara que nos jardins do edifício onde se instalara como governador militar provisório da cidade, "florescem orquídeas e metralhadoras, lírios aquáticos e baionetas". E agora, à janela de seu gabinete de trabalho, naquele fim de tarde viscoso e opressivo, seguia com o olhar amortecido de fadiga os vultos dos soldados de sua polícia militar, que se moviam como perdigueiros por entre as árvores e arbustos daquela selva em miniatura, à cata de algum terrorista que porventura ali se houvesse infiltrado. Essa operação se repetia muitas vezes durante o dia e a noite. O inimigo era esquivo, ardiloso e dotado de uma tenacidade de mosca e de uma capacidade de pulga ou piolho para insinuar-se, despercebido, pelos menores interstícios. Como o camaleão, podia tornar-se invisível em qualquer terreno. E nunca se sabia como, quando e com que armas ia atacar.

O casarão, noutros tempos sede da Administração Militar do país europeu que por vários anos ocupara aquela península do sudeste da Ásia, estava rodeado por um muro de três metros, sobre o qual fora recentemente erguida uma tela de arame grosso, da mesma altura, para proteger o recinto contra granadas.

O coronel passou o lenço já úmido de suor pelo rosto e pelo pescoço, e começou a escrever mentalmente uma carta. "Filha querida: Entardece, e de minha janela vejo o disco avermelhado do Sol descendo sobre as montanhas... Mas que tolice! O Sol não é um disco e o Sol não se move em relação à Terra. Um soldado profissional não se deve entregar a metáforas poéticas. Tem de ser antes de tudo um lógico. Mas qual! Que força pode ter o pensamento lógico numa terra em que predomina o pensamento mágico?"

Ficou por algum tempo a escutar o rolar surdo do tráfego. Depois olhou para as muralhas que cercavam o jardim e sentiu um

apagado mal-estar. Continuou a carta imaginária: “Quando menino teu pai sonhava ser um dia comandante de submarino, mas um teste psicológico cortou-lhe os planos, provando que ele é um claustrofóbico, isto é, uma dessas pessoas que não suportam os ambientes fechados. Tive então de optar pelo corpo de fuzileiros navais, que vocês moças acham tão destemido e romântico. E aqui estou eu agora encerrado como um monge neste claustro cercado de altos muros. E faz quarenta e oito horas que praticamente não abandono esta sala e a minha mesa de trabalho, onde se empilham papéis e problemas... eu que tanto detesto a burocracia! Uma dura missão de combate seria mil vezes preferível a esta responsabilidade de governar, ainda que por poucos dias, uma cidade asiática agitada por lutas internas, tudo isso perigosamente em face de um inimigo comum que não nos dá trégua”. Soltou um suspiro de impaciência consigo mesmo. Como poderia escrever uma carta nesses termos a uma criança de quinze anos para quem uma guerra devia ser apenas uma série de episódios heróico-romanescos de televisão e cinema?

Voltou-se e mediu com o olhar aquela sala mobiliada às pressas, numa improvisação pragmática: a ampla mesa de trabalho munida de três telefones, o arquivo de aço, verde-oliva como seu uniforme, meia dúzia de cadeiras singelas sem conforto nem história... As hélices do grande ventilador giravam e zumbiam, sem, contudo conseguirem atenuar o calor ambiente, pois o ar que deslocavam era grosso e morno. O tapete de linóleo lembrava ao coronel o da cozinha de sua casa na pátria distante. (A imagem aborrecida de sua mulher cruzou-lhe a mente.) Uma das paredes estava coberta de mapas daquela região, do território inimigo e dos países vizinhos supostamente neutros naquela guerra. A única peça daquele gabinete que parecia ter conotações humanas era um divã de estofado desbotado e seboso, possivelmente relíquia - achava o comandante - de uma administração de funcionários epicuristas que sabiam entremear o trabalho quotidiano de interlúdios eróticos.

Ouvia-se, meio abafado pelas grossas paredes, o matraquear de máquinas de escrever vindo das salas contíguas. Apesar de saber que naquele momento cerca de oitenta pessoas trabalhavam

naquele edifício, todas ao alcance de um chamado seu, o coronel se sentia tão solitário e perdido no tempo e no espaço como se o tivessem abandonado num planeta deserto, distante da Terra mil anos-luz.

Teve de súbito a sensação de estar encerrado a afogar-se num boião cheio de óleo quente. (Para o menino que lia *As Mil e Uma Noites*, o Oriente era um pouco Morgiana, a serva de Ali Babá, despejando azeite escaldante nos odres em que se escondiam os ladrões.) Suava abundantemente. Sentia o blusão do uniforme colado ao tórax, como se entre a sua pele e a fazenda houvesse uma camada de gomaarábica. Não dormira um minuto sequer naquelas últimas vinte e quatro horas. Sentia um vácuo no crânio e os globos oculares lhe doíam, como que machucados. Bebericando café preto e forte, sem açúcar, e fumando cigarro sobre cigarro, passara em claro toda a noite anterior, dirigindo dali de seu gabinete, pelo telefone e pela rádio, as operações de seus soldados que davam batidas em lugares suspeitos, procurando localizar e apreender o grande contrabando de bombas plásticas que seus informantes lhe garantiam ter entrado na cidade no dia anterior. E até aquele momento nada se encontrara, a não ser uma pequena quantidade de granadas de mão e explosivos de fabricação doméstica, escondidos em cestos de frutas de vendedores de rua, em porões suburbanos e numa que outra sampana. Não exasperante!

Havia dois dias, uma bomba explodira no saguão do Hotel Continental, o mais importante da cidade, matando oito pessoas e ferindo vinte e cinco. Poucas horas mais tarde, um plástico detonara no recinto do Cinema Delta, fazendo ainda mais vítimas, pois os que não haviam sido mortos ou mutilados pela explosão, tinham sido espezinhados quando em pânico procuravam fugir da sala.

O general lhe confiara a custódia daquela cidade durante o período de negociações entre o Governo do Sul e os bonzos. A revolta budista cessara praticamente com a rendição da cidade vizinha, seu último reduto. Agora o resto dependia de conversações ao redor de uma mesa. Mas enquanto não se chegasse a um acordo definitivo de paz, cabia a ele a responsabilidade de manter a ordem

naquela região. O motivo que seu comandante invocara para lhe entregar aquela missão era o de que ele compreendia a mentalidade oriental. Ridículo! Sentia-se naquele posto como um touro em loja de porcelanas...

Despejou num copo de papel um pouco do chá frio temperado com sumo de limão que havia num jarro bojudo em cima da mesa. Levou-o à boca, bebeu dele com avidez, fazendo propositalmente o líquido escorrer-lhe ao longo da pele ardida do queixo, do pescoço e do peito. E o tênue cheiro de papel encerado do copo transportou-o à infância... Uma tarde, no saguão de um cinema... Ele devia ter uns doze anos... ou treze? Pôs um níquel na fenda de um vendedor automático de refrescos gelados... Via-se apertando o botão sob a palavra cereja... lembrava-se até do formado das letras... Depois comprara um cone de papel com pipocas recedentes a gordura vegetal... Porque lhe vinham à lembrança imagens desse dia e não das centenas de outros em que, em várias idades, bebera de copos de papel? Decerto era porque naquela tarde ele se escondera no lavatório do cinema, fecharase num cubículo, sentara-se completamente vestido no vaso sanitário e ali fumara o seu primeiro cigarro, trêmulo de medo e gozo (ou náusea?) com uma dolorosa consciência de pecado, pensando no pai, pastor protestante, e no fogo do Inferno com que ele vivia a ameaçá-lo.

O coronel tomou um novo gole de chá. O cheiro de papel encerado dessa vez projetou-o num outro dia do passado... Tinha vinte e poucos anos e estava no piquenique em que conhecera a moça que dali a um ano viria a ser sua esposa... Era Abril e as forsítias e os cornisos estavam floridos. Ambos beberam um brinde ao futuro: limonada em copos de papel. Eram metodistas e repudiavam o álcool. Ela tinha um riso primaveril e uma graça de salgueiro. O coronel amassou entre as mãos o copo de papel e atirou-o num ímpeto agressivo dentro da cesta de arame, ao pé da mesa. Passara o dia evitando pensar no seu caso doméstico.

Esfregou as faces com a palma da mão e sentiu a aspereza da barba de doze horas. "Não vais te barbear, querido? Não esqueças que hoje vamos jantar na casa do coadjutor." Detestava o tom sacarino da voz da mulher. Educada num dos melhores colégios para moças do país, ela costumava pronunciar as palavras de maneira excessivamente correta e com entonação declamatória, como se estivesse sempre num palco. (Espetáculo de amadores, naturalmente.) Por outro lado seus cuidados maternos para com

ele o irritavam. Tinham quase a mesma idade, mas ela havia envelhecido prematuramente: seus cabelos estavam já completamente grisalhos e a pele do pescoço era um calendário inexorável. A filha lhes chegara um tanto tardiamente, o que para os três podia ser muito bom ou muito mau... Marido e mulher sempre haviam dormido em camas separadas, e fazia agora mais de dois anos que não mantinham relações carnavais. Ela parecia achar aquilo não só muito cômodo mas também muito natural, "Seria ridículo, coração, que na nossa idade, nós..." Ele, porém, que na vizinhança dos cinqüenta anos se sentia tão viril como aos trinta, passara a viver uma frustração que o deixava num desassossego irritado. Cessara de desejar o corpo da esposa. Aquela pobreza de ancas e seios, que na juventude lhe haviam dado um esquisito ar de adolescente (pajem, álamo, gazela) agora a tornavam assexuada (tábua, poste, bruxa de pano). E à medida em que o tempo passava ele a via portar-se cada vez mais como uma mãe com relação a ele e mãe de filho único! As expressões "meu filhinho" ou mesmo o tratamento de "papai", que ela empregava habitualmente, causavam-lhe um certo mal-estar, uma espécie de vergonha, como se ambos vivessem em incesto. Mais de uma vez perdera a paciência com a mulher e lhe dissera palavras rudes ou sarcásticas, A criatura rompera a choramingar e isso provocara nele um sentimento de culpa que acabara por agravar-lhe a exasperação, "Tu me trataas como se eu fosse um dos teus soldados. O Exército te deformou, meu pobre querido!" O coronel reconhecia e deplorava a própria intolerância. Talvez sua filha fosse a única pessoa no mundo com quem jamais perdera a paciência: era com ela que gastava suas relutantes reservas de ternura e benevolência.

Tornou a aproximar-se da janela. Olhou o mostrador do relógio-pulseira, num gesto automático, sem chegar a tomar consciência da hora que os ponteiros indicavam. Agora ocupava-lhe a mente, com uma nitidez perturbadora, a imagem da outra. A coisa acontecera de um modo que o levava a acreditar na fatalidade. Tinham-se conhecido numa festa na casa de amigos comuns, fazia pouco mais de dois anos. Fora ela quem o convidara para dançar. Sua mão pousara quente e provocante no seu pescoço, puxando seu rosto

para junto do dela. Os corpos de ambos uniram-se como duas metades que finalmente se encontram e completam. Era uma fêmea dotada de um irresistível magnetismo animal, em tudo o oposto de sua esposa: cálida e opulenta de curvas e carnes, sólida sem ser gorda, descuidada, natural e livre no falar (tom, vocabulário, assunto, sintaxe) e, acima de tudo, capaz de soltar uma risada no meio de um salão cheio de gente, fosse onde fosse, uma dessas risadas que dão a impressão de vir das profundezas do ser, das entranhas, do útero, do sexo - vibrantes, orgásticas, quase cósmicas. Era divorciada e tinha três filhos, que viviam ora com ela ora com o ex-marido. Trabalhava numa casa de decoração interior e tinha trinta e dois anos. Tornaram-se amantes na semana seguinte. Passaram a encontrar-se em motéis. Ou então metiam-se no carro dele ou no dela e iam-se para os subúrbios. E ele entrou então no jardim das Delícias, o Éden depois do pecado original e antes da expulsão. E o que havia de mais excitante nas relações entre ambos era que, diferentes do primeiro homem e da primeira mulher, eles não se amavam num tateante estado de inocência, mas aproveitavam a experiência de milênios de prática sexual. Ele se sentia rejuvenescer ao calor da paixão do corpo e do espírito daquela mulher extraordinária, que em tudo era a negação do mundo puritano em que ele nascera e fora criado, e do qual só a vida da caserna conseguira afastá-lo um pouco, e assim mesmo de maneira superficial.

A lembrança dos momentos que passava com a amante tornava-lhe mais difícil suportar a presença da esposa legítima. Ademais, começava a sentir-se como um traidor perante a filha, como se a tivesse abandonado para adotar os filhos da outra, um rapaz e duas meninas que via com alguma freqüência, e que lhe davam um tratamento de tio. Desagradava-o profundamente aquela duplicidade de vida. Detestava a hipocrisia: não era homem de duas caras. E ao cabo de certo tempo a imagem do pai, um bispo metodista muito respeitado na sua comunidade, começou a persegui-lo como a encarnação mesma de sua culpa. Por outro lado, a amante insistia com ele para que pedisse divórcio à esposa e fosse viver com ela. Era-lhe também desagradável ter de fazer as

coisas às escondidas. "Se eu me pude divorciar, porque você não há-de poder também?" Ele explicava que não queria traumatizar a filha, que estava numa idade difícil e que vivia numa grande dependência sentimental tanto dele como da mãe. Na realidade - bem sabia - a pessoa que tinha nas mãos a chave de seu cárcere, era o pai.

E assim se foi passando o tempo, numa espécie de alternância de paraíso, inferno e, talvez mais freqüentemente, purgatório. E o pior - refletia agora o coronel, olhando mas sem ver o trecho de jardim que a janela enquadrava - o pior eram as manhãs de domingo em que, seguindo velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia, e rezavam juntos, juntos cantavam salmos e escutavam sermões. O cheiro de verniz dos bancos do templo mesclava-se com o perfume de cravo que se exalava do corpo da mãe de sua filha. E ela cantava os hinos com seu trêmulo soprano, miniatural e grotescamente operático, movendo a cabeça como um passarinho e, nos trechos mais agudos da melodia, erguendo-se um pouco na ponta dos pés, sempre a sorrir inefavelmente, numa espécie de fervor religioso pré-fabricado. E a todas essas ele se sentia ridículo, farisaico, desprezível. E o resultado de tudo aquilo fora uma úlcera gástrica. O médico que consultara, não tardara a ir ao fundo do problema. "De pouco ou nada adiantará a dieta ou o remédio que lhe vou prescrever, se o senhor, coronel, não arrancar o mal pela raiz..." Era um homem retaco, meio encolhido, que respirava forte e costumava mirar os outros obliquamente com os olhos miúdos e vivos, sob sobancelhas híspidas. "Divórcio? E a minha filha, doutor? E a minha mulher, de quem não tenho a menor queixa, e que talvez não suporte o golpe moral?" O homenzinho encolhera os ombros, murmurando: "Esses problemas eu não posso resolver. Talvez um analista..." Ele, um oficial do Exército de quase cinqüenta anos deitar-se num divã e romper a falar como uma comadre, contando a um estranho os seus problemas mais recônditos? Repeliu, indignado, a sugestão, como se o médico lhe houvesse feito uma proposta indecorosa.

Um dia em que estava particularmente agitado, forrou-se de coragem e foi à casa do pai. Fechou-se com ele numa sala e contou-lhe tudo, sentindo estranhamente que não fazia aquilo para pedir-lhe perdão ou conselho, nem mesmo para aliviar-se do peso de um segredo. Era um puro ato de agressão. No fundo talvez o que ele queria mesmo era escandalizar aquele moralista austero, como se de certo modo ele fosse o culpado de todo aquele embrulho sentimental e moral que o atormentava. O velho escutou-o num silêncio atônito, as mãos agarrando com força os braços na poltrona em que estava sentado. Depois de abundantes e iradas citações bíblicas, balbuciou: "Que decepção! O meu filho, o meu único filho, de quem tanto eu me orgulhava... cometendo adultério com uma... uma..." Calou-se, e quando tornou a falar foi no tom de um profeta antigo: "Pois se queres matar de desgosto teu pai e tua mãe, vai e pede divórcio à limpa e digna mulher que recebeste como esposa legítima perante Deus e o mundo. Será um belo espetáculo! Já ouço as murmurações... O filho do bispo metodista separou-se da esposa legítima para casar-se com uma divorciada com quem vive em pecado há mais de um ano. Um belo exemplo para a comunidade! já pensaste na tua filha? Que vai ser dela? Já... já..." Tornou a cair em silêncio. E por fim, como estava habituado a fazer sempre que a mulher ou os paroquianos o contrariavam, recorreu ao seu apocalipse particular e simulou um dos seus famosos ataques cardíacos. Começou a respirar de boca aberta, como sufocado, espalmou a mão sobre o peito... O farsante! Sua face continuava com a rosada cor natural... E então o filho resolvera, como um bom jogador de pôquer, "pagar para ver". Continuara imóvel. O pai tirara de uma caixinha de metal dourado uma pastilha de trinitrina e pusera-a debaixo da língua. Aquela era a tragicomédia que o velho costumava encenar quando queria sensibilizar a mulher, que havia mais de meio século o servia como uma criada e lhe aturava as impertinências. Era egocêntrico e tirânico. O que lhe importava acima de tudo era manter a sua imagem na comunidade.

Vendo que o filho não corria ao telefone para chamar o médico nem fazia qualquer gesto de socorro, o velho balbuciara, sentido:

"Pouco se te dá que teu pai morra. O que te importa são as fomes da tua carne mortal. Pois então vai! Mas não esperes a minha aprovação, a minha bênção para a loucura que pensas cometer. Lembra-te de Deus Nosso Senhor, que tudo vê e tudo sabe e julga..."

O comandante agora olhava fixamente para a copa de uma mangueira. No jardim as sombras se acentuavam. Alguém soltou uma exclamação na língua daquela terra, e a palavra subiu no ar como um pássaro exótico.

Naquela tarde remota - lembrou-se ainda o coronel - ao deixar a casa paterna, exacerbado mas nem por isso sentindo menos o peso de sua culpa, ele fora diretamente para os braços da amante. E tivera com ela a sua mais furiosa hora de amor.

Desde que chegara ao teatro de operações, havia meses, ele mantivera a castidade, o que lhe era fácil quando saía em missões de combate. Ouvira dizer que nas Penitenciárias era costume deitar cânfora no alimento dos prisioneiros, como um anafrodisíaco. Sua cânfora agora eram o trabalho e as preocupações daquele comando. Mantinha assim a castidade do corpo; a do espírito, essa não era possível controlar: com frequência tinha sonhos eróticos com a amante. Repelia com repugnância a idéia de dormir com as nativas. Havia nas faces daquelas mulheres algo de bicho, que talvez estivesse nos olhos enviesados, uma certa "expressão" que tantas vezes ele observara nos zoológicos, nos focinhos das corças. Temia, por outro lado, as doenças contagiosas. Lembrava-se do caso de um de seus oficiais que costumava ir para a cama com uma prostituta nativa e que acabou descobrindo horrorizado que ela era leprosa. A criatura, certa noite, divertia-se com um orgulho inocente a mostrar ao oficial branco como podia queimar os dedos na chama de uma vela sem sentir a menor dor...

O coronel meteu a mão dentro do jarro de chá e apanhou o último cubo de gelo que ali havia, já quase reduzido a uma lâmina, e passou-o pelas faces. Depois, mais uma vez desafiando o pai, que reprovava tanto o uso do álcool como o do tabaco, tirou um cigarro do maço que estava sobre a mesa e levou-o à boca. Sentiu úmido e flácido. Acendeu-o, e o clique do isqueiro e o cheiro de gasolina

trouxeram-lhe à mente aquela derradeira noite... Ele e a mulher amada dentro de um automóvel, numa esplanada à beira do rio... Diziam-se adeus, pois no dia seguinte ele embarcaria para o além-mar, para a guerra. Haviam a princípio permanecido num longo silêncio, de mãos dadas. Depois ele acionara o isqueiro para acender o cigarro que ela tinha entre os lábios, apagado e possivelmente esquecido. E a pequena chama iluminara por um instante aquela face querida, a boca de sugestivo desenho. Mal ela inalara a primeira fumaça, ele já a beijava com tal açodamento que queimara o próprio rosto na brasa do cigarro. Ela soprara para dentro de sua boca uma baforada de fumaça e aquilo lhe incendiara as entranhas. E então amaram-se sobre o banco traseiro do carro. Depois, numa saciedade lânguida e triste, tinham ficado num novo silêncio a seguir com o olhar um navio de turismo que passava iluminado pelo meio do rio.

O coronel começou a andar de um lado para outro à frente de sua mesa de trabalho. Fosse como fosse - refletia - o seu problema, se não estava resolvido, tivera pelo menos a sua solução transferida para mais tarde ou para nunca mais. Talvez um daqueles raquíticos guerrilheiros comunistas pudesse servir de instrumento da Providência e liquidar o assunto com uma bala. Postou-se junto da janela e olhou para as copas das árvores. Naquele mesmo instante não era impossível que um inimigo estivesse ali encarrapitado em algum galho, apontando para ele a carabina ou preparando uma granada para atirar dentro do gabinete, pela janela. Diabo! Aqueles pensamentos mórbidos e até certo ponto covardes eram indignos de um militar. A obrigação do soldado é sobreviver para levar a cabo o aniquilamento completo do adversário. O calor e a falta de sono, a canseira de corpo e de espírito deviam ser responsáveis por aquelas idéias absurdas.

Foi naquele instante que um dos telefones tilintou. O coronel apanhou o fone, ouviu o que o seu ajudante-de-ordens lhe comunicava, e respondeu: "Diga ao major que entre."

O major entrou. Teria escassamente quarenta anos, era de estatura média e de uma corpulência adiposa. Uma pronunciada exoftalmia dava-lhe ao rosto polpudo e sanguíneo uma expressão que, por uma razão que não conseguia determinar, o coronel achava pornográfica. Os lábios grossos e vermelhos, em contraste com os do seu superior hierárquico, que mais pareciam um talho de navalha, sugeriam sensualidade. Sua bonomia era proverbial entre os camaradas de armas, que lhe disputavam a alegre companhia. O major amava os prazeres da mesa e os da cama, e parecia pouco importar-lhe que os outros soubessem disso ou não.

Fez uma continência sem nenhum garbo, exatamente o gesto que se podia esperar de um homem balofo. O coronel mirou-o com uma ponta de má vontade. Um militar - refletiu - não tinha o direito de deixar-se engordar daquela maneira indecorosa. Começava a notar no outro os primeiros sinais dessa desagregação que acaba fatalmente por destruir o corpo e o espírito de todo o branco que fica muito tempo exposto ao clima físico e moral dos trópicos. Sentiu o ímpeto de gritar: "Perfile-se sempre que fizer continência!"

Encolha a barriga! Abotoe o blusão! Não basta ser um soldado. É preciso também parecer." Conteve-se, como que engolindo essas palavras, seixos que lhe ficaram a pesar no estômago.

O major largou o peso do corpo numa cadeira, deixando escapar um suspiro de alívio, e ficou num à vontade de vaqueiro entre vaqueiros. O coronel não gostou que ele se tivesse sentado sem primeiro ter sido convidado, mas nada disse.

- Alguma novidade? - perguntou.

O outro abriu a pasta de plástico negro que trazia debaixo do braço, tirou de dentro dela duas folhas de papel e colocou-as sobre a mesa.

- Aqui está o meu relatório - disse. - Como verá, nada descobrimos de palpável no caso do contrabando de explosivos...

Tinha uma voz oval e grave, que parecia vir-lhe do ventre numa sucessão de arrotos.

O comandante lançou um olhar rápido e neutro para os papéis, mas não os tocou.

- E a investigação sobre as explosões no hotel e no cinema?

- Não temos ainda nenhuma pista.

O coronel fez um gesto de impaciência e sentou-se à mesa. Havia meses que tinha o major sob suas ordens e ainda não formara um juízo seguro a seu respeito. Não sabia sequer se gostava ou não do tipo. O bigodinho ralo que ele ostentava sob o nariz fálco, debruando a boca de aspecto repulsivamente vaginal, parecia-lhe absurdo e desnecessário, além de obsceno. Reconhecia, com alguma relutância, que o major possuía qualidades positivas. Era inteligente e astuto, tinha bravura pessoal e cultivava a virtude da paciência com espírito quase oriental. Poucos brancos conheciam como ele os meandros da política daquele país, as conspirações, contra-conspirações, artimanhas, qualidades e defeitos daqueles generais nativos que viviam a entredevorar-se na busca do poder. Tinha excelente memória e falava sofrivelmente bem a língua dos nativos. Mas apesar de tudo isso...

- Nestes últimos dois dias interrogamos mais de duzentas pessoas sem resultado positivo - informou o major, tirando do bolso do blusão o cachimbo e começando a enchê-lo de fumo. - Ninguém

sabe de nada. Ninguém conhece ninguém.

O comandante esmagou o cigarro contra o fundo do cinzeiro e exclamou:

- A maldita ambigüidade asiática!

O outro acendeu o cachimbo. Inalou a fumaça e soltou-a no ar com visível delícia, os olhos entrefechados.

- Ora - sorriu -, nós, os ocidentais, sabemos também ser ambíguos quando isso nos convém.

O coronel olhou de viés para o interlocutor. As idéias do major às vezes lhe pareciam tão perigosas como certos frutos daquela parte do mundo, cuja doçura e madureza estavam sempre à beira da deterioração.

- O que me exaspera nesses nativos, major, é uma certa qualidade... a a a... como é que vou dizer?... amorfa. Por mais cristão que procure ser, não encontro para descrevê-los senão símiles zoológicos. Moluscos, lombrigas, sanguessugas... Veja como se reproduzem. Às vezes tenho a impressão de que com este clima miserável, este calor pegajoso, estamos todos boiando num caldo de cultura onde pulam micróbios e protozoários... e que acabaremos irremediavelmente contaminados.

O major encolheu os ombros.

- Já pensou, coronel, na idéia que essa gente deve fazer de nós? Com que bicho nos compararão? Talvez com um dragão que masca chicle, toma sorvete de baunilha e defeca bombas incendiárias gelatinosas...

Tirou o cachimbo da boca por um instante. Entre fascinado e enojado, o comandante fixou o olhar nos lábios úmidos do outro, que prosseguiu:

- Antes de mais nada esta gente tem uma noção muito arraigada de família, de clã... Só remotamente é que pensa em termos de nação... O resultado do inquérito não me surpreendeu. Tenho a impressão de que neste país todos são primos chegados ou remotos, parentes de sangue ou honorários... amigos, compadres, correligionários... que sei eu! A verdade é que se ajudam mutuamente e dificilmente se denunciam. As exceções contam-se nos dedos da mão... Ora, eu procuro compreender este povo, que

na minha opinião está muito mais perto que nós das fontes essenciais da vida.

Tornou a prender o cachimbo entre os dentes graúdos e abaulados, de uma cor de marfim antigo que parecia garantir-lhes a autenticidade. O coronel estava agora de pé, em posição de sentido, lutando contra o torpor que lhe quebrantava o corpo e embaciava as idéias. Tinha ambas as mãos encostadas nas nádegas retesas: os dedos da esquerda segurando o pulso da direita.

- O que o senhor está dizendo, major, é lirismo da pior espécie. Já li fantasias como essa sobre a felicidade do homem primitivo, telúrico, etc... etc... etc... Não aceito a idéia de que sejamos dragões destruidores e sanguinários. Na minha opinião, nosso país tem no mundo uma missão civilizadora. É isso que me dá esperança e força para lutar. Está ao nosso alcance salvar da miséria, da doença e da ignorância este e outros países do mundo igualmente subdesenvolvidos. Veja bem, em meio desta guerra traiçoeira estamos construindo escolas, hospitais, ambulatórios... Ensinamos técnicas agrícolas aos camponeses. Depois de aniquilado o invasor comunista, entregaremos esta nação ao seu próprio destino. Calouse, sentindo que não estava muito certo de acreditar nas coisas que dizia. Mas, fosse como fosse, queria contradizer o interlocutor. Continuou: - Por outro lado, não creio que o senhor tenha verdadeira admiração por esses nativos que vivem a invocar os espíritos de seus ancestrais, essa sub-raça que acredita em feiticeiros, médiuns e astrólogos. Fiquei sabendo que existe nesta Província uma seita religiosa que adora Deus na forma de um olho...

O major sorriu.

- Nós também adoramos deuses estranhos.

O coronel fez um gesto que traía o seu agastamento.

- Bom! - exclamou. - Voltemos ao que nos interessa. É graças a essa relutância em denunciar os bandidos que certos chefes de guerrilhas conseguem entrar e sair da cidade impunemente, chegam a passar as noites com suas famílias, sob nossos narizes. O senhor sabe muito bem disso.

O outro sacudiu a cabeça num mudo assentimento.

- E o coronel não ignora como é que o inimigo trata os que colaboram conosco...

Se sabia! Um quadro de horror iluminou-se em sua mente. A coisa se passara havia pouco mais de quatro meses. Visitara uma aldeia do Sul recém-destruída pelos guerrilheiros comunistas. As cinzas das cabanas incendiadas estavam ainda quentes quando ele lá chegara. Segundo o relato do único sobrevivente do massacre, famílias inteiras haviam sido queimadas vivas dentro de suas palhoças. Dera-se, porém, aos maiores da povoação um "tratamento especial". Tinham sido primeiro castrados e depois decapitados, e seus órgãos genitais pendurados nos galhos de uma árvore. Moscas enxameavam ao redor dos cadáveres, cujo fedor pútrido empestava o ar. Numa das extremidades de uma lança de bambu, enfiada no ânus de um dos corpos, estava presa uma tabuleta com algumas palavras escritas na língua da terra: "Este é o fim que espera todos os que colaboram com os imperialistas brancos e seus lacaios."

Depois de um curto silêncio o major tornou a falar.

- Na Capital do país a situação é pior do que aqui. Existe lá uma administração clandestina de fato, um Governo fantasma que funciona paralelamente com o oficial. Fui informado de que o inimigo conta com seiscentas caixas postais, e que seu serviço de comunicações é muito mais eficiente que o nosso. Seus espiões estão plantados em lugares estratégicos, como a central telefônica. Cada vendedor ambulante, cada dono de quiosque ou mercearia pode ser um agente secreto ou informante eventual... Nunca se sabe quem está conosco ou contra nós.

Sorriu como quem vai contar uma piada.

- Há poucos dias, um menino de seus sete ou oito anos entrou num café e, com o ar mais natural do mundo, colocou um pacote em cima de uma mesa e em seguida saiu, a correr. Quando os que estavam lá dentro tiveram a intuição do que ia acontecer e procuraram safar-se, era tarde... O pacote, que continha uma pequena bomba, explodiu, ferindo umas três ou quatro pessoas.

No silêncio que então se fez, o coronel por alguns segundos teve

consciência apenas do calor sufocante, agravado pela umidade, que aumentava com o cair da tarde, e de seu corpo dolorido e lavado de suor. Pensava nas horas que estavam por vir... Ansiava por uma ducha fria, pelo contato de roupas limpas e pela sua cama no quarto do hotel onde estava hospedado, e cuja temperatura um aparelho condicionador de ar tornava suportável.

O major, sempre com o cachimbo entre os dentes, esfregava com o lenço o cachão nédio. E o comandante, voltado agora para ele, preparava-se para encerrar aquela entrevista com um "muito bem, estamos entendidos..." - quando o outro de novo tomou a palavra.

- Tenho uma história (não sei se o coronel a conhece) que ilustra de maneira bastante dramática a capacidade de resistência e também de agressividade de nossos inimigos... O caso se passou logo que aqui cheguei, cheio de ilusões e virgindades, convencido, apesar de toda a preparação especial a que fui submetido, de que estávamos envolvidos numa guerra ortodoxa. Eu comandava uma operação de limpeza. Liquidamos alguns focos de resistência isolados e por fim chegamos ao último, que respondeu por algum tempo ao nosso fogo mas acabou emudecendo, porque todos os seus guerrilheiros foram mortos.- Soltou uma risadinha de garganta.

- Todos, menos um. Vimos erguer-se de dentro de um buraco primeiro um pau com um farrapo branco na ponta e depois o vulto do guerrilheiro que o empunhava. Era amarelo e enfezado, pouco mais que um menino. Estava descalço, sem camisa, as vergonhas cobertas por uma espécie de tanga de pano preto. Gritei-lhe que desse cinco passos à frente, de braços erguidos. O homenzinho obedeceu. Por precaução ordenei-lhe que tirasse as calças. Ele se acorrou, livrou-se da tanga, tornou a erguer-se e lá ficou completamente nu, de braços para o ar... Não tinha nenhuma arma de fogo ou faca visível. Mesmo assim dois de meus soldados aproximaram-se com cautela, de metralhadora em punho... Estavam a três passos dele quando vi um clarão seguido de uma explosão. Os meus dois homens caíram feridos, e o nativo ficou em frangalhos...

O major fez uma pausa teatral.

- Mais tarde, examinando-lhe o cadáver, descobrimos o que havia

acontecido. O guerrilheiro tinha escondida entre as coxas, debaixo dos escrotos, uma granada de mão da qual retirara o pino...

- Fanático! - exclamou o coronel. - Um dia assisti involuntariamente a um desses... aaa... suicídios rituais. Eu estava numa calçada, no centro da cidade, quando vi um bonzo sentar-se no meio da rua, com as pernas cruzadas, derramar sobre a cabeça e o corpo o conteúdo de uma lata de gasolina e acender um fósforo... Foi tudo tão rápido, que não pude sequer fazer um movimento para impedir a consumação da loucura. O sacerdote ardeu como uma tocha, sem soltar um ai. Depois ficou lá caído sobre o asfalto, como uma escultura de madeira carbonizada. Esta manhã matou-se de idêntica maneira uma estudante budista, uma criança... Quem é que pode compreender esses bárbaros?

O major acomodou melhor as nádegas na cadeira e disse:

- Isso me faz lembrar uma das cenas mais impressionantes da minha infância. Na minha cidade natal, um dia uns dez ou doze brancos pegaram um negro, amarraram-lhe braços e pernas e o jogaram numa fogueira cuidadosamente preparada num terreno baldio. Eu, que vinha voltando do colégio, assisti à cena, entre horrorizado e fascinado - talvez motivado por essa curiosidade inocentemente perversa da criança. Ora, o negro, que não era bonzo nem queria suicidar-se ritualmente, soltava urros de desespero e dor. Quando a polícia apareceu, com um atraso muito suspeito, o preto já estava morto, horrivelmente queimado. Lembro-me de que alguém me explicou que o homem de cor fora castigado por ter "atacado sexualmente" (jamais esqueci a expressão) uma mulher branca. Eu devia ter uns nove ou dez anos... Outra frase ligada a esse episódio que me ficou gravada na memória, foi a que o dono de um bar das vizinhanças pronunciou rindo para uma senhora que, como ele, assistira à imolação. "já reparou como é desagradável o cheiro de carne de bode assada?" E sabe de uma coisa? Desde esse dia passei a Ter repugnância por carne de carneiro... até hoje.

- Com que propósito o senhor me conta toda essa história?

- Por analogia, mera analogia.

O comandante olhou para o seu subordinado - num silêncio meio

hostil. Depois, como para desviar a conversa dos problemas da sua própria terra, murmurou:

- A população deste país parece feita de um outro estofo...

- Nem todos, coronel. Entre os nativos existe muita gente que se porta à melhor maneira ocidental, quero dizer, com espírito pragmático. Refiro-me aos políticos e militares que engordam à custa da miséria deste povo e... porque não dizer?... da nossa "generosidade" de aliados. Enriquecem explorando o mercado negro, a prostituição e o tráfico de entorpecentes. Entre eles há alguns que ostentam até estrelas de general, pessoas aparentemente respeitáveis para as quais tanto eu como o senhor fazemos continência...

- Sejamos realistas, major. Esta é a hora de combater e não de discutir problemas de ética. Bons ou maus, esses homens são nossos aliados.

- Desgraçadamente.

- Devo inferir que o senhor preferia que estivéssemos ajudando o outro lado?

- Está claro que não. Não creio que o comunismo seja necessariamente a alternativa...

- Além do mais, como soldados não nos compete criticar as decisões de nosso Governo, mas lutar, isso sim, lutar da melhor maneira possível para ganhar esta guerra.

O major fitou no outro os olhos exorbitados.

- Jamais imaginei - refletiu - que essa flor pudesse vicejar no solo da minha terra: o militar perfeito, o homem para quem a farda se transformou numa segunda pele natural.

- Ganhar a guerra? - perguntou, embora achando que seria mais prudente encerrar ali a discussão. O farisaísmo daquele coronel calvinista era uma capa vermelha capaz de assanhar até o manso touro que modorrava dentro dele. - Para quê?

- O senhor sabe muito bem qual é a resposta. Para deter a marcha do comunismo e instaurar a democracia nesta parte da Ásia.

- Eu quisera que o problema fosse simples assim... - resmungou o major. Não creio que esta guerra represente uma pura confrontação entre comunismo e democracia.

- Repito que, como soldados, nos compete apenas lutar até à vitória final! exclamou o comandante com a veemência de quem dá uma ordem.

O homem gordo remexeu-se na cadeira, fazendo-se a si mesmo várias perguntas. Que bicho estaria roendo as entranhas daquela criatura? O calor? O peso da responsabilidade de governar uma cidade enigmática minada de inimigos? A canseira, a falta de sono? Ali estava um indivíduo contraído física e psicologicamente.

Por algum tempo ficou a examinar o outro. O coronel era alto e de uma magreza atlética e elástica de quadris estreitos e ombros largos. Os cabelos, de um curioso louro-esverdeado e cortados rentes ao crânio, iam muito bem com o tom do uniforme, e eram na cor parentes próximos dos olhos metálicos, de íris pontilhadas de ouro - o que lhe dava um vago ar de felino. Seus traços, principalmente a testa, o nariz e a linha dos maxilares, eram vigorosos. A fraqueza daquele rosto estava na boca, de lábios demasiado finos e descorados.

- Não me interprete mal, major. Não pense que gosto desta guerra em que, bem ou mal, estamos envolvidos. É demasiadamente fluida e informe para o meu temperamento.

Pousou por um instante a longa mão sobre a nuca. Depois prosseguiu:

- Às vezes chego a sentir até uma certa nostalgia da outra guerra, a grande. Ficou um instante a olhar para o teto, como a falar sozinho, num transe. - Servi na África. É evidente que o deserto era um inferno durante o dia, e o sol às vezes quase nos levava à loucura... Aqueles ventos quentes pareciam soprados pela boca do inferno, e a areia que levantavam era uma lixa que raspava os nossos nervos. Mas as noites eram frescas, frias mesmo, e caíam como um bálsamo sobre nossas canseiras e queimaduras. Podíamos ver as estrelas no céu limpo. E não havia lá essa maldita vegetação tropical, nem mosquitos, nem lama... E, acima de tudo (isso era o mais importante!), podíamos ver a cara do inimigo. Era tanque contra tanque, homem contra homem, quase como nas liças entre cavalheiros da antiguidade. A natureza mesma do terreno não permitia a emboscada. No entanto aqui estamos atolados numa

guerra traiçoeira, a prestações, quase impessoal, em que combatemos ratazanas que vivem em cavernas e galerias subterrâneas... Ser alvejado e não poder às vezes responder ao fogo é uma coisa que me põe furioso. É uma guerra tão suja, esta, que nem sequer inspirou ainda uma canção.

Por um momento o major ouviu apenas o ruído da voz do outro, pois estava pensando em sua casa. Como o "seu problema" parecia ridículo visto daquela distância no tempo e no espaço! Que pensaria o bravo guerreiro se ele lhe contasse a sua história, as suas dificuldades, o seu draminha doméstico? Poderia fazer isso em poucos minutos, sem modular a voz, sem teatralizar nada... "Sabe de uma coisa, coronel?" - imaginou-se a dizer - "às vezes chego a pensar que esta campanha sórdida, langanhenta e absurda, é menos irritante do que a que tive de sustentar em minha própria casa antes de vir para cá. Porquê? Ora... este homem gordo e aparentemente plácido que vossa excelência tem diante dos olhos foi psicologicamente castrado por uma mãe egoísta e dominadora que conseguiu arruinar o seu casamento. Sim, minha mulher pediu divórcio porque não podia aturar as intrigas e a presença da sogra um minuto mais. Já imaginou o que é uma dama de sessenta e três anos, viúva e motivada pela consciência de que nada é suficientemente bom para o seu filhinho único e querido? Recusei o divórcio. Não só porque sou católico (mau católico, por sinal) mas também porque afinal de contas amava e ainda amo a minha mulher e os nossos filhos, que ela levou consigo. Sim, porque a separação se efetivou. No dia em que minha esposa abandonou a casa, "mamãe" proclamou intimamente feriado nacional. Quis depois que eu processasse a "outra" por abandono de domicílio, e exigisse para mim a custódia das crianças. Neguei-me. A velha por fim se conformou. Porque o que ela queria mesmo era ficar com o filhinho. Palavra, coronel, houve uma hora em que tive medo de odiar minha própria mãe. (E não estou certo de que não a odeie...) Achei mais fácil odiar-me a mim mesmo. Como vingança (contra quem, não sei ao certo) passei a chafurdar. Mulheres, álcool, comidas, tudo em exagero. Corri o risco de ser desligado do Exército. Depois... me mandaram para cá. Não foi uma solução,

reconheço, mas uma trégua. E aqui estou. Minha extremosa mãe usou de toda a sua influência de viúva de um senador para evitar que enviassem o seu filhinho para a "guerra suja", embora ache, como tantas outras mães, quando se trata dos filhos alheios, que é aqui que estão as fronteiras da democracia que nossos bravos rapazes devem defender a qualquer preço. Pronto, coronel! Agora me conte a sua história."

O comandante apontou para a janela e disse:

- Já pensou, major, que neste exato momento, a despeito de toda nossa vigilância, é possível que um desses magricelas comedores de arroz esteja escondido, empoleirado numa dessas árvores, e com um tiro possa matar o meu melhor oficial?

Uma expressão gaiata animou o rosto do major.

- Coronel, não creio que por "meu melhor oficial" o senhor tenha querido referir-se a mim. Longe disso! Mas já pensei, sim. Alguém um dia me alvejou do alto de um pagode. Errou o alvo por milímetros... Meu anjo da guarda sorriu... E agora estou casualmente na linha de mira do seu guerrilheiro hipotético.

Como se não tivesse ouvido a observação humorística, o coronel contou:

- Um dia destes vi um de nossos fuzileiros, um rapagão louro de quase dois metros de altura, com uma cara de guerreiro nórdico, ao lado de um bandoleiro comunista, um rato amarelo e raquítico, um sub-homem. O contraste era ridículo. E dizer-se que esses macacos ousam enfrentar a maior potência militar e econômica que o mundo já conheceu!

- No entanto - murmurou o major, pachorrento - devemos reconhecer honestamente que não estamos ganhando a guerra...

- Ora, nossos reveses e dificuldades são apenas temporários. Dêem-nos mais tropas, aviões, helicópteros, carros de assalto... e havemos de liquidar o inimigo. E que nos seja principalmente permitido atacar o foco da infecção, esmagar a cabeça do dragão. Temos de cortar o mal pela raiz. E a raiz está aqui!

Aproximou-se de um dos mapas e encostou o indicador num ponto. Era a Capital da parte norte daquele país dividido.

- Derrotar o inimigo com estes aliados que temos? - perguntou o

major, erguendo-se e batendo o bojo do cachimbo contra a sola de uma das botas, por cima da cesta de papéis. - O senhor sabe, exceção feita a algumas unidades de elite, as tropas nacionais lutam mal, sem coragem, convicção ou competência. E ainda por cima são desonestas. Roubam e maltratam os habitantes das aldeias amigas que são confiadas à sua guarda.

Estava agora ao lado de seu superior, olhando também para o mapa, em que a rota de municiação era representada por uma linha vermelha, longa e sinuosa.

- Há muito que estou certo de que teremos de fazer este serviço sozinhos disse o coronel, fazendo com as mãos um gesto que abrangia não só o mapa daquele país como os das nações vizinhas.

- Nossas munições são trazidas para cá em grandes navios ou aviões, com abundância e na maior segurança. É fantástico pensar que cada dois tiros de morteiro que o inimigo dispara contra nós depende de um homem dessa incrível linha de municiações que, às centenas ou milhares, vêm do Norte e, muitos deles descalços e seminus, percorrem mais de mil quilômetros de terreno acidentado... montanhas, selvas, pantanais, abismos... Como as formigas, cada um desses sujeitinhos parece capaz de carregar um peso maior que o do próprio corpo... Trazem as suas rações de arroz, bebem a água que encontram pelo caminho, pura ou impura... às vezes são mordidos por cobras, escorpiões, aranhas... atacados por feras... ou se esvaem em disenterias sangrentas... isso para não falar no fogo eventual de nossos aviões... Essa marcha trágica dura três meses! Não é espantoso? Muitos morrem no caminho. Mas a maioria entrega a carga. Voltou-se para o major.

- Agora, me diga, que é que move essa gente?

- Talvez o amor à sua terra. Ou o ódio ao branco.

- Será que não compreendem que podemos e queremos ajudá-los?

- Não estou muito certo de que eles desejem a espécie de salvação que lhes oferecemos...

- Você fala como um desses políticos chamados "liberais" que não aprovam nossa intervenção nesta guerra.

- Às vezes penso que não devia ter seguido a carreira das armas, que talvez me tivesse sido melhor entrar na política como meu pai,

e como meu avô antes dele. Se isso tivesse acontecido, possivelmente eu seria hoje um desses senadores do Sul, com um chapelão de vaqueiro na cabeça, e estaria no Congresso, fazendo discursos pomposos e vazios...

O coronel voltou a cabeça.

- O que não compreendo, major, é como no fim de um dia pesado e mormacento como este o senhor ainda possa conservar o seu bom humor.

O major pensou na mãe. Ouviu com a memória sua voz bem-educada mas ácida. "Sua mulher gasta demais. Vestidos, jóias, sapatos. Um carro novo de dois em dois anos. Um militar não é um milionário. Reaja, meu filho. O que perde você é esse excesso de condescendência."

Naquele momento entrou um dos ajudantes-de-ordens do coronel.

- Deseja alguma coisa, comandante?

- Nada, obrigado. Diga ao pessoal que pode ir. Ficarei ainda mais alguns minutos. Os papéis estão todos assinados. Estarei no meu hotel das oito em diante. Se surgir alguma emergência, pode me chamar.

- Perfeitamente, senhor.

O ajudante-de-ordens apanhou os papéis de cima da mesa e, antes de retirar-se, acendeu a lâmpada.

O major piscou. A esposa acendera a luz. Fazia algum tempo que ele estava deitado ao lado dela, no quarto em penumbra, tentando excitá-la para o ato do amor. Ela se encolhia, negando-se. Alegara a velha desculpa: enxaqueca. Mas ele conhecia a verdadeira razão da recusa. E agora, a lâmpada acesa, ela estava sentada na cama, de braços cruzados. Mesmo sem um pingote de pintura no rosto, era uma mulher atraente... "Por favor..." - murmurou ele, pousando a mão no joelho dela. Ela encolheu as pernas, enlaçou-as com ambos os braços, pousou o queixo entre os joelhos e ali ficou, como entrincheirada. "Não insistas por favor. Não podemos continuar a farsa. Tua mãe conseguiu te transformar por completo. Pensas que não sinto a mudança?"

"Tolice, meu bem. Eu ainda te quero como no primeiro dia."

"Seria mais exato se dissesse que me desejas. Ou será que não

conheces a outra espécie de amor... o que não se alimenta só... dessas coisas?"

"Não me digas que consideras sujo o amor físico."

"Se me buscas levado unicamente por um impulso animal, acho."

"Mas eu te amo!"

"Tu amas a tua mãe. E que se pode esperar de uma mãe que conserva intacto o quarto de solteiro de seu filho casado há dez anos, na esperança ainda de que ele volte um dia para casa?"

As imagens do passado apagaram-se. O major agora prestava atenção às palavras do homem que tinha a seu lado, e que dizia:

-... por exemplo, essas contendas religiosas... às vezes passo pela frente das ruínas do Centro Cultural e meu sangue ferve... Você ainda não estava aqui. Foi há três anos, durante a primeira revolta dos budistas. Uma multidão de fanáticos enfurecidos atacou e incendiou o Centro, destruindo não só vidas humanas como também os dez mil e tantos livros que nosso Governo havia doado à sua biblioteca. Isso tem algum sentido?

- Bom, talvez como católico eu esteja em melhores condições que o senhor para compreender essa gente e seus motivos, mesmo os absurdos e aparentemente inexplicáveis...

O coronel dardejou para o major um olhar quase rancoroso.

- Porque o católico haverá de compreender melhor os Asiáticos? Por ser mais arejado que o protestante? Embora considere de mau gosto discutir assuntos religiosos, devo dizer que a minoria católica deste país pode ser tudo, menos tolerante.

- De acordo.

- O arcebispo desta cidade é o membro mais velho da família à qual pertencia o falecido Presidente. Foi ele um dos responsáveis indiretos pela revolta budista. Aprovou e apoiou as arbitrariedades e a intolerância religiosa de seu augusto parente, que invadiu templos e pagodes e prendeu bonzos. Chegou a proibir qualquer comemoração no dia do aniversário de Buda...

- E o nosso Governo até certo ponto tomou o partido dos budistas, dando aos generais deste país a luz verde que eles esperavam para depor seu Presidente.

- Para depô-lo sim, mas não para assassiná-lo.

- Seja como for, de que serviu o sacrifício desse homem e a mudança de Governo? Depois disso, sete ou oito gabinetes foram constituídos e derrubados. E tivemos agora essa outra revolta budista, mais séria que a primeira, quase causando entre as forças do Sul uma subdivisão que só poderia servir aos comunistas...

O coronel apanhou o jarro, levou-o à boca e bebeu o chá, já morno, que nele restava. - Tudo isso é uma confusão dos diabos!

- Bom, coronel, o pior já passou. E dentro de um par de dias o senhor delegará a um general nativo a ingrata tarefa de preservar a paz e a ordem nesta cidade...

- Sim, mas que me diz dessas explosões? Meu orgulho de militar e de homem exige que, com a cidade, eu entregue às autoridades do Sul os bandidos que plantaram as bombas!

- O senhor parece sentir esses atos de terrorismo como um ataque à sua pessoa, não?

O coronel fitou nele o duro olhar esverdeado.

- Sem dúvida, major, sem a menor dúvida!

A luz do poente dava à fachada do Hotel du Vieux Monde, ali no centro da cidade, à margem direita do rio, umas tintas alaranjadas, laminando de ouro as vidraças de suas janelas. Era um prédio cor de osso, de aspecto um tanto pesado. Tinha seis andares e uma porta cochère com um frontão grego, à entrada principal. O tempo e a intempérie haviam reduzido a uma pálida tonalidade de jade as venezianas, outrora vivamente verdes, de suas duzentas e cinqüenta janelas. Na sacada central, no segundo piso, haviam já tremulado as bandeiras de três nações conquistadoras. Agora uma quarta, a dos aliados de além-mar, ali estava, tão enrolada, murcha e imóvel no ar estagnado, que parecia a meio pau, como em homenagem a algum morto ilustre.

O saguão, no rés-do-chão, era amplo, bem fenestrado, e decorado de maneira tão incaracterística e neutra, que poltronas, sofás, mesas, consolos, tapetes e quadros pareciam sumir-se mimeticamente no ambiente. Avultavam, porém, aqui e ali, as grandes escarradeiras e cinzeiros de latão, e folhagens que cresciam com agressiva exuberância em potes de barro, aos cantos. A planta que mais despertava a curiosidade dos estrangeiros, como

um símbolo daquela terra misteriosa e bárbara, era a que, quando no escuro, luzia com uma verde fosforescência fantasmagórica. Pendentes do teto por longas hastes, quatro grandes ventiladores de tipo antigo, desses dotados de pás semelhantes a hélices de aeroplano, moviam-se sonolentos. O hotel era servido por quatro elevadores, pequenas gaiolas de ferro negro trabalhado à melhor maneira da *belle époque*, e que subiam e desciam, macios mas ronceiros. Começava ali no saguão a grande escadaria de mármore que levava ao primeiro andar, onde ficavam as salas de visita, o salão de festas e o bar. Entre 1910 e 1930 ali costumava reunir-se à tardinha e à noite a escassa colônia européia da cidade, numa busca de convívio e divertimento, isolada que vivia da sociedade local, exclusivista, impenetrável e olímpica, em que havia descendentes de antigos imperadores e mandarins. Naqueles salões jogava-se, dançava-se, nasciam e espalhavam-se potins. Sob aqueles tetos começara muito namoro que mais tarde, nos próprios quartos do hotel, se fazia adultério. Uma dessas salas era famosa por conter a reprodução em tamanho natural do quadro *A Coroação*, de David, que ainda lá estava, já a pedir restauração, pois durante a Guerra de Independência, em 1954, uma bala perdida perfurara a testa da imagem do Imperador. Estava situado também nesse segundo andar o bar apainelado de nogueira, cuja especialidade, muito apreciada nos primeiros anos do século, era uma bebida conhecida pelo nome de arco-íris, e que consistia de várias camadas de licor, cada qual de cor diferente, e que o verdadeiro "conhecedor" devia beber, uma a uma, sem misturá-las. Nas noites de sábado, durante muitos anos, no salão de festas, um trio de homens desbotados e tristes, com jeito de naufragos - piano, violino e violoncelo -, tocava melodias de óperas e operetas. Havia menos de um ano o Exército da potência aliada de além-mar requisitara ao Governo local o Hotel du Vieux Monde para nele instalar seus oficiais solteiros e os casados que para ali tinham vindo sem suas esposas. O prédio, agora conhecido pela sigla A.O.S., era administrado por oficiais da Independência do Exército estrangeiro. O maitre e o chef europeus haviam sido conservados, bem como grande número de camareiros e camareiras nativos,

depois de submetidos à rigorosa investigação. Uma das primeiras iniciativas da administração militar foi a de colocar, no foyer, vendedores automáticos de cigarros, bebidas não-alcoólicas e gomas de mascar. Dizia-se que em breve o edifício seria dotado de uma instalação de ar condicionado.

À porta principal, guardas armados exigiam de quem entrava, mesmo dos militares, seus papéis de identidade. E os civis eram sempre cuidadosamente revistados.

Naquele fim de dia o porteiro do turno da noite como de costume entrou no hotel poucos segundos antes das sete horas. Depois de trocar algumas palavras com o colega que ia render, postou-se atrás do balcão da portaria.

Era um nativo de idade avançada, baixo, seco e encurvado. Tinha a cabeça completamente raspada e o pergaminho da pele tão esticado sobre a ossatura do rosto, que parecia uma múmia viva, no fundo de cujas órbitas se houvessem enxertado os olhos lustrosos e limpos de um homem de trinta anos. Seus lábios, de um vermelho-arroxeadado de carne em processo de putrefação, abriam-se com uma regularidade automática toda vez que um homem branco por ele passava ou lhe dirigia a palavra. Measureiro e serviçal, era muito popular entre os oficiais estrangeiros. "Vovô, onde se come bem nesta terra?" E lá estava o porteiro com o dedo nodoso a correr sobre uma planta da cidade, mostrando onde ficavam os restaurantes que podia recomendar. "Escuta aqui, meu velho, onde é que vou encontrar uma rapariga bonita e limpa que queira consolar por uma noite um soldado solitário?" E o porteiro, mostrando a dentadura que se lhe movia, malajustada, na boca quase informe, tirava do bolso a sua cadernetinha de capa vermelha, punha-se a folheá-la, e ia recitando os números de telefone com a descrição da rapariga correspondente a cada endereço. Trocava os erres pelos eles e sua voz tinha o diapasão de uma cornetinha de brinquedo. Entendia e falava, à sua maneira, pelo menos dois idiomas estrangeiros, além de conhecer bem vários dialetos de sua própria terra. Cultivava a Astrologia e a Geomancia, e dizia-se senhor de qualidades mediúnicas excepcionais. Era freqüentemente chamado à cabeceira de doentes moribundos:

acendia um feixe de hastes de incenso, caía em transe e esperava que os espíritos de seus ancestrais lhe inspirassem a medicação salvadora.

O porteiro noturno começou a manusear os cartões que o colega havia posto sobre o balcão. Eram as fichas dos oficiais que deviam deixar o hotel nas próximas vinte e quatro horas.

Ele começava a conhecer pouco a pouco, distinguindo uns dos outros, aqueles soldados estrangeiros, embora achasse que todos eles tinham mais ou menos a mesma cara. Via o ocupante do quarto número 314 ali no saguão, sentado numa poltrona, lendo um jornal. O ruivo que metia uma moeda na fenda da máquina de cigarros? O capitão do 330.

Ah! Agora entrava o coronel, os guardas à porta perfilavam-se e faziam-lhe continência. O porteiro apanhou a chave do apartamento do comandante e entregou-a, sorrindo, ao militar, que a apanhou distraído.

- Posso servi-lo em alguma coisa, meu coronel?

O outro sacudiu negativamente a cabeça e encaminhou-se para o elevador. O nativo seguiu-o com o olhar. O homem branco lhe parecia cada vez mais desfigurado: os vincos do rosto se lhe haviam acentuado naqueles últimos dias. Alguma doença do corpo ou do espírito decerto o devorava aos poucos.

Tornou a apanhar as fichas. Deteve-se a examinar a do tenente do 435. Trinta anos. Guerra psicológica. Diferente de todos os outros: pele trigueira, cabelos escuros e lisos. Sangue africano? Provavelmente. Seu jeito retraído e o modo como os companheiros o tratavam parecia sugerir isso. Tudo indicava que o tenente era outro que chegava ao extremo de sua capacidade de resistência. Fosse como fosse, seu tempo de serviço havia terminado e ele estava vivo e inteiro... pelo menos de corpo. Dentro de pouco mais de vinte e quatro horas estaria em sua terra natal com a família. Era melhor voltar para casa sentado vivo num avião de passageiros do que morto dentro de um caixão coberto pela bandeira da pátria. Rapaz de sorte!

Virou e revirou a ficha do tenente, leu e releu a data de seu nascimento, franziu a testa, cerrou os olhos e por alguns segundos

concentrou-se em cálculos astrológicos. O 435 tinha nascido no ano do búfalo... Mau, mau. "O dia de amanhã não lhe será nada auspicioso" - murmurou para si mesmo. Seria um risco enorme para o tenente fazer uma viagem aérea transcontinental. Devia adverti-lo do perigo?

Ficou em dúvida, batendo distraído com o cartão na unha do polegar da mão esquerda. Depois deixou cair a ficha sobre o balcão e aproximou-se do barômetro, que se achava junto da porta do refeitório. A coluna de mercúrio estava quase a passar do número 38.

O tenente do 435 olhava obsessivamente para o ventilador que pendia do centro do teto de seu quarto, mas aquelas pás, que giravam num ritmo regular e hipnótico, nada mais eram que um reflexo em suas pupilas imóveis, sombra de uma sombra na sua mente, onde agora uma rapariga sentada no meio de um jardim ardia como uma tocha.

Fazia algum tempo que estava deitado em sua cama, completamente despido, tentando vencer o torpor que o colava aos lençóis molhados não só do suor de seu próprio corpo como também da umidade que descia com a noite e entrava pela janela com os ruídos da rua. Precisava levantar-se, tomar um banho, vestir-se... Tinha convidado sua amiga, a professora, para jantar. "No Oiseau de Paradis, à sete e meia" - haviam combinado. Depois ele iria despedir-se de K. na casa de *rendez-vous* onde, durante aqueles últimos seis meses, costumava passar uma hora com ela, duas vezes por semana. No entanto ali estava paralisado, como nesses pesadelos em que o pensamento se conserva lúcido - talvez lúcido demais, a ponto de doer como um estilete gelado nos miolos - mas o corpo recusa obedecer às ordens do cérebro. Tinha a mão esquerda espalmada sobre o peito, e entre a pele de ambos sentia formar-se uma camada viscosa de suor. Quis erguê-la para ver a hora no relógio-pulseira, mas o braço permaneceu inerte, como se pertencesse a outra pessoa. Sentia ao longo dos dedos, por entre as costelas, o pulsar acelerado do coração. Que se passava com ele? Estaria doente? O médico que lhe fizera um exame geral na véspera assegurara que tudo estava perfeitamente bem.

Eletrocardiograma excelente. Auscultação torácica satisfatória. Reflexos normais... No entanto agora sentia o corpo mais que nunca, principalmente a cabeça e o peito, que subia e descia ao ritmo de uma respiração curta e penosa. Devia ser o calor, a baixa pressão barométrica, a umidade... Claro, também passara o dia pensando na cena de horror que presenciara aquela manhã. Cerrou os olhos e viu contra a escura púrpura das pálpebras a estudante budista envolta numa labareda. Aquela imagem lhe voltava com freqüência à mente. Era como se a cada minuto a rapariga repetisse dentro dele o brutal sacrifício.

Saíra de manhã cedo para comprar, na rua do mercado, presentes para a mulher e o filho... e também um pequeno anel com uma turquesa para K. Adquirira para o seu menino (como ele ia gostar!) um chapéu cônico como os que os nativos usavam: podia-se ver contra a luz um poema escrito a nanquim num pequeno pedaço de papel metido entre duas camadas de bambu. Para a mulher comprara, além de uma estatueta de terracota, umas calças compridas de seda e um ao-dai azul... Os pacotes que continham os presentes para a família pesavam-lhe nas mãos, mas o pequeno estojo que trazia num dos bolsos do blusão, com o anel, pesava-lhe na consciência como um remorso. Era inútil tentar iludir-se. Ele amava K. e isso lhe dava uma certa vergonha. Ela era uma prostituta como centenas de outras que se entregavam a vários homens por noite e "pertenciam" a um proxeneta que as explorava como se elas fossem máquinas. De qualquer modo, não ia ser fácil dizer-lhe adeus, separar-se dela para sempre.

Perdido nesses pensamentos, entrara na cidadela. Queria ver pela derradeira vez os seus jardins. Ficara por um instante parado diante do pagode de fachada coberta de ladrilhos escarlates, apreciando a sua esbelta graça que de certo modo lhe lembrava a figura de K. Foi então que ouviu um riso de mulher e viu uma estudante sair do templo. Era pouco mais que uma menina. Por cima das calças compridas de seda negra, vestia uma túnica branca de gaze, aberta dos lados, da cintura para baixo. Os cabelos longos e negros caíam-lhe sobre os ombros. Que trazia ela nas mãos? Talvez uma bolsa com livros... Não. Uma lata. Caminhou até ao centro do passeio,

sentou-se no chão à maneira oriental, abriu a lata, ergueu-a sobre a cabeça e despejou todo o seu conteúdo líquido sobre os cabelos, os ombros, o torso, os braços e as pernas. Ele achou estranho o cerimonial. E quando de súbito compreendeu o que ia acontecer, era tarde de mais. A estudante havia já riscado um fósforo e de seu corpo brotou uma labareda, acompanhada de uma explosão opaca, e ela começou a arder como uma boneca de pano. Ele ficara paralisado de surpresa e horror, querendo mas não podendo desviar o olhar daquela tocha humana.

O tenente conseguiu mover o braço, trazer o pulso à altura dos olhos. Não pôde, entretanto, ver com clareza a posição dos ponteiros do relógio. Tinha nove anos. Era uma noite quente de agosto. A mariposa esvoaçava ao redor da chama da vela. O menino teve a intuição do que ia acontecer, passou-lhe rápida pela cabeça a idéia de salvar o inseto, mas seus braços não fizeram o gesto coerente com essa intenção. Porquê? De certo modo ele queria ver o espetáculo. Olhava perplexo para a mariposa, desejava que ela se aproximasse mais e mais da chama, e quando isso aconteceu e o inseto se incendiou e caiu ao pé do castiçal, ele sentiu um estranho gozo, que era a um tempo dor, pena e remorso. O tenente cruzou os braços sobre o peito e ficou a lembrar e analisar, com um prazer que ele próprio achava masoquista, a cena da manhã. Poderia ou não ter impedido o suicídio? Estava a umas escassas vinte jardas da menina. Talvez lhe tivesse sido possível intervir... Agora parecia lembrar-se de que o cheiro de gasolina lhe chegara às narinas dois ou três segundos antes da estudante riscar o fósforo... (Ou tudo isso era apenas uma perversidade da memória, para lhe agravar o sentimento de culpa?) Mas não seria ele um relapso em matéria de egoísmo e traições? Era possível e quase provável que tivera um conhecimento pré-consciente da tragédia.

Descruzou os braços e soltou um suspiro, impaciente consigo mesmo. As coisas não se tinham passado assim. Não havia por que ficar ali a recriar-se. Rebolcou-se na cama, tratou de esquecer a suicida, pensar na mulher, no filho, em K., na sua viagem de volta para casa. Buscou imagens domésticas. Em vão! Lembrava-se

agora, nauseado, do cheiro de carne assada que se esparzia no ar enquanto o fogo consumia a moça. Havia-se formado ao redor da suicida um círculo de curiosos, homens, mulheres e até crianças. Ele sentira, mais que vira, indiferença (ou resignação?) na atitude dos circunstantes. Uma fumaça escura subia do corpo meio carbonizado. O pagode tranqüilo entre as árvores. O sol no horizonte, como um enorme fruto vermelho. Os hibiscos floridos. Como era possível beleza e horror, vida e morte, harmonizarem-se assim no mesmo quadro?

Tornou a mudar de posição na cama. Sentiu o cheiro acre do próprio corpo. A cabeça lhe doía agora com mais intensidade. Se ao menos pudesse descobrir um pretexto para cancelar aquele jantar... Admirava a professora. Era uma mulher inteligente e corajosa, que mantinha na cidade, por conta própria, um internato para meninas órfãs. Revelava ter muitas e boas leituras. Gostava de estar com ela, mas naquele dia não se sentia disposto a conversar com ninguém. Nem, talvez consigo mesmo. Com K era diferente, pois um não falava a língua do outro...

Havia passado a tarde inteira tentando, mas sem conseguir, arrumar as malas. Desde a véspera oprimia-o a premonição de que seriam inúteis aqueles preparativos porque nas próximas horas ia acontecer-lhe alguma coisa que o impediria de embarcar... No entanto estava satisfeito por haver terminado seu tempo de serviço, queria livrar-se o quanto antes daquela terra demoníaca que lhe atacava os nervos, daquele clima quente e viscoso e, acima de tudo, daquela guerra cruel. Sentia-se sujo, por dentro e por fora, sujo das violências e morticínios que presenciara. Às vezes, durante dias, andara com a podridão dos cadáveres como que entranhada nas roupas, na pele e, pior ainda, na memória,

De novo imaginou-se diante do pagode, olhando para a mariposa suicida. A menina e o inseto - o ao-dai, as asas - tinham encenado, cada qual à sua maneira, uma breve dança macabra. Recordava-se agora (ou estaria fantasiando?) que a estudante sorria enquanto derramava gasolina sobre o delicado corpo, e que continuara a sorrir até ao momento de riscar o fósforo, como se tudo aquilo fosse apenas um jogo pueril.

Pensou num dia em que fora chamado para estabelecer contatos humanos com a população de uma aldeia que durante semanas estivera em poder do inimigo. Competia-lhe reunir os chefes locais, parlamentar com eles, por meio de intérpretes, e convencê-los a colaborar com o Governo do Sul. A caminho dessa povoação o jipe que o conduzia fora alvejado por guerrilheiros comunistas atocaiados em árvores, e seus tripulantes obrigados a abandonar o veículo às pressas para procurar abrigo, enquanto seus companheiros liquidavam um a um os atiradores solitários.

O sargento branco que comandava a operação de limpeza, dissera que havia ainda alguns "macacos amarelos" escondidos numa caverna próxima, e que a solução mais prática e segura para fazê-los vir para fora era "chamuscá-los" com um lança-chamas. O tenente lembrava-se dos homens esqueléticos e lívidos que tinham saído a correr e a urrar da boca da caverna, com os corpos incendiados, e se atiravam no chão, rolavam na relva, tentando apagar o fogo que lhes devorava as carnes...

E agora ele tinha em mente essas tochas vivas, o pagode vermelho, as árvores, o Sol como uma queimadura no céu, a estudante budista, a mariposa... e de súbito era menino e espiava, por uma fresta de janela, o jardim de sua casa, onde ardia sobre a relva uma grande cruz de fogo. Vultos brancos com altos capuzes cônicos moviam-se como espectros por entre as árvores. Seu coração batia descompassado. Tinha ouvido falar naquela sociedade secreta que perseguia os homens de cor. Conhecia histórias de arrepiar. Costumavam despir os negros, besuntar-lhes os corpos de alcatrão e depois fazê-los rolar sobre um monte de penas de aves. Sabia de outros casos ainda mais terríveis: linchamentos, torturas, enforcamentos... A cruz de fogo no jardim... "Venha, meu filho, não é nada. Estamos acostumados a essas coisas." Ele se deixara levar pela mão, trêmulo. "Eles vão queimar a nossa casa, mamãe?" Ela sorria, triste. "Não. Só querem nos assustar. Venha dormir. Reze e peça a Deus que não permita que esses homens nos odeiem tanto." Mais tarde ele compreendera o sentido da cruz de fogo. Era uma advertência, um sinal de protesto, porque naquela casa vivia uma mulher branca casada com um homem de cor. Sim, essa era a dura

realidade. Sua mãe era branca pura e seu pai, um negro. O casal provocava escândalo aonde quer que fosse. Os brancos não suportavam aquela situação. E os pretos nunca chegaram a aceitar completamente em seu meio aquela mulher de pele clara e olhos azuis. Era por isso que eles viviam duplamente segregados a mudar-se de uma cidade para outra, como ciganos...

Agora o tenente tinha no pensamento a figura noturna do pai: um homem grande e triste, de olhar doce, voz penugenta, alto mas de costas um pouco encurvadas. Era um grande estudioso da Bíblia. Às vezes o pastor da congregação negra convidava-o para falar na Escola Dominical. Marceneiro de profissão, parecia trabalhar a madeira com amor. Sua oficina recendia a uma mescla de serragem e suor humano. E como era repulsivo aquele cheiro!

O tenente limpou o suor do rosto com a ponta do lenço. Devia ter catorze anos quando descobrira que não só se envergonhava do pai como também não o amava como devia. Mesmo agora, passados tantos anos, não, lograva evocar com ternura os tempos em que, nos domingos, ele e o velho saíam a andar pelo meio de um parque. Lembrava-se de certa manhã de outubro. O outono tinha incendiado as folhas dos bordos, e os esquilos, ativos, faziam provisões de nozes para o inverno... Seu pai lhe ia ensinando o nome popular e o científico dos pássaros e plantas que encontravam pelo caminho. A lembrança mais nítida que lhe ficara daqueles passeios, entretanto, fora a sua sensação de constrangimento, que vinha da simples presença a seu lado daquele corpo grande e escuro, o contato daquela mão preta, de palmas rosadas... Sentia uma fria vergonha quando pensava em que sua mãe, uma mulher branca, uma professora, se havia casado com aquele homem de cor e dormia a seu lado, na mesma cama... já adolescente, muitas vezes ficara a pensar naquela estranha união. Sabia que a mãe não só tivera de romper com sua família que se opusera indignadamente ao casamento - como também com todos os seus amigos, o seu passado, em suma, com o mundo dos brancos. Mas o que ele, filho, não compreendia muito claro era a natureza daquela poderosa paixão. Reconhecia que o pai não era um homem feio. Dizia-se que tinha bons conhecimentos gerais e

era um excelente marceneiro. Mas o que devia ter havido da parte de sua mãe reconhecia ele, às vezes, com relutância - era uma incontida atração carnal por aquele homem de pele parda, e isso a diminuía a seus olhos, como se ela fosse uma espécie de prostituta. Reagia contra essa idéia perturbadora, mas nem por isso conseguia acomodar-se à situação, que sempre fora para ele uma ferida crônica aberta, um foco infeccioso... Porque queria desesperadamente ser branco! Podia passar por branco! Tinha a pele morena, herdara as feições delicadas da mãe. Muitas vezes ficava diante do espelho, angustiado, temendo descobrir na cara algum traço negro.

Tornou a remexer-se na cama. Nos seus pensamentos a estudante de novo ergueu a lata acima da cabeça, como a derramar óleo perfumado sobre os cabelos. Sim, tinha sido uma dança ritual. Talvez ele não tivesse mesmo querido saber o que ela ia fazer... Podia ter salvo a rapariga. Correr para ela, arrebatá-la das mãos a lata de gasolina... Pensando melhor, lembrava-se agora de que ela trazia duas latas. Primeiro esvaziou uma, depois a outra... Sim, eram duas! Se eram duas, ele teria tido mais tempo para compreender o que ia acontecer. (Mas a rapariga talvez recusasse a sua salvação.) Outras pessoas andavam pelas proximidades. Algumas delas pelo menos deviam ter percebido o que se passava, e nenhuma fez o menor gesto de interferência. Porque foi que a criatura se imolou? Um ato de protesto contra o Governo? Mas que pode uma menina de dezessete anos entender de política? Um ser humano que faz uma coisa daquelas estará no seu juízo perfeito? Mas quem é que está no seu juízo perfeito? Estarei eu?

Fosse como fosse, agora de nada servia fazer-se essas perguntas. E de novo o tenente olhou fixamente para as pás do ventilador... as rodas de um vapor cujo apito tocava velhas melodias do sul... Era na pequena cidade à beira do grande rio, no ar o odor de melão e água. Eles viviam no gueto negro. O barco aproximava-se do trapiche de madeira, ia atracar. A moça de vestido azul debruçada na amurada olhou para ele e gritou: "Você aí, menino! Tome." Atirou-lhe um níquel que caiu sobre as pranchas do trapiche sobre o qual se amontoavam balas de algodão, e lá ficou luzindo ao sol da

manhã. Ele, porém, dominou o impulso de correr para apanhar o dinheiro (pipocas, pralinas, sorvetes). Os viajantes brancos costumavam atirar níqueis sobre o cais para verem os meninos negros atracarem-se aos gritos, na disputa das moedas. Mas ele não queria ser negro, ele não era negro. Sua mãe era branca e tinha os cabelos claros, como a moça de azul. "Você! Pegue o níquel! É seu!" Não havia nenhum outro menino nos arredores. Ele voltou a face para outro lado, as orelhas em fogo, começou a assobiar, disfarçando, e se foi... Ficou depois espiando o navio que se afastava do cais e se ia, rio em fora, a mancha azul ainda junto da amurada.

Do alto da colina do cemitério onde seu pai estava enterrado, avistava-se o rio por entre os troncos dos sicômoros e das magnólias. O tenente pensava agora na pequena sepultura, imagem ligada a fatos e sentimentos que queria esquecer para sempre. Pulou da cama, como galvanizado, e pôs-se a caminhar de um lado para outro, procurando fugir do próprio passado.

Inútil! Inútil! Jamais poderia esquecer que tinha traído e negado o pai muitas vezes. Era uma ignomínia - reconhecia ele. E seus pensamentos o levaram a um dos dias mais dramáticos de sua adolescência. Espalhara-se pela manhã a notícia, confirmada pelos jornais da tarde, que um negro havia assaltado, roubado e ferido um branco, sem que a polícia tivesse conseguido ainda capturá-lo. Então vários grupos de brancos armados de porretes e soqueiras haviam saído pelas ruas do bairro negro numa expedição punitiva indiscriminada. Ele teria uns dezessete anos e caminhava cabisbaixo numa calçada, ao lado do pai, quando viu surgir-lhes pela frente três homens brancos de grande estatura. Ouviu-se uma voz: "Agarra o negro!" Ele fez meia volta e deitou a correr em pânico deixando o pai para trás. Sentiu uma pedra passar-lhe rente à orelha... Fez alto à primeira esquina, voltou a cabeça e verificou, aliviado, que ninguém o seguia. Mas avistou os três desconhecidos esbordoando e espezinhando seu pai que, caído no chão, encolhia-se e protegia a cabeça com as mãos...

Mesmo agora, só de pensar nesse seu ato de covardia o tenente sentia um mal-estar quase tão intenso como o que o atormentara

naquela tarde do passado, em que andara a vaguear sem rumo pelos arredores da cidade. Só ao anoitecer, quando a paz voltara ao bairro negro, graças à intervenção da polícia, é que decidiu voltar para casa. Sem coragem de entrar, ficou a rondar pelas vizinhanças, mas o vento frio, mais forte que sua vergonha, impeliu sua mão que bateu na porta paterna. Ao vê-lo, a mãe soltou uma exclamação e rompeu a chorar. "Meu filho! Meu filho!" Imaginava que o tivessem linchado. Apalpava-lhe o corpo, fazia-lhe perguntas aflitas. Não estava ferido? Onde tinha passado todas aquelas horas? Estava com fome? Ah! Que geladas, as suas faces! Ele tentara resmungar uma explicação, mas não conseguira sequer mover os lábios para formar a menor palavra. "Vá ver seu pai. Hoje de tarde uns homens malvados quase o mataram a bordoadas e pontapés. Vá dizer-lhe uma palavrinha e volte depressa para tomar uma tigela de sopa quente." Ele entrara a medo no quarto do casal.

O pai estava deitado na cama, no escuro, como um grande urso preto a lamber em silêncio as suas feridas. "Meu filho, estávamos apreensivos..." Sua voz doía. Ele se aproximou da cama, bendizendo a escuridão que lhe tornava aquele encontro menos penoso. O cheiro do pai, suor e febre, envolveu-o. Sentiu a mão áspera do velho apertar a sua. Ouviu-o sussurrar: "Sua mãe não sabe que você estava comigo quando aqueles homens me atacaram. Não lhe diga nada... Promete?"

Aquela noite ele não conseguira dormir. Ficara sob as cobertas, de olhos abertos, escutando os gemidos e suspiros do pai, que vinham do quarto contíguo. Devia ser já madrugada quando ouviu o pobre homem dizer: "ó Deus, dá-me forças para suportar esta humilhação." Depois, a voz da mãe. "Dorme, meu amor, dorme." Silêncio breve. "Foi um erro termos casado um com o outro. Eu só tenho trazido desconforto e vergonha para a tua vida." - "Tolice! Tu sabes o quanto te quero. Não há-de ser nada. Depois do que aconteceu, acho que não podemos continuar aqui... Vamos embora para outra cidade qualquer. O mundo é grande." O marido soltou um suspiro: "Santo Deus, outra vez?" E desatou a chorar em grandes soluços. Depois queixou-se: "O meu filho não me ama. Envergonha-se de mim. Mas eu não o censuro. É duro ser negro

neste país... em qualquer parte do mundo." Novo silêncio. Depois, a voz fosca do velho: "Seria melhor que aqueles homens me tivessem matado, palavra de honra!" - "Não digas tamanha blasfêmia!" - "Quando eu morrer vocês dois poderão viver normalmente como seres humanos..." - "Vamos, dorme, tu precisas de sono. Deus é grande. E Ele sabe o que faz." Pequena pausa. Outra vez a voz de feltro: "Eu às vezes duvido..."

O tenente apanhou a garrafa metálica que estava sobre a pequena mesa-decabeceira e tomou um largo sorvo d'água. Depois encaminhou-se para o quarto de banho.

Parou à porta, como subitamente paralisado. Aquele dia... A mãe estava na escola primária onde lecionava. A casa, silenciosa. Ele se encaminhara para o quarto de banho, abriu a porta e encontrara lá dentro o pai, enforcado pelo suspensório amarrado a uma trave do teto, balouçando-se de leve como um enorme boneco de pano, a língua de fora, os beiços arroxeados, a cara cinzenta, os olhos exorbitados... Tudo escureceu em torno, suas pernas afrouxaram-se e ele tombou sem sentidos.

O tenente postou-se debaixo do ralo do chuveiro e abriu a torneira. A água estava morna. Sentiu que continuava a transpirar, mesmo sob a ducha. Ensaboouse, fez espuma com abundância e esfregou-se com vigor, principalmente nas axilas. Mal terminou de enxugar-se, sentiu o suor de novo a correr-lhe pelo corpo. Diante do espelho, passou debaixo dos braços o bastão de desodorizante. Tinha horror à idéia de que o cheiro de seu corpo pudesse denunciar a sua origem racial.

O aroma do sabonete ficara no ar, doce e evocativo. Evocativo... de quê? Magnólias em flor no cemitério, no dia em que sepultaram seu pai... Os homens pretos vestidos de preto em torno da cova. A terra parda. O céu azul. O pastor, sua voz cheia e grave - "ó Deus, perdoa e recebe no Teu seio a este pobre pecador que não teve a coragem suficiente para suportar as vicissitudes e maldades deste mundo. Oremos, irmãos!"

O tenente contemplava-se no espelho, e descobria algo do pai no próprio rosto. A expressão dos olhos? A boca? Quando o cortejo se dispersara, a mãe lhe dera a mão e ambos dirigiram-se para o

portão do cemitério. Ela enxugava com o lenço as lágrimas silenciosas. Ele caminhava perdido em seus pensamentos confusos. Quase pisara distraído numa rosa amarela caída no chão. Sons alegres no ar. Um outro cortejo fúnebre entrava no cemitério. Fúnebre? Um jazz-band vinha à frente, comandado por um negro reluzente vestido de branco, a requebrar-se, risonho, com um estandarte tricolor nas mãos. Pistons, trombones, clarinetes, pratos, bombo, tambores! Os instrumentos de metal chispavam ao sol, tocando uma vibrante marcha triunfal. Pareciam desafiar a morte. As próprias pessoas que carregavam o caixão moviam-se ao ritmo da música, dançavam. Os parentes do defunto erguiam para o céu as caras transfiguradas de feroz exultação. E o cortejo fazia evoluções coreográficas por entre as sepulturas. Então ele sentiu como nunca a alegria de estar vivo. Era como se estivesse saindo de um prolongado pesadelo. Um pensamento se lhe formou na mente: Agora que "ele" está morto, nós dois poderemos viver como brancos. Nós somos brancos!

O tenente voltou para o quarto de dormir e começou a vestir-se lentamente. Lembranças havia que eram úlceras incuráveis da memória.

Olhou o relógio. Tinha ainda vinte minutos pela frente, chegaria ao restaurante à hora marcada. Seu olhar nesse momento pousou no papel que estava em cima da escrivaninha. Apanhou-o, sentou-se, acendeu a lâmpada. Era a carta que recebera de sua mulher, no dia anterior. Releu-a. "Meu querido: Não imaginas como estamos contentes, nosso filho, eu e todos os nossos amigos, por saber que dentro de mais uma semana estarás em casa, conosco, e para ficar! Este último ano foi para mim de grande agonia, e eu te confesso agora que meu pessimismo me levava a esperar todos os dias uma daquelas terríveis 'cartas' em que o Presidente lamenta comunicar, etc... Tu sabes. Mas essencial é que estás vivo, vivo! E..."

O tenente saltou por cima de várias linhas, procurando o trecho que mais o sensibilizara naquela carta: "Quero contar-te uma coisa que aconteceu a nosso filho, mas desde já te asseguro que não foi nada realmente grave do ponto de vista físico. Como vais encontrá-lo com a cabeça envolta em ataduras, não quero que te alarmes.

Como sabes, nosso menino entrou este ano para uma escola recém-integrada e há dois dias uns brancos adultos, pais e mães de alunos que não aprovam a integração, esperaram as crianças negras à saída das aulas para vaiá-las e apedrejá-las. Uma pedra atingiu nosso filho na cabeça, mas te juro que foi coisa leve, apenas um talho que não necessitou mais de dois pontos. Naturalmente toda essa história é deplorável, e se te escrevo agora é porque, se esperasse para te contar tudo verbalmente, estou certa de que romperia o pranto e não poderia falar...”

O tenente rasgou o papel com raiva e atirou seus pedacinhos no cesto, ao pé da mesa.

Quando, minutos mais tarde, já no saguão do hotel, aproximou-se do porteiro da noite para lhe entregar a chave do quarto, estranhou que, o homenzinho não lhe sorrisse, como de costume.

- Ali! O senhor tenente!... - exclamou o velhote, que tinha na mão um quadrilátero de cartolina. - Estou vendo... a sua ficha... - Falava stacatto, soltando as palavras como em rajadas de duração irregular. - Nascido... ano do búfalo... muito interessante!

O tenente depôs a chave sobre o balcão e ia encaminhar-se para a porta quando a múmia tornou a falar.

- Um conselho... o senhor tenente permite?... um conselho... Amanhã... dia do mês lunar não-auspicioso para o senhor oficial... Até meia-noite... hoje, sim... muito bom. Mas amanhã... muitos perigos... talvez desgraças... talvez.

- Amanhã vou embarcar de volta para a minha terra, vovô - murmurou o oficial, com a inexplicável sensação de que estava contando uma mentira.

- Não devia... dia não-auspicioso... Volte para o hotel... meia-noite... deite-se quieto... pés virados direção sul... Muito quieto... Dia não-auspicioso, amanhã...

O tenente olhava para o porteiro. Sua cabeça repelia a advertência, mas seu peito a recebia em cheio.

- Está bem... - murmurou, para encerrar o assunto.

Meteu a mão no bolso das calças, encontrou uma moeda de vinte e cinco centavos, colocou-a furtivamente sobre o balcão, como a pagar uma consulta que o degradasse.

O porteiro lançou um olhar enviesado para a moeda, mas não agradeceu.

O tenente caminhou para a porta do hotel, sentindo no peito as palavras do nativo como uma tatuagem de mau agouro.

Depois da caminhada, curta mas mesmo assim penosa do hotel ao restaurante, através da atmosfera pesada e úmida das ruas, o tenente sentia agora, graças ao ar condicionado uma promessa de bem-estar, ali no interior de L'Oiseau de Paradis.

Sentados a uma mesa, num dos cantos do salão, ele e a sua convidada bebiam martinis, enquanto esperavam os pratos que haviam encomendado. Sentiase curiosamente embaraçado. A professora andava geralmente vestida de um modo tão pouco feminino, era tão destituída de coquetismo, que nas ocasiões anteriores em que a encontrara, ele sempre lhe dirigira a palavra como a uma pessoa de seu sexo ou, mais precisamente, a um ser sem sexo determinado. Vira-a pela primeira vez, havia poucos meses, numa das aldeias que os aliados do Sul haviam acabado de tomar ao inimigo. Ele fora mandado para lá com seu grupo, a fim de doutrinar os camponeses, reorganizar a vida da comunidade, convencê-los da necessidade de deixarem-se examinar por médicos, permitirem que seus filhos fossem vacinados e aprenderem a usar sabão e a ferver a água antes de bebê-la. A professora havia sido designada para tomar conta das crianças e servir também como intérprete, pois falava correntemente a língua dos nativos. Descera de um jipe metida num uniforme militar verde-oliva, coberta de poeira da estrada, os cabelos atochados dentro de um chapéu masculino de pano, o blusão com escuras manchas de suor à altura das axilas, um cigarro aceso enfiado num canto da boca. (Parece um sargento - pensara ele.)

Agora quem tinha diante de si era uma mulher, a carnação tostada de sol realçada por um elegante vestido escuro de noite, o rosto pintado discretamente. Pela primeira vez o tenente percebia (e isso o constrangia um pouco) que aquela professora quarentona não era destituída de encanto sexual. Sua face, de uma nitidez vigorosa, quase metálica, lembrava uma efígie de moeda antiga. Sua voz, ele não sabia bem porquê, tinha um sabor de fruta madura e meio

machucada. E só agora ele percebia a beleza daqueles olhos límpidos, cor de violeta, que se harmonizavam tão bem com o castanho bronzeado dos cabelos.

Ela tirou da bolsa um cigarro, prendeu-o entre os lábios e aproximou-lhe a ponta da chama da vela encarnada que estava sobre a mesa. Foi então que pela primeira vez ele atentou nas mãos dela, expressivas como uma face humana, fortes sem serem grosseiras.

Ela o encarou por algum tempo em silêncio como a analisá-lo, e ele sentiu uma leve perturbação. Para disfarçar, olhou em torno. O salão estava decorado em tons de vermelho (segundo uma crendice asiática, a cor auspiciosa), as paredes recobertas de um brocado em tons de clarete com pagodes e árvores bordados a fio dourado.

As luzes e reflexos avermelhados daquele interior em penumbra levaram o tenente de volta ao menino que visitara um dia com sua mãe o museu de Ciência e indústria, em uma das grandes cidades de seu país. Tinham descido ao simulacro de uma mina de carvão em tamanho natural, sombria e fechada como aquele recinto. Lembrava-se do rosto da doce companheira, tocado de um reflexo de incêndio. Sentia um grande, confortável prazer no fundo do qual existia um elemento de medo, como um sorvete no âmago de um bolo quente. E enquanto o elevador descia às "entranhas da terra" ele procurava o contato fresco e tranqüilizador da mão de sua mãe. Na "mina" ouvia-se uma voz, provinda de um disco, explicando como trabalhavam aqueles bonecos automáticos que representavam os mineiros nas galerias subterrâneas, extraíndo carvão e mandando-o depois para o elevador em vagonetas, sobre os trilhos, ao longo das galerias. No restaurante, além do murmúrio das vozes das poucas pessoas que ali estavam, andava no ar uma melodia acariciante, em surdina - tudo tão sedativo, que ele sentia que sua dor de cabeça se atenuava aos poucos. Apanhou o seu copo e passou-o devagarinho pela testa, para gozar-lhe o contacto gelado.

- Gosto deste lugar - murmurou.

Ela também olhou em torno, e ao erguer os olhos para as lanternas do teto, sua testa se pregueou de rugas, e ele lhe notou a frouxidão

incipiente da pele, principalmente sob os maxilares. Mesmo assim não a achou mais velha ou menos atraente. E felicitou-se por ter vindo.

- Eu gostava mais deste lugar - disse ela - como era antes, quando não havia nenhuma música. Apenas o silêncio... e vozes abafadas... e as batidas dos talheres nos pratos. Vocês, quero dizer, os seus compatriotas, inventaram, industrializaram e transmitiram ao mundo esse hábito de viver contra um doce fundo musical, tornando tudo de certo modo parecido com o cinema, isto é, com uma ficção. - Soltou uma baforada de fumaça, tomou um gole de martini. - Quando visitei o seu país... (já lhe contei, creio, que passei um ano numa universidade do Oeste, fazendo conferências... não contei?) pois quando estive na sua terra, tenente, fiquei sabendo que essas melodias que a gente ouve nos escritórios, lojas, hospitais, salas de espera de consultórios e cinemas, são gravadas em fitas magnéticas por uma firma que as distribui entre seus "assinantes" e de tempos em tempos substitui os carretéis usados por outros com "nova carga". Contaram-me que as músicas são escolhidas pelo seu valor... digamos, opiativo, isto é, têm de ser suaves e capazes de se tornarem parte do silêncio... numa espécie de mimetismo sonoro. Recusa-se toda a melodia que possa excitar o ouvinte ou fazê-lo pensar. Ora, isso me parece o resultado de uma maneira demasiado pragmática de encarar a música, que para mim é a mais alta forma de expressão artística. - Tornou a olhar em torno e depois concluiu: - Pois é, tenente, eu preferia que isto aqui continuasse quieto como... como um templo.

O tenente gostava da maneira como aquela estrangeira falava a língua dele, com fluência, riqueza de vocabulário mas com um acentuado sotaque, cheio de erres rascantes e molhados. Como ela conservasse a entonação de sua língua materna, ele tinha a esquisita impressão de estar ouvindo uma melodia conhecida sua mas tocada em tom diferente daquele a que estava habituado.

- Para seus compatriotas, comer é uma espécie de ritual, quase uma religião disse.

Ela sorriu.

- Olhe, uma coisa eu lhe posso garantir. Nós comemos com prazer,

mas vocês, que no fundo são uns incuráveis puritanos, acham que comer é uma espécie de pecado da carne. Não é de bom-gosto discutir comida. Seus compatriotas comem por motivos pragmáticos, porque necessitam de uma certa quantidade de calorias, vitaminas e sais minerais. E no fundo nos desprezam (e há um pouco de inveja nesse desprezo) porque perdemos muito tempo à mesa... e também na cama, com os outros prazeres da carne. Ele fez um gesto largo, já meio inebriado pelo coquetel.

- Ah! Mas você exagera tudo!

- E por falar em exagero, se deixarmos de lado o barbarismo nazi, terá havido neste século guerra mais "exagerada" e absurda do que esta em que vocês se meteram e que não poderão ganhar... e não querem perder?

- Bom, como soldado... - começou ele, mas ela o interrompeu:

- Sei que você não é um soldado profissional e sim um civil fardado. Se me disser que aprova todo este genocídio insensato, eu não acreditarei na sua sinceridade.

Ele a mirou nos olhos.

- Nunca imaginei que você também não gostasse de nós.

- Quem lhe disse isso? Minha tendência natural é gostar das pessoas, dos países, das coisas... embora tenha algumas razões pessoais para olhar a vida com certas reservas. Mas há em seus compatriotas uma coisa que às vezes me exaspera. É... é uma espécie de candura, uma perigosa inocência juvenil misturada com um... um moralismo farisaico...

Ele pregueou os lábios numa expressão de dúvida. Bebeu outro gole de aperitivo. Ela prosseguiu:

- Na minha opinião, vocês se transformaram, talvez sem perceber, em modernos inquisidores que a ferro e a fogo querem impor aos hereges a sua Salvação e o seu Céu.

- Refere-se a esta guerra?

- Sim, e também a essa espécie de paz que seu país oferece aos chamados povos subdesenvolvidos, uma paz policiada, colonial, digamos, romana... Na minha opinião, no caso deste conflito, vocês podem ser comparados com um Bom Samaritano desastrado que fere e até mesmo mata a pessoa que pretende socorrer...

Ele a escutava sorrindo. Sentia que sua suave embriaguez o tornava imune àquela espécie de agressão.

- Veja bem... - insistiu ela, amassando a ponta do cigarro contra o fundo do cinzeiro, onde estava pintado um morcego escarlate, outro símbolo nacional de boa fortuna. - De acordo com a teologia política de seu Governo, tenente, este país asiático corria e corre o perigo mortal de sucumbir ao Diabo Vermelho. E aqui estão vocês como modernos samaritanos armados dos engenhos mais terríveis de destruição... e me parece que o que mais lhes importa não é deitar azeite e vinho nas feridas do assaltado, como na parábola bíblica, mas sim esmagar o assaltante, mesmo ao preço da vida da vítima... O tenente encolheu de leve os ombros, tirou a azeitona de dentro do copo, meteu-a na boca e pôs-se a mastigá-la.

- Não discutirei nosso direito de estar e continuar aqui - disse -, mas já que estamos, não nos podemos deixar matar e vencer... Enfrentamos um inimigo fantástico que está em toda a parte, ao nosso redor, e ao mesmo tempo... não está em parte nenhuma. Atacam à noite e somem-se durante o dia. Conhece o estratagema que estão usando ultimamente para se esconderem? É incrível... Envolvem suas armas e munições em plásticos e praticamente se enterram no lodo dos banhados, riachos e arrozais e ali ficam durante horas, às vezes um dia inteiro, respirando apenas por um canudo de palha ou um caniço... Toda esta região, como sabe, está cheia de cavernas, dessas que serviram aos nativos há doze anos na guerra de libertação, e lá eles se refugiam como toupeiras, ratos, tatus... Um dia entrei num desses esconderijos subterrâneos a cuja entrada eles às vezes semeiam víboras vivas... Encontramos lá dentro armas e munições, um aparelho transmissor de rádio, mapas da região e quase uma tonelada de arroz... Sim, e lanças de bambu com as pontas envenenadas!... É um inimigo imprevisível, ardiloso e implacável. E você bem sabe o castigo que infligem aos próprios compatriotas que colaboram conosco...

Ela sacudiu a cabeça afirmativamente.

- Conheço de sobra todas essas feias histórias - murmurou. - Mas voltemos ao salvacionismo de vocês, os representantes da decantada civilização ocidental...

- Eu nunca afirmei isso.

- Mas boa parte da imprensa e da opinião pública de seu país parece pensar assim... Vocês estão fazendo uma guerra de terra arrasada, uma guerra total. Jogam bombas de fósforo nos matagais para descobrir o inimigo que ali se esconde. Ora, essas armas químicas destroem também as árvores frutíferas, as colheitas, o gado, os bichos domésticos e, por assim dizer, traumatizam a própria terra. E pior que isso são essas bombas de napalm, que às vezes arrasam aldeias inteiras, queimando seres humanos inermes e, esses sim, verdadeiramente inocentes, pois alguns nem chegam a compreender direito o que se está passando... Claro, estou raciocinando como um mísero civil, um vil pacifista. O panorama visto com os olhos e a mentalidade de um militar, é diferente. A coisa se reduz a estratégia, tática, balística, logística, geopolítica... e sei mais quê! Mas eu não posso deixar de pensar em termos de vidas humanas.

Ele mirava a professora, surpreendido de sua paixão.

As narinas dela palpitavam. Um pouco inclinada para a frente, ela falava como um anjo acusador. E o tenente sentia que os gestos daquelas mãos tão íntegras tornavam tudo quanto ela dizia mais sério, veemente e verdadeiro.

- Você fala - retorquiu ele - como se fôssemos assassinos. Acha então que os comunistas têm algum respeito pela vida humana?

- É evidente que não. Saiba que detesto qualquer totalitarismo, seja qual for seu disfarce ou pseudônimo. Mas o que me alarma, tenente, é que, à força de combater os comunistas, vocês acabaram por imitar-lhes a linguagem, o método de ação e até a moralidade...

Depois de curta pausa - durante a qual ele não encontrou nada para dizer ela prosseguiu:

- Escute, meu amigo, escute. Você espera que uma pessoa como eu, que não é membro da "nação eleita", possa olhar toda essa matança, essa destruição insana com a mentalidade de um geopolítico ou colocada no famoso "ponto de vista histórico"? Nós pensamos na nossa própria pele, nossos nervos, nossas vísceras, nossos medos. Não podemos esquecer nossas vidas e as vidas dos

que nos cercam, amigos ou estranhos. Tenho visto com os meus próprios olhos o que acontece às vítimas de certas armas químicas de vocês. Elas se retorcem na pior das agonias, vomitam o próprio estômago... (Perdoe-me, este não é o lugar apropriado para falar nestas coisas.) Alguns ficam cegos. Agora eu me pergunto: vocês se portariam da mesma maneira se estivessem numa guerra ortodoxa, contra um país de brancos? Será que o fato de matar "ratos asiáticos", sub-homens, justifica o uso de armas químicas? Claro, um estrategista pode considerar esses nativos meras cobaias... - Calou-se por um instante, acendeu outro cigarro e acrescentou: - Ainda a semana passada ajudei a cuidar de um menino de sete anos cujo corpo era uma horrível chaga. Tinha sido napalmeado. Eis aqui um neologismo que me causa arrepios... Napalmear. - Sorriu, amarga. - Algum historiador ou filólogo sentado à sua mesa, na sua biblioteca climatizada e neutra, dirá que as guerras têm o seu lado positivo: aceleram o progresso e criam a oportunidade de enriquecer a língua com neologismos.

Calou-se por um instante e ficou a beber o que restava em seu copo. O tenente agora começava a sentir de novo o calor. Uma baga de suor escorreu-lhe ao longo do dorso. E de súbito ficou triste. Pensou em K. Dentro de pouco mais de uma hora tê-la-ia nos braços pela última vez. Pela cabeça passou-lhe a imagem da suicida da manhã.

- Em suma, tenente - disse a professora com um meio sorriso -, pode ser que, sabendo que os budistas e os confucionistas não têm inferno, vocês resolveram trazer-lhes ao domicílio uma amostra do inferno cristão...

O oficial hesitou antes de formular a pergunta que se lhe formara na mente. Temia ofender a professora. Por fim decidiu-se:

- Seus compatriotas teriam sido melhores que nós, quando ocuparam esta terra?

- Está claro que não! Fomos péssimos colonizadores. Egoístas, orgulhosos, gananciosos e sem escrúpulos. Trouxemos para cá, entre outras coisas más, um dos símbolos de nossa decantada civilização: a guilhotina... Nos últimos anos de ocupação, havia neste território mais cadeias que escolas. Nossa derrota definitiva

em 1954 não só era de se esperar como também de se desejar, em nome da decência humana...

Naquele exato momento o tenente avistou um fuzileiro-naval, preto retinto, que entrava alegre na sala, trazendo pelo braço uma rapariga nativa e sentava-se com ela a uma mesa. Ficou vagamente apreensivo quando viu o *maitre* aproximar-se do recém-chegado. Imaginou o que ia segredar-lhe ao ouvido: "Sinto muito, cavalheiro, mas neste restaurante não atendemos gente de cor." Mas lá estava o *maitre* inclinado, solícito, sobre o freguês, a anotar no seu canhenho o que ele lhe pedia.

De novo concentrou a atenção no que a amiga lhe dizia.

-... durante dois mil anos a península foi ocupada pelo então chamado Celeste Império. Ora, este povo sabe suportar e esperar com coragem e paciência. Parece pensar em termos não de séculos, mas de eternidade. Finalmente os invasores foram embora e mais tarde entramos nós e aqui permanecemos quase cem anos... Houve um interlúdio durante a Segunda Grande Guerra, quando estas terras foram ocupadas por aqueles outros asiáticos, eficientes e obstinados, que alternam curvaturas corteses com brutalidades...

- E agora - completou ele - todos estes países da península estão ameaçados de cair sob o domínio dos comunistas. Fale com franqueza, acha isso uma solução?

- É óbvio que não, meu caro. Mas há um fato elementar que o seu Governo parece não ter percebido claramente. O comunismo desta gente é a forma superficial que toma o seu nacionalismo. O que eles ainda querem é viver a sua vida sob governo próprio e com liberdade.

- Mas acredita que este povo esteja suficientemente maduro para a liberdade?

- Não se trata de estar ou não maduro. Todo ser humano tem um direito natural à liberdade. E, afinal de contas, quem é que vai decidir no mundo que povo está ou não maduro, quem tem ou não direito à liberdade? Vocês? Porquê? Porque são fortes económica e militarmente? Ou porque são os representantes da vontade divina na Terra?

Olhando para o morcego escarlate do cinzeiro, o tenente disse:

- Cá no meu entender, esta gente supersticiosa e ignorante não poderá jamais ter uma verdadeira democracia. Recusa os médicos e remédios que lhe oferecemos, prefere recorrer aos seus feiticeiros. Vive a invocar o espírito de seus antepassados, dos quais espera a solução sobrenatural para todos os seus males, tanto os do corpo como o do espírito. Acredita piamente em médiuns, geomantes e astrólogos...

- Olhe, quando estive no seu país, tenente, li uma vez numa revista de estatística que lá vocês gastam anualmente dezenas de milhões com cartomantes, videntes, quiromantes, numerologistas e astrólogos...

Ele sorriu. Era a primeira vez que discutiam assuntos daquela natureza, pois nos encontros anteriores haviam tratado de problemas práticos relacionados com crianças e escolas, instalações sanitárias, técnicas de ensino audiovisuais, etc...

O garçom trouxe os pratos. Depôs sobre a mesa uma tigela de cerâmica com uma salada de alface e tomates, que a professora começou a misturar: azeite, vinagre, pimenta-do-reino - tudo com mãos ágeis e hábeis, cujos movimentos o tenente acompanhava fascinado. Agora começava a sentir curiosidade de saber alguma coisa do passado daquela criatura singular. Viúva? Divorciada? Solteira?

O *maitre* trouxe pessoalmente o vinho. E quando o garçom pôs à frente da professora o prato de vitela que ela pedira, o cheiro de carne assada entrou pelas narinas do tenente e pintou-lhe na mente a imagem da estudante em chamas. Foi com dificuldade quase dolorosa que conseguiu deglutir um pedaço de tomate. (Estava à mesa, em sua casa, tinha doze anos... o pai apontava para o prato fundo de madeira, e dizia: "A alface, meu filho, é da família das chioráceas, e esta que estamos comendo agora é do tipo conhecido como sativa. Agora o tomate, cujo nome latino é *lycopersicon esculentum*, é originário da América do Sul." Ele olhou para a mãe e esperou que a professora fizesse um aceno de cabeça para pôr o selo de autenticidade no que o marceneiro acabava de dizer.)

- Está certo de que não vai comer mais nada, tenente?

- Certíssimo, obrigado. - Esteve a pique de lhe contar de como naquela manhã havia sentido cheiro de carne humana assada. Mas continuou calado.

Foi nesse momento que avistou um homenzinho que lhe produziu no corpo inteiro essa sensação desagradável que nos inspiram os répteis ou os moluscos. Vestia uma camisa desportiva de cores chamativas. Era o proxeneta "proprietário" de K. junto da porta, olhava em torno, esfregando as mãos e procurando um lugar. O *maitre* aproximou-se dele, obsequioso, e dirigiu-o para uma mesa central. E o tenente lembrou-se desagradavelmente do embaraçoso diálogo que mantivera com o cáften, havia meses: "Senhor oficial, ficar com a menina exclusivamente para seu uso? Impraticável! Multiplique por três o seu soldo e o total será ainda insuficiente para pagar o que eu lhe exigiria por esse monopólio. Aquela flor é das propriedades mais valiosas que possuo... Muito procurada. Até por gente graduada, importantíssima. Perdoe-me, senhor oficial, mas sou obrigado a dizer-lhe não." Agora lá estava o repelente tipo sentado à mesa, esfregando sempre as mãos, com aquele seu permanente sorriso imbecil na face redonda e gorducha, cuja pele, de um moreno rosado e cetinoso, lembrava a de um rato recém-nascido. O nativo inclinou a cabeça, numa saudação, mas o tenente fingiu que não tinha percebido nada, baixou os olhos e ficou a remexer com o garfo a sua salada, inapetente.

- É surpreendente - disse a professora - a falta de habilidade com que vocês escolhem os seus aliados.

- Mas não acha que muitas vezes são os outros que nos escolhem? Tome o presente caso. Viemos para cá primeiro como conselheiros militares e técnicos a convite do Governo Nacional. Mais tarde como aliados combatentes, também porque fomos convidados.

- Tenente, não creio que o senhor seja ingênuo como quer dar a entender. O seu país está cometendo erros semelhantes em muitos outros lugares do mundo, isto é, protegendo sempre o lado errado. Mas não entremos nesse assunto agora.

- Não lhe parece que o fato de nossos rapazes estarem aqui correndo todos os riscos e durezas significa algo de positivo? É um sinal de que acreditam em princípios. O outro dia eu vi, não me

contaram, eu vi um dos nossos soldados arriscar a própria pele para salvar uma criança nativa recém-nascida que havia sido deixada dentro de uma choupana em chamas. Sofreu queimaduras de primeiro grau mas salvou o bebê.

- É possível que os seus bravos fuzileiros acreditem sinceramente em que estão com a causa da justiça e da democracia. A lavagem de cérebro entre os comunistas é drástica, violenta, impiedosa. Mas a lavagem de cérebro nos países capitalistas tem sido suave, lenta e imperceptível. Começou há mais de um século e condicionou a maneira de pensar e sentir de suas populações, preparando-as até para coonestar o "genocídio justificado", a aceitar as "guerras santas". Mata-se em nome de Deus, em nome da Pátria e em nome da Democracia, essa deusa de mil faces cuja fisionomia verdadeira ninguém nunca viu.

Ele quis protestar, mas ela não lhe deu trégua:

- Admiro os soldados de vocês, claro que admiro, porque não? Só belos espécimes humanos. Lutam com uma bravura e uma dedicação que me comoveriam se não me exasperassem na sua estúpida gratuidade... Considerando que foram criados a leite gordo, no meio de todo conforto, numa sociedade de padrão altíssimo que induz ao comodismo e ao hedonismo... considerando tudo isso, acho fabulosa a capacidade de coragem e eficiência militar desses rapazes. Mas não esqueça, tenente, que os nazistas eram também guerreiros valentes e eficazes.

- Você está aí de novo a nos comparar com os nazistas! É uma injustiça.

- Sim, é... Mas pense no que lhe vou dizer, tenente. Se uma bala há-de um dia me matar, pouco importa saber agora se ela vai ser disparada por um sórdido nazi ou por um desses eugênicos fuzileiros que choram quando pensam na torta de maçãs que só suas mães sabem fazer. Pouco se me dá que meu assassino seja um comunista, um liberal, um democrata, um anarquista ou um budista... O fato é que estarei irremediavelmente morta, liquidada... - (Neste ponto acrescentou em sua própria língua um particípio passado metafórico e cômico, que o tenente entendeu, entre chocado e divertido.)

- Quer dizer, então, que para você não existem princípios? - perguntou ele.

- É evidente que existem. E para mim o princípio básico é o de que não aceito nenhum sistema social, econômico e político que não tenha como centro a pessoa humana, seu bem-estar, sua liberdade e sua dignidade. O diabo é que estamos também numa guerra de metáforas, pseudônimos e eufemismos. Muitos soldados de seu país podem mesmo achar sinceramente que aqui estão matando, morrendo e sofrendo durezas na defesa da Democracia e da segurança física e espiritual da pátria... Mas será que preciso lembrar-lhe, tenente, da existência dos "grupos de elite" que têm os olhos, os interesses e os planos voltados para as riquezas minerais e vegetais desta região? Bauxita, ferro, tungstênio, resinas, óleos, sisal, arroz, chá...

O tenente fez um gesto largo que traduzia o seu desalento.

- Sejam honestos - continuou a professora. - Nem os países capitalistas nem os comunistas estão fundamentalmente interessados na paz. O que buscam mesmo é a própria hegemonia militar nesse perigoso jogo pelo domínio mundial. O que querem, acima de tudo, é reforçar suas zonas de segurança, ampliar seus mercados, conquistar mais fontes de riqueza e de matérias-primas. Para isso precisam de soldados, de armas e de slogans. É nesse ponto que entra em cena a propaganda guerreira servida pela subversão da semântica.

- Você acha então que a guerra contra o nazismo não foi justa e necessária?

- No plano superficial e imediato, foi uma "operação policial" em grande escala, dramaticamente urgente, indiscutivelmente justificável, contra um país que, hipnotizado por um líder paranóico, havia sido tomado de uma espécie de amok coletivo e queria a qualquer preço conquistar e escravizar o resto do mundo. Mas faça um exame mais profundo das origens do nazismo e da pavorosa guerra que ele desencadeou e você encontrará ainda a velha luta dos interesses e rivalidades entre nações e grupos econômicos e financeiros. As potências capitalistas encorajaram e até armaram os nazistas na esperança de que eles atacassem e aniquilassem a

pátria do comunismo.

- Você não acredita então na possibilidade de uma paz definitiva?

- Não, enquanto a engrenagem que aí está continuar funcionando. E fique sabendo também, meu amigo, que desejo apaixonadamente a paz, sim, mas não a paz de um cemitério atômico.

Ela comia com um apetite que ele invejava mais com a cabeça do que com o estômago. O negro soltou uma risada, o tenente franziu a testa. Não se lembrava de jamais ter ouvido de seu pai uma gargalhada franca. Era um homem que vivia na sua escura surdina. E agora, olhando para as mãos da professora, ele descobria nelas - quase a contragosto - um certo parentesco plástico com as mãos paternas, que possuíam também uma grande beleza de estrutura. Muitas vezes ficara entretido a observar como ele torneava ou esculpia a madeira. Fazia aquilo com amor, e seus dedos tinham um certo ritmo, uma secreta música.

De novo olhou irresistivelmente para o proxeneta, que agora com a cara quase metida numa tigela, comia arroz com pauzinhos, com tanta sofreguidão, que seus chupões eram ouvidos em toda a sala.

Por alguns instantes o tenente ficou a pensar no que iria acontecer dentro de uma hora no quarto onde K o esperava. Imaginou-a a despir-se lentamente, a tirar os brincos, sorrindo sempre. Apalpou o bolso onde guardava o estojo com o anel. A voz da professora chegava-lhe aos ouvidos como um conjunto de sons com cujo sentido ele não atinava. Quando lhe prestou atenção, ela dizia:

-... ouviu falar no escândalo do ópio em que está metida a esposa de um conhecido general do Governo do Sul? Bom, é claro que a coisa toda foi abafada... E por falar em ópio, aqui, nesta terra, o ópio do povo não é o comunismo, mas é o ópio mesmo. É uma gente tão infeliz, sempre sob a pata do conquistador, é um povo tão miserável, que não é de admirar que procure consolo num entorpecente. Agora me explique, tenente, porque é que no seu país, onde há riqueza, conforto, diversões, oportunidades de sucesso, a quantidade de toxicômanos cresce fantasticamente de ano para ano?

Ele a encarou com certa dureza:

- Não sei. Vocês que sabem sempre tudo melhor que os outros,

vocês que são o creme da cultura humana é que devem encontrar resposta para isso... e para o resto. - Ela soltou uma risada. O negro da outra mesa voltou a cabeça. O proxeneta sorriu, como se estivesse participando do diálogo.

- Tenente, vejo que o insultei!

Ele já estava arrependido do que havia dito.

- Perdão. Fui rude.

- Qual! Tenho pele de rinoceronte. De outra maneira não teria sobrevivido aqui. Mas falemos deste povo que sentimentalmente tanto me interessa. De certo modo é o meu povo. Vou morrer e ser enterrada aqui, meus ossos adubarão um pedaço desta terra. Espero que de meu peito cresça uma palmeira. Não. Um flamboyant. Ou uma romeira. Enfim, uma árvore de fruta ou flor que possa um dia inspirar alguém. Talvez um poeta de seu país, cansado de computadores eletrônicos, um dia venha a sentar-se à sombra dessa árvore para escrever um poema às romãs eternas. Não, tenente, talvez seja efeito do vinho, mas não acho que o mundo esteja perdido. Tenho esperança, meu amigo, muita esperança. Conheço muito bem os aspectos positivos de sua terra e de seu povo. Mais vinho, tenente?

Ele não respondeu. O álcool lhe subira à cabeça e ele não queria estar embriagado quando se encontrasse com K. A professora tornou a encher o próprio cálice, bebeu um gole e depois disse:

- Se levamos em conta o estado crônico de infelicidade, fome e doença em que vive esta nação, acho que esses homenzinhos e mulherzinhas com peso de jóquei, tanto os do Norte como os do Sul, formam um grupo humano da mais alta qualidade... Sua inferioridade será apenas circunstancial e não essencial.

- Ah, não tenho a menor dúvida a esse respeito. Espero que não imagine que eu seja racista - acrescentou ele, numa espécie de sondagem, pois desejava saber se ela tinha ou não consciência de que estava na companhia de um mulato. Concluiu que, se sabia, não deixava transparecer nada.

No silêncio que se seguiu, ouviu-se a voz do fuzileiro negro e o riso de boneca de sua companheira.

- Ouviu falar alguma vez em Karl von Clausewitz? - perguntou a

professora. O tenente limitou-se a franzir a testa numa dúvida, e ela continuou:

- Foi um general prussiano que escreveu sobre estratégia militar em meados do século passado. Era partidário da guerra total: achava que o inimigo devia ser atacado de todas as maneiras possíveis... não só o seu exército como também a sua população civil, o seu território, propriedades, etc... Foi ele quem afirmou que a guerra é a continuação da política. Pois eu tenho uma correção a fazer (perdoe-me a presunção) nessa frase famosa. Acho que a guerra é a continuação do comércio entre as nações. A diplomacia, instrumento da política exterior, é apenas uma frágil e formal ponte de papel estendida sobre o estreito rio dos interregnos de paz. às vezes é também espionagem. Outras, o minuete que precede a hecatombe...

O tenente ficou-se um instante pensativo, recordando em sínteses relampagueantes alguns dos horrores que presenciara durante aquele último ano.

- Está bem... - murmurou por fim. - Mas qual é a solução?

Ela encolheu os ombros.

- No século passado, Nietzsche matou Deus e, conforme alguém depois escreveu ironicamente, no fim da história, Deus matou Nietzsche. Agora, em nossos dias, Deus parece estar novamente correndo sério perigo de vida...

- Se a Tecnologia conseguir assassinar Deus - interrompeu-a ele - a Humanidade não sobreviverá por muito tempo ao "funeral" de seu Criador.

Calou-se. Partiu um pedaço de pão e engoliu-o com tanta dificuldade que sua casca lhe arranhou a garganta. O cafetão continuava a sorrir de longe para ele. A professora retomou a palavra:

- A idéia da existência de Deus não tem impedido que os homens, através de milênios, se tenham matado em guerras brutais. O importante, me parece, não é temer a Deus mas amarem-se os homens uns aos outros... ou pelo menos não se odiarem tanto, a ponto de recorrerem à violência para resolver problemas de coexistência.

Ela tornou a acender um cigarro. O tenente notou que havia dentro do cinzeiro três tocos consumidos pela metade. A professora soltou uma baforada de fumaça.

E então o oficial, que nunca fumara em toda a sua vida, lembrou-se das prédicas de seu pastor sobre os males do fumo. Como menino e adolescente, sempre associara sarro de cigarro com prostitutas, negras de beijos e faces pintados, ostentando vestidos espalhafatosos.

Uns quatro ou cinco soldados sem mulheres entraram na sala, falando em voz alta, vindos talvez de algum dos bares da cidade. A professora voltou a cabeça, atraída pelas vozes. Um dos rapazes piscou-lhe o olho e fez-lhe uma saudação efusiva. Ela sorriu. Depois, passada a iluminação do sorriso, a face de novo séria, disse ao amigo:

- Os homens sempre se imaginaram criados à imagem de Deus e portadores pelo menos de uma partícula divina.

- Nessa ilusão pelo menos fui educado.

- Católico ou protestante?

- Batista.

- Ah!... Mas... como dizia, os homens se julgavam incumbidos de uma missão. Era como se tivessem guardado em alguma parte recôndita de seu ser, um livro fechado e lacrado contendo as instruções de Deus, cujo texto completo ninguém parecia conhecer de primeira mão. Um dia, digamos... agora, neste nosso século alucinado, resolveram abrir o livro e verificaram que continha apenas páginas em branco. Assim, não sabendo ao certo o que Deus quer, decidiram tomar seus destinos nas próprias mãos. E começaram a fazer-se perguntas perturbadoras. Valia a pena ser bom? A ética teria um valor absoluto? Mais grave ainda: teriam os homens capacidade para salvar-se? Se Deus estava morto... ou permanecia escondido e omissos... quem seria o juiz Supremo? Assim; tenente, parece termos perdido nossa tábua de valores morais, não sabemos distinguir o bem do mal, o moralmente certo do moralmente errado. Fala-se hoje até numa "ética de situação"... que no fundo bem pode ser uma espécie de conveniente carta branca.

- Mas assinada por quem?

- No caso desta guerra, meu amigo, pelo seu Departamento de Defesa.

Ele riu. O garçom aproximou-se com o cardápio, para que escolhessem a sobremesa. Ambos pediram gelados de baunilha e chocolate.

Por alguns minutos ficaram a falar de coisas triviais: o calor, um filme que ela vira havia meses, as flores de seu jardim.

- Você não comeu nada - observou ela, olhando para o prato do tenente, onde a salada jazia quase intocada.

- Estou sem fome nenhuma.

- Preocupado?

- Um pouco.

- Alguma coisa que me possa contar?

- Não quero entrar em assuntos pessoais.

- Seja pessoal, por favor! Há tempo que estou para lhe fazer uma pergunta de natureza íntima mas... não ousei.

- Faça. Não importará muito o que conversemos esta noite. Acho que não nos veremos nunca mais.

- Bom. Porque é que vive nesta terra? Isto é um inferno e no entanto você continua aqui. Se acha que não pode ou não deve responder, aceitarei o seu silêncio, e vamos falar de outra coisa.

Notou que a amiga hesitava por um instante.

- Quer mesmo ouvir a minha história? - Jogou o cigarro no cinzeiro e imediatamente acendeu outro. - Vou contá-la em poucas palavras: Meus pais casaram-se na terra deles e vieram para cá. Foi aqui que nasci e cresci. Meu velho tinha uma plantação de chá nos arredores da cidade. Era um belo homem que lia muito, gostava de pintar e se entendia à maravilha com os nativos, que gostavam dele. Minha mãe era uma brava dona de casa, e os três éramos felizes juntos. Eu tinha treze anos quando começou a Segunda Guerra Mundial e dezoito quando a península foi invadida por aqueles homenzinhos industriais e eficientes que adoram o seu imperador. Bom, tenente, para resumir a história, fomos postos os três num campo de concentração. Minha mãe morreu de disenteria e os invasores encontraram um pretexto para liquidar meu pai. - Fez uma pausa,

encarou o tenente, numa expressão quase de desafio e, em voz mais baixa, acrescentou: - Fui violada por não sei quantos daqueles soldados repulsivos de cabelos negros e lustrosos, que se revezavam sobre o meu corpo e exprimiam o seu prazer sugando o ar com ruído. Foi horrível. Eu quis morrer, fiquei à beira da loucura... Mas não se apiade de mim, tenente. Tudo isso se passou há mais de vinte anos. Estou viva.

Ele estava contristado, não sabia para onde olhar. Ela continuou:

- Bom, o pessoal da Cruz Vermelha conseguiu salvar o que restava de mim e me pôs a bordo de um navio, rumo da pátria de meus pais, que no fim de contas era e é a minha... Fui viver com um tio paterno.

O tenente mexia-se na cadeira, brincava com uma colher, pigarreava, de olhos baixos.

- Vejo que está chocado, meu amigo. Por favor, não leve o meu caso demasiadamente a sério nem me considere cínica. Quem sabe se o que o escandaliza não é o caso em si e sim o fato de eu tê-lo verbalizado tão cruamente? Acho que no fundo temos mais medo às palavras do que às coisas que elas representam, e isso nos tem levado a equívocos tremendos. Pense bem, a sombra da rosa não é mais bela que a rosa. A sombra do bandido não é mais perigosa ou cruel que o próprio bandido. Na minha opinião (permita-me uma metáfora) as palavras são as sombras das coisas, das pessoas, dos fatos e das idéias que representam. A fidelidade da sombra com relação ao seu objeto... quero dizer: o tamanho, a forma, a intensidade, depende da posição do foco de luz, isto é, o temperamento da pessoa e sua maior ou menor habilidade no uso da linguagem. Falei claro?

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente.

- Agora deixe-me contar o resto. Eu era uma moça religiosa, uma católica que costumava comungar pelo menos uma vez por semana... Quando me levaram para a casa de meu tio, descobri apavorada que estava grávida. Pode imaginar a minha situação? Devia deixar vir ao mundo um filho de ninguém, concebido no momento mais traumatizante da minha vida, um ser que talvez eu jamais pudesse amar? Passei uma semana no inferno e, depois de

uma terrível luta de consciência, decidi recorrer ao aborto, contra o conselho de meu padre confessor. Repito que me era insuportável a idéia de ter um filho de um daqueles brutos. Às vezes, nos meus piores momentos de confusão, eu imaginava, loucamente, que a criança era filha de todos eles, e que por isso seria um monstro de muitas cabeças. Procurei então um médico e, matei o feto...

O proxeneta sorria como se estivesse ouvindo a história e divertindo-se com ela. O tenente teve um ímpeto de apanhar a garrafa de vinho e atirá-la na cabeça daquele sujeito odioso.

- Mas é evidente - continuou a professora - que meus problemas não terminaram aí. Não tive nenhuma complicação de ordem fisiológica, tudo correu bem. Mas pense na situação de uma católica que comete um pecado desses... e que teme confessar-se, não por querer esconder o seu crime, mas por estar certa de que não poderia sinceramente dizer ao sacerdote que se arrependia dele. Fez uma pausa, meio ofegante. - Porque essa era a verdade, tenente. Não me arrependia do que tinha feito, logo o padre não me poderia dar a absolvição. E sem essa absolvição era inútil comungar. Assim, eu mesma me condenei à excomunhão e isso para mim foi uma espécie de agonia crônica. Nessa época me submeti a um prolongado tratamento psiquiátrico que resultou na minha perda gradual do sentimento religioso, o que entretanto não me livrou até hoje de Deus. Restabelecida, fiz um curso universitário. Estudei muitas matérias, sem saber ao certo o que queria. Meu tio morreu, e como não tinha mulher nem filhos, deixou-me como sua herdeira universal: imóveis muito valorizados, apólices, algum dinheiro...

- Mas porque voltou?

Ela sorriu, encolheu os ombros de leve.

- Dizem que o criminoso acaba sempre voltando ao lugar do crime. Mas eu lhe asseguro que às vezes a vítima também volta. Mas... falando sério, por mais absurdo que pareça, senti uma certa nostalgia desta terra, desta gente e até mesmo deste clima. Na pátria de origem de meus pais eu me sentia como uma peça solta num mecanismo complicado. E, depois, não queria correr o risco de ser pelo resto da vida uma dessas almas penadas que vagueiam à

noite pelos cafés e bulevares... Em 1950 voltei para cá. Não consegui reaver a plantação da família, mas as autoridades lembravam-se de meu pai, permitiram que eu abrisse e mantivesse esse orfanato para meninas, que hoje é o centro de minha vida. E esta guerra, creio, tornou mais importante ainda o meu trabalho.

O tenente mirou-a longamente, num misto de simpatia e admiração, mas concluindo que ter piedade daquela mulher tão afirmada seria um insulto para ela.

- E a sua vida... não é muito solitária?

- Não. Tenho o meu trabalho. As minhas leituras. E as crianças.

- Mas não tem amigos adultos?

- Sim, mas não muitos nem íntimos.

- Outra pessoa qualquer em seu lugar odiaria o gênero humano para sempre.

Ela sorriu.

- Para sempre? já mediu bem o tamanho dessa idéia? - Apagou no cinzeiro o quinto cigarro. - Houve uma época em que cheguei a sentir repulsa por mim mesma, como se eu tivesse sido a culpada de tudo... Como é que me vou explicar? Como se me tivesse oferecido àqueles vorazes soldadinhos do imperador... - Calou-se, encarou o amigo e, ao cabo de alguns segundos, prosseguiu: - Bom, terminei minha história. Agora conte a sua. Porque é que veio para cá, se não é um militar profissional?

Ele baixou a cabeça, ficou a olhar para a bolinha de miolo de pão que fazia rodar entre os dedos, como se ela fosse o cerne mesmo de seu problema.

- Porque sou um covarde.

- Vamos, tenente, um covarde não vai para a guerra: foge dela.

- Mas eu fugi da outra guerra.

- Que outra guerra?

- Não percebeu ainda que sou negro?

- A idéia nunca me passou pela cabeça.

- E isso lhe faz alguma diferença?

- Porque havia de fazer?

- Na minha cidade natal uma mulher branca que fosse vista com um homem de cor num lugar público, teria complicações sociais...

- Ah! Compreendo, você se refere à guerra racial. Mesmo assim não vejo porque sua vinda para cá possa ter sido uma solução...

- Não foi uma solução, mas uma trégua. Um adiamento...

- Em termos precisos, qual é mesmo o seu problema?

- O da opção: unir-me aos que lutam pelos direitos civis do homem de cor dentro da lei, com as armas da persuasão... ou aos que pregam o uso violento do Poder Negro. Não há neutralidade possível. Quem não toma uma posição conscientemente, acaba sendo arrastado para um lado ou para outro.

- Você não me parece do tipo violento. Porque não colabora com o primeiro grupo?

Ele hesitou antes de responder. Devia dizer tudo? Diabo! Fosse como fosse, não veria nunca mais aquela mulher.

- O ponto crucial de meu problema é que eu não quero ser negro. Não me sinto negro a não ser quando uma palavra ou um ato discriminatório de um branco me lembra disso. Sei que poderia passar por branco em qualquer país latinoamericano... Mais ainda: não estimo a minha gente, não gosto do... do seu cheiro, dos seus traços fisionômicos, do seu jeito de falar... Envergonho-me do sangue que me corre nas veias. É duro ter que admitir tudo isso, mas é o que sinto, o que sou. Não creio que o problema negro jamais tenha solução no meu país. As leis de integração são apenas... palavras, palavras, palavras. O ódio, o desprezo ou a repugnância que os brancos sentem pelos negros é uma... uma doença herdada, uma espécie de câncer com várias metástases, e inoperável. E a violência, por outro lado, só pode agravar a situação dos pretos... e dos brancos, também.

A professora manteve-se em silêncio, esperando que ele continuasse.

- Eu estava desempregado, tenho um curso de Psicologia Aplicada, ofereceram-me esta comissão no Exército. Aceitei. Submeti-me a um treinamento especial... e vim para cá.

Sem erguer os olhos, e sempre em voz baixa, ele prosseguiu:

- Minha mãe era branca. Meu pai, preto. Pouco antes de vir para este restaurante, estive recordando cenas de meu passado que ainda me perturbam.

Resumiu a história de sua infância: seu apego à mãe, mesclado de um sentimento de vergonha e ressentimento por ela se ter casado com um negro; sua incapacidade de amar o pai...

Recordou com pormenores a tarde em que fugira, covarde, deixando o velho nas mãos dos brancos que o haviam atacado em plena rua. Sentia uma espécie de prazer doloroso e ao mesmo tempo inebriante em abrir-se, confessar-se e mesmo humilhar-se diante de outra pessoa. Era a primeira vez em toda a sua vida que fazia isso.

- Eu lhe disse que sou batista, fui criado nessa religião, mas às vezes invejo os católicos por eles terem o recurso da confissão. De vez em quando é bom aliviar o peito... Para mim a absolvição não seria tão importante como a catarse. Não basta a gente confessar-se a si mesma. Ou ao vento...

O garçom aproximou-se e ficou ao lado da mesa, a esperar ordens.

- Traga duas demi-tasses - pediu a professora, sem consultar o amigo.

- Depois daquela noite terrível que passou em casa gemendo as suas feridas, meu pai se matou. Fui eu quem o encontrou enforcado no quarto de banho. Quando dei com aquela visão, perdi os sentidos. Eu gostaria de poder dizer que desmaiei de dor, pela perda de um ser que eu amava. Mas devo ser honesto e reconhecer que foi o susto, o choque da surpresa e o pavor daquela coisa toda que me fez desfalecer e cair... Lembro-me de que quando recobrei os sentidos e pude me levantar, estonteado, de pernas bambas, o corpo de meu pai estava estendido no seu leito, metido na sua fatiota escura de domingo. Uma curiosidade mórbida me levou até perto daquela cama de casal que sempre fora um objeto enorme e terrível na minha consciência, pois nela minha mãe, uma mulher branca, dormia com um negro... Um lenço cobria a cara de meu pai. Fiquei imaginando coisas. Sua pele devia estar cinzenta e não mais parda. Continuaria de fora a língua arroxeadada? E os olhos... teriam sido empurrados pelo doutor para dentro das órbitas? - O tenente estendeu a mão, cobriu com ela por um instante a mão da amiga. - Perdoe-me por eu lhe estar contando estas coisas desagradáveis. Mas preciso desabafar com alguém...

- Fale, homem, fale - disse ela, e a expressão de seus olhos o encorajaram.

- Pois lá estava eu, junto do cadáver do marido da minha mãe, pensando aquelas coisas todas, incapaz de um sentimento de simpatia humana, de amor... ou, pelo menos, de compaixão. Já imaginou a crueldade de que é capaz um adolescente? Pior ainda: lembro-me de que estava ansioso por ver o velho dentro de um caixão, a caminho do cemitério. Pensava já em mandar fumigar a casa, vender as roupas dele, fazer desaparecer por completo o cheiro de seu suor, todos os vestígios da sua negridão... Não é cruel? Não é terrível? Era como se o pobre homem tivesse morrido de peste...

O tenente calou-se e começou a beber, distraído, da pequena xícara de café que o garçom pusera na sua frente.

- Depois, o funeral... Era verão. No cemitério o ar estava pesado de perfume. Magnólias... O céu muito limpo. Lembro-me de detalhes sem importância daquela hora. Uma libélula pousou sobre a tampa do caixão. As meias de minha mãe estavam muito frouxas em suas pernas finas. Decorei a inscrição de uma lápide próxima, o nome do morto, a data do seu nascimento e a da sua morte. (Era um cemitério só de negros, naturalmente.) Quase pisei numa rosa amarela que estava no chão, quando caminhávamos para o portão do cemitério. Eu estava de mãos dadas com minha mãe, que ainda chorava, mas mal podia reprimir a minha alegria, que agora, mais do que nunca, sinto que era egoísta, malvada... Naquele momento entrou no cemitério um enterro puxado a jazz-band, com bandeiras, gente alegre a dançar e a cantar. Era uma música marcial, cheia de júbilo, com a qual o meu sentimento reprimido se identificou. Foi então que tive um pensamento que até hoje me arde como uma queimadura na memória. Agora que ele morreu, minha mãe e eu podemos viver como brancos.

- E foi o que aconteceu mesmo?

O tenente sacudiu a cabeça.

- Não. Minha mãe poderia ter voltado, como eu esperava e desejava, para a cidade onde viviam seus pais e reconciliar-se com eles e seu mundo. Mas não fez nada disso. Ficou onde estava. No

gueto negro, conservando os mesmos amigos e os mesmos hábitos.

- Eu a compreendo muito bem. Essa era a sua maneira de protestar contra a discriminação. Já pensou que, procedendo assim, ela tomou uma posição na luta racial?

- Sim, pensei. E isso me inquieta, porque estou ainda indeciso. Minha mãe tinha mais coragem que eu. E mais dignidade.

- Onde está ela?

- Morreu há três anos. Foi enterrada perto do velho, naquele mesmo cemitério...

- E você não pensou em que vindo para cá podia ser morto?

- Achei que isso podia ser também uma solução.

A professora acendeu o seu sexto cigarro.

- Tenente, você acredita no pecado?

- Intelectualmente... não. Mas com o corpo e com essa parte do cérebro que paradoxalmente parece imune à razão, acredito, sim, e como! A verdade é que estou numa confusão mental, especialmente depois de ter passado um ano metido nesta guerra. Tenho a impressão de que me estou desintegrando aos poucos, perdendo a identidade... Odeio este clima, não compreendo este povo e seria insincero se dissesse que gosto dele. Embarcarei amanhã, de volta para casa. Devia estar feliz e no entanto sinto-me apreensivo, ambivalente. Às vezes pergunto a mim mesmo quem sou, que é este mundo para onde fomos trazidos. Leio notícias de meu país a respeito das explosões de violência racial. Lá temos agora guerrilheiros urbanos negros. Aqui combatemos os que convenciamos chamar de vermelhos. Mas não serão, todas essas revoltas, lá e aqui, fragmentos da mesma luta provocada pela incurável estupidez humana? O desconcertante é que trinta por cento dos soldados de nossa tropa nesta frente de guerra são pretos. Isso tem sentido?

Esperou que a amiga lhe dissesse alguma coisa, mas como ela permanecesse calada e aquela pausa de silêncio se lhe tornasse um pouco opressiva, tornou a falar.

- O pastor de nossa paróquia disse uma vez num sermão dominical que o corpo é a casa da alma e por isso deve ser respeitado. Ora, eu acho que no caso dos pretos, o corpo é a penitenciária de seu

espírito. E quem tem a chave que nos poderá libertar? Os brancos?

- Não, não creio. Seria uma resposta simplória demais. Os brancos de seu país também vivem numa penitenciária que eles mesmos construíram com o feio cimento de seus preconceitos. Devem por sua vez achar que a chave da sua liberdade está em poder dos chamados homens de cor.

- Quem tem então a chave? Talvez Deus. Mas Deus parece ser neutro na questão. Deus não tem pele.

Ela sorriu tristemente.

- Fale-me da sua mulher.

- Para principiar, é uma quadrarona...

- Quê?

- Uma pessoa que tem um quarto de sangue negro.

- Ridículo! Você mesmo faz o jogo dos "brancos" avaliando as pessoas de acordo com os valores deles. Porque usar essa nomenclatura absurda e deprimente? Porque não começou por dizer como é a sua mulher como um ser humano?

- É bonita, inteligente, boa companheira...

- Então que é que há de errado com o seu casamento? Deixou de gostar dela?

O tenente emborcou a xícara de café e sorveu todo o seu conteúdo como quem toma um licor forte para cobrar coragem. Era singular: achava mais fácil confessar àquela mulher estranha e estrangeira os seus sentimentos para com o pai e a mãe do que contar-lhe suas relações com K. Era como se estivesse diante da esposa legítima.

- Passei os meus primeiros meses neste país na mais absoluta abstinência sexual. Um dia, solitário e meio triste, faminto de companhia feminina, fui a um desses salões públicos de dança e lá encontrei uma moça... uma nativa. Dancei com ela e meia hora mais tarde estávamos na cama, depois de eu ter discutido preços, quase morto de vergonha, com o seu proxeneta, que me exigiu o pagamento adiantado de uma determinada soma... um sujeito que abominei desde o momento em que o vi. - O tenente baixou a cabeça e a voz, e acrescentou: - Por sinal o homem está nesta sala, à sua esquerda, na mesa do centro...

A professora voltou a cabeça disfarçadamente para a direção

indicada, lançou um rápido olhar para o traficante de mulheres, que estava a comer com uma colher a cremosa polpa de uma manga. Tornando a encarar o amigo, murmurou:

- Conheço o tipo. Um dia teve a audácia de ir à minha casa para me fazer uma proposta. Queria simplesmente incluir meu nome na lista das "moças que utilizavam seus serviços".

- Quê? Mas não é possível!

- Que é isso, tenente? Me acha assim tão velha e feia?

- A coragem do canalha!

- Ora - sorriu ela -, esse homem é um realista frio, sem a menor sensibilidade moral. Ele me fez sua proposta baseado no princípio, desgraçadamente válido, de que ninguém ou, melhor, muito pouca gente no mundo recusa a oportunidade de ganhar mais dinheiro... Viu-me sozinha, sem homem, e fez lá os seus cálculos. Sabe o que me contou? Que entre seus clientes existe gente de todos os gostos. Uns preferem meninas impúberes, outros moças entre quinze e vinte, mas às vezes é também procurado por cavalheiros de meia-idade que se inclinam pelas mulheres maduras como eu. E não é raro aparecerem fregueses que só gostam de rapazes.

- Mas você não botou esse ordinário para fora de sua casa, a bofetadas?

- Não. Se a sua proposta tivesse tido o poder de me indignar a esse ponto, isso poderia significar que existe escondida dentro de mim, reprimida, a semente de um desejo que a proposta do alcoviteiro podia fazer germinar. A coisa toda era tão absurda que nem me tocou... Antes de retirar-se, o homenzinho me deixou um cartão de visita, com nome e endereço, para "o caso de eu mudar de idéia". Pois esse pilar da sociedade, tenente, e centenas de outros que, como ele, traficam com prostitutas e entorpecentes ou fazem o mercado negro, são parte do complexo político e econômico que vocês querem manter a qualquer preço... Mas continue a sua história. Você então foi para a cama com a moça... E depois?

- Sim - balbuciou ele, meio desconcertado. - Tornei a estar com ela muitas vezes num quarto alugado à hora, nos altos do Café Caravelle. Uma mulher que trabalha para esse cão faz a cobrança à entrada. Sou obrigado a consumir bebidas a preços exorbitantes.

Tudo isso é muito sórdido. Bom, mas o pior é que... que... não sei como vou me explicar...

A professora ajudou-o a terminar a frase:

- O pior é que isso que devia ser apenas um fortuito encontro de corpos para sua satisfação sexual, se transformou noutra coisa. Você está interessado sentimentalmente na rapariga, não é verdade?

- Exatamente.

- Como se chama ela?

- Não consegui aprender seus dois nomes. O primeiro me soa como uma letra do alfabeto: K. É esse o "nome" que lhe dou. Curioso, quando menino eu associava essa letra ao título da sociedade secreta que no Sul de meu país persegue os negros. Seus adeptos usam vestes brancas, escondem a cara e a cabeça sob um capuz cônico e alto, que me lembra as figuras da Inquisição que eu via em livros e revistas... Sim, os inquisidores que queimavam os hereges. Por muito tempo herege, foi uma palavra que associei à figura de minha mãe, desde a noite em que membros daquela sociedade traçaram uma cruz de fogo na relva, à frente de nossa casa. Temi que quisessem queimar minha mãe... - Calou-se perdido em recordações. - K sempre foi para mim uma letra macabra. Agora simboliza a mulher que me inspira... afeição. Não é engraçado?

- Perdeu então a conotação sinistra?

- Não creio. Tenho o pressentimento de que, de certa maneira, mais cedo ou mais tarde, serei castigado por sentir o que sinto por essa moça. As palavras podem ser sombras, mas que força possuem essas sombras! Que magia!

- De acordo. Mas devemos defender-nos de toda palavra, toda linguagem que nos desfigure o mundo, que nos separe das criaturas humanas, que nos afaste das raízes da vida.

- Como? Como?

- Ora, fazendo exercícios. Repita uma palavra muitas vezes, muitas vezes, até que ela perca o seu sentido. Quando o som K deixar de significar os fantasmas da sua infância e mesmo não simbolizar mais as suas relações "pecaminosas" com essa menina... a pessoa dela ainda estará à sua espera (sem nome, pouco importa!) nos

altos do Café Caravelle. Se, por outro lado, você não vencer o medo que lhe inspiram as iniciais ou o nome dessa monstruosa sociedade secreta, como é que vai ter coragem de enfrentá-la no plano físico? É com palavras, símbolos e metáforas que os demagogos nos hipnotizam e os ditadores nos dirigem e dominam, é ou não é?

Ele sacudiu afirmativamente a cabeça, olhou em silêncio a própria imagem refletida e deformada no côncavo de uma colher.

- E qual é mesmo o seu grande problema com K.? Ela gosta de você?

- É inacreditável, mas não sei. Tive medo de perguntar. Se perguntasse, possivelmente ela me diria uma mentira amável, profissional. De resto, mal nos comunicamos verbalmente. Não sei mais que uma escassa dezena de palavras e frases da língua dela. Ela sabe muito pouco, quase nada, da minha. Entendemonos... e às vezes nos desentendemos com gestos. O que mais me preocupa é que, sentindo o que sinto por essa...

- Diga logo sem medo: prostituta. Não se trata de um adjetivo, mas de um substantivo que designa uma profissão.

-... sim, estou traindo a minha mulher. Por outro lado me entristece, e às vezes revolta, saber que K. recebe apenas uma parcela mínima do que pago por ela ao sujeito que a explora. Também me fere a idéia de que ela faz comigo o mesmo que faz com centenas de outros homens... Hoje mesmo K. já deve ter entregue o corpo a muitos outros.

- Isso é ciúme ou compaixão.

- Creio que ambas as coisas.

- Se você pudesse estar certo de que sente por essa pobre menina mais compaixão do que ciúme, eu passaria a depositar todas as minhas esperanças na sua salvação, tenente. Mas não me pergunte o que entendo precisamente por salvação.

- Ouvi dizer que aos doze anos, veja bem, doze anos, durante a guerra de 54, K. foi violentada por um soldado de seu país, minha amiga, um mercenário branco... No dia em que me contaram isso fiquei tão inibido que nem a pude tocar...

- E você não pensou na analogia que existe entre K. e esta terra? Hoje não serão vocês os violadores?

- Por favor, não aumente a minha confusão!

Ela fez um gesto de paz: estendeu a mão por cima da mesa e tocou rapidamente o braço dele.

- Está bem - disse. - Mas encaremos os fatos. Você volta amanhã para casa. Isso significa pelo menos o fim de seu caso com K. no plano carnal. O tempo tomará conta do resto.

Ele sacudiu a cabeça repetidamente, de um lado para outro, como se quisesse espantar uma mosca importuna. E de súbito apanhou o copo, onde restava algum vinho, levou-o à boca, e esvaziou-o num único sorvo.

- É estranho, mas desde hoje de manhã estou com o pressentimento de que não chegarei a embarcar... porque alguma coisa de mau me vai acontecer.

- Tire isso da cabeça! Será que já se deixou contaminar, pelo espírito supersticioso dos nativos?

Pausa na conversação. O tenente olhou para o seu relógio-pulseira. A professora interpretou o gesto.

- Tem encontro marcado com ela esta noite?

Ele esteve a ponto de mentir que não.

- Sim, dentro de quinze minutos. Vou dizer-lhe adeus.

Fez um sinal para o garçom e, quando este se aproximou, pediu-lhe a conta. Olhou para a amiga:

- Não sei como lhe agradecer...

Ela o interrompeu com um gesto.

- Não me agradeça... Trocamos confissões. Creio que fizemos algum bem um ao outro. - Mudou de tom. - Estou com meu carro à porta do restaurante. Quer que o leve até ao Caravelle?

- Não, obrigado. Prefiro ir a pé.

- Compreendo. Vai em companhia de seus fantasmas... Mas, por favor, não leve muito a sério o que eles lhe disserem. Temos de nos convencer de que nossa memória nem sempre é boa amiga.

Paga a despesa, encaminharam-se ambos para a porta do salão. Ao passar pelo proxeneta - que entesou o busto e sorriu, esperando talvez um cumprimento - o tenente sentiu um calorão no corpo inteiro e teve ímpetos de esmagar o verme. (Menino: o jardim úmido, o limo, a lesma, a gosma na sola do pé.) A professora

tomou-lhe do braço com certa ternura:

- Haja o que houver, tenente, lembre-se de uma coisa. É preciso a gente aprender a viver em paz consigo mesmo e seu passado. E também devemos (porque não?) incluir-nos a nós mesmos no número daqueles a quem precisamos perdoar...

À porta de L'Oiseau de Paradis, ao apertarem-se longamente as mãos na despedida definitiva, a professora alçou-se na ponta dos pés e beijou-lhe uma das faces.

Sair do interior do restaurante para a rua foi como deixar bruscamente as leves e frescas águas de uma piscina para mergulhar num mar espesso e estagnado de óleo quente. O tenente sentiu logo, no corpo e no espírito, o peso da noite. Os altos coqueiros que orlavam a avenida, à beira do canal, estavam imóveis. Luzia no céu, baça como um olho insone, uma lua cheia cor de melão. Vinha de longe - dez quilômetros? quinze? - um troar de canhões.

Ele começou a andar lentamente na direção do Caravelle. O suor escorria-lhe pelo rosto e pelo torso, empapando o blusão. Chegavam até ele, misturadas, as emanções do rio: cheiro de água e madeira apodrecida temperado enjoativamente pelo aroma de flores-de-lótus. O tenente se viu com dezesseis anos entregando, entre orgulhoso e canhestro, o caderno de composição literária ao seu professor: tinha escrito um poema em que comparava a lua cheia com um luminoso lótus boiando no lago azul do céu... Agora estava enfadado de lótus. Desde que chegara àquela cidade era perseguido pela flor simbólica. Por toda a parte via desenhos, bordados ou relevos com motivos inspirados no lótus. Via flores-de-lótus nos vasos. Lótus nos fossos da cidadela. Lótus nos lagos dos jardins. Comia sementes de lótus no arroz. A cidade às vezes lhe parecia uma mulher suja que se perfumava de essência de lótus para esconder o fedor de suas podridões.

O tenente pensava na mulher de quem acabara de despedir-se. Que significação teria aquele beijo? Ternura de irmã? Talvez compaixão... Ele não podia acreditar na ternura, mas recusava a compaixão. Queria amor, isso sim, não piedade. Fosse como fosse, a professora ficara para trás. Nunca mais! Ia agora ver K., teria a

rapariga nua na cama... a última noite. Depois K. seria também apenas uma imagem na memória, uma figura que se iria desbotando aos poucos, lavada pelas águas do tempo. A vida era muito estranha...

Passou por uma janela aberta, vislumbrou no interior da casa um altar onde se queimava incenso. A fumaça chegou-lhe às narinas, lembrando-lhe um dia em que, adolescente, entrara por curiosidade na única igreja católica existente na cidade onde vivia, e assistira a uma missa inteira, deslumbrado pelo ritual, os paramentos do padre, a música do órgão, o fulgor do ostensório, o mistério da comunhão - o corpo e o sangue de Cristo - e depois voltara para casa com um sentimento de culpa por haver traído a sua própria religião, desejando ajoelhar-se diante de seu ministro para confessar aquele pecado e outros, muitos outros que o atormentavam, mas sabendo ao mesmo tempo, frustrado, que na sua igreja não havia confessorário.

A dor de cabeça lhe voltara, era agora uma espécie de dor opaca, que lhe tomava todo o crânio. Apalpou um dos bolsos do blusão e certificou-se de que tinha ali comprimidos de aspirina: engoliria dois deles logo que chegasse ao quarto onde K. o esperava. Tateou o outro bolso e sentiu o duro relevo do estojo que continha o anel... Turquesa. Os olhos da professora. Pensou nos soldados amarelos a se revezarem disciplinados sobre o corpo dela, como se cumprissem uma tarefa militar: sugavam o ar e chupavam os dentes para exprimir convencionalmente o seu gozo. Teve pena da amiga. Como tudo aquilo era triste, sórdido e ao mesmo tempo gratuito! É preciso a gente aprender a viver em paz consigo mesma e seu passado. Ela lhe beijara a face... mesmo sabendo que ele tinha sangue negro nas veias. As palavras são as sombras das coisas. Talvez. Mas as palavras podiam ferir. As palavras às vezes matavam.

As luzes da cidade estavam amortecidas. As pessoas que passavam na calçada pareciam figuras de sonho. Um ou outro automóvel ou velotáxi rodava ao longo da avenida. A lua parecia segui-lo como um implacável olho sem pálpebra.

Passou a uma esquina por três fuzileiros negros. Ouviu um deles

exclamar: "Terra do diabo! Quem me dera estar em casa agora!" Era assim - refletiu, atravessando a rua -, aqueles homens de cor não podiam viver muito tempo longe da pátria que os repudiava. Artistas e intelectuais negros de sua terra visitavam a Europa, onde geralmente eram tratados como seres humanos, aceitos em quase todos os lugares. Dormiam até com mulheres brancas. Falavam e escreviam furiosamente contra o seu país natal, mas acabavam sempre voltando para lá, pois não suportavam a falta daquela terra onde eram considerados apenas cidadãos de terceira classe. (Os cães e gatos de estimação eram os de segunda.) E pela primeira vez naquele dia o tenente sentiu, intenso, o desejo de voltar para casa, fugir daquele pesadelo asiático, gozar de novo dos confortos, das máquinas, da bem organizada rotina da vida de seu país de origem. Pensou na própria esposa com remorso. Imaginou que o filho caminhava agora a seu lado, com a cabeça enfaixada em ataduras sangrentas. Aonde vais, papai? Vou dormir com uma vagabunda. Escuta o que te digo, eu, teu pai, sou um traidor. Traí meu próprio pai. Traí minha mãe. Traí minha raça. Agora vou trair mais uma vez minha mulher, tua mãe. Vai-te daqui! Talvez hoje eu faça um filho na rameira. Aí terei traído a ti também. (Como podia pensar essas coisas que realmente não sentia?) O suor continuava a escorrer-lhe cada vez mais abundante pelo corpo todo. Tirou do bolso o lenço e passou-o repetidamente pela cara. Ao chegar à esquina de uma praça avistou o letreiro luminoso do Café Caravelle, azul e vermelho. Parou, sentindo de repente a estranheza e a improbabilidade daquela situação. Ele, naquele lugar, àquela hora, naquelas circunstâncias... Ia para os braços de uma prostituta, uma figurinha como as que ele vira tantas vezes, encantado, nas gravuras coloridas dos livros da adolescência: esbeltas, delicadas, em seus pijamas negros, os rostos meio sombreados pelos chapéus cônicos... Quem sou eu? - perguntou-se a si mesmo. Trazia no bolso os papéis de identidade com o seu nome e número. O número era de certo modo mais importante que o nome. Não estaria longe o dia em que os homens todos fossem apenas números num computador descomunal. E esse computador bem poderia então transformar-se no deus de uma nova era.

Mais de uma vez, quando estava com K. na cama, pensara na possibilidade de ser apunhalado pelas costas por um inimigo que se esgueirasse despercebido para dentro do quarto. Imaginou-se morto, completamente nu, sem qualquer documento de identidade, estendido no fundo de um beco ou boiando nas águas do rio... A pessoa que o encontrasse veria logo: é um homem. Se fosse um compatriota seu, acrescentaria: de raça negra. Seu cadáver seria metido na gaveta da geladeira do necrotério, onde aguardaria identificação. Mas se lhe descobrissem o nome ou o número, nem por isso ele recuperaria a vida. Não seria a identidade de uma pessoa mais que uma combinação de letras, sons e algarismos?

Tornou a pensar na professora. Sombras... Pronunciou baixinho o próprio nome, muitas, muitas vezes, até que aquela combinação de fonemas perdeu todo o sentido. Fez o mesmo com o nome daquela cidade e o daquele país. Depois, lentamente, sentindo uma leve contração de garganta, atravessou a praça na direção do café.

Ouvia-se ainda a trovoada longínqua do canhoneiro.

Entrou no café, onde soldados e civis bebiam, sentados às mesas ou de pé, junto ao balcão, quase todos acompanhados de mulheres nativas. Uma eletrola automática enchia, o ar da estridência de guitarras elétricas e das vozes guturais de um quarteto misto que, para o tenente, parecia repetir, numa obsessão desesperada, a mesma frase de três palavras. (Quantos dos homens que ali estavam haviam já dormido com K.?)

Aproximou-se da caixa. A madame sorriu-lhe com seus dentes podres. Metida numa bata negra, era gorducha, tinha a cara muito pintada e um princípio de calvície que lhe abria clareiras no couro cabeludo oleoso.

- Ah! O senhor tenente! Boa noite. A menina já está lá em cima à sua espera.

- Olhou para o relógio de parede.

- O senhor chegou três minutos atrasado. Sua hora termina às dez em ponto. Cada minuto extra lhe custará dinheiro.

- Quanto lhe devo? - perguntou ele, evitando encará-la.

- Ah! Ela me disse que o senhor vai embora amanhã, não?

- É verdade.

- Para sempre?

- Sim.

- Mas então esta noite é muito especial. Meti no gelo uma garrafa grande de champanha. Mas, por favor, não quebrem as taças, sim? O patrão não gosta disso. Ontem, lá em cima, um soldado quebrou o copo depois de beber. O outro homem que mais tarde usou o quarto, cortou-se. Tinha ficado um caco na cama...

- Está bem! Está bem! Diga logo quanto tenho de pagar.

- Vamos ver... - Como de costume ela ficou um instante a manejar o ábaco, movendo as contas com destreza, enquanto ele esperava, soltando suspiros de impaciência. - Pronto, senhor tenente! É pouco. Está tudo incluído: o quarto, a bebida e a moça.

Ele achou a soma exagerada mas pagou sem discutir. Deu uma gorjeta à madame que fez uma inclinação de cabeça, exclamando:

- Desejo que toda a força do tigre branco esteja esta noite em seu corpo, senhor oficial!

Apanhou a bandeja com a garrafa de champanha e as taças e encaminhou-se para o andar superior. Ele a seguiu. A escada estreita cheirava a mofo e rangia. O quarto ficava imediatamente por cima do salão principal do café.

- Adiante! - ordenou o tenente. - Deixe a bandeja em cima da mesa e saia em seguida.

Só entrou no quarto depois que a mulher desceu.

Num vestido cor de rosa-chá, K. encontrava-se de pé junto da janela, a olhar para fora. Quando o tenente entrou, ela voltou a cabeça, sorriu e caminhou para ele de braços estendidos. Ele lhe tomou das mãos e beijou-as. (O sexo de quantos homens estes dedos terão acariciado hoje?) Estreitou-a depois contra o peito, sentiu-a frágil e pequena, e isso o enterneceu. Como de costume, a cabeça dela aninhou-se-lhe no peito e ali ficou como se tivesse encontrado o seu lugar definitivo. Ele lhe beijou os cabelos, depois o lóbulo das orelhas, o pescoço, o queixo e finalmente os lábios, longamente. Imaginou, num arrepio desagradável, que estava indiretamente beijando a boca de centenas de homens desconhecidos. Eram lábios públicos, aqueles. Tinham um preço. De novo apertou a rapariga contra o próprio corpo. (Estarei cheirando

mal? Ela sentirá nojo de mim? E dos outros?) Ficaram assim enlaçados por alguns instantes, enquanto, despedindo-se, ele olhava em torno do pequeno quarto: o papel da parede, já descascado em alguns pontos narcisos contra um fundo de folhas secas -, as cortinas verdes desbotadas, o tapete puído, o pequeno guarda-roupa com espelho na porta, a coberta de oleado da mesinha, em xadrez rosado... E lá estava também a cama de ferro que sempre lhe lembrava a de seus pais - tudo isso mal iluminado pela luz de um bico de luz elétrica, nu e encardido, que pendia de um fio, do centro do teto.

Via-se que a cama havia sido arrumada às pressas, a colcha mal esticada. Era improvável que tivessem mudado o lençol. Iam, pois, deitar-se sobre o suor de outros corpos, e possivelmente haveria naqueles panos manchas do sêmen de outros homens. (Brancos? Negros? Amarelos?) Talvez a própria K. tivesse sido a última mulher a entregar seu corpo naquele leito.

- Você está bem? - perguntou ele ao ouvido da moça.

- Bem - respondeu ela. E, erguendo o rosto, perguntou: - Amanhã?

- Amanhã. Meio-dia.

- Estou triste. Muito triste.

Seria mesmo de genuína tristeza a expressão que via no rosto dela ou apenas um simulacro, um mero movimento de músculos estudado diante do espelho? Não podia esquecer que K., afinal de contas, era uma profissional, e uma das regras de seu jogo era dar sempre ao homem com quem estava, se não a certeza de que ele era o único, pelo menos a ilusão de que era o mais querido. Sabia que ela nascera do outro lado do rio, nos arrozais, e que seus pais eram camponeses. Muitas moças de sua profissão tinham a mesma origem humilde e a miséria as levava à prostituição. Moravam agora na cidade e algumas delas eram amantes exclusivas de oficiais brancos. O proxeneta de K., porém, achava que podia fazer mais dinheiro com o corpo dela vendendo-o a varejo.

O tenente libertou a moça de seu abraço, tirou do bolso o pequeno estojo e abriu-o.

- Para você.

K. apanhou o anel e, sorrindo como uma menina que acaba de

ganhar um brinquedo, enfiou-o num dos dedos, murmurando:

- Bonito. - Ergueu os olhos. - Obrigada!

Nesse ponto pareceu que seu vocabulário se esgotava. Seus olhos eram como duas luas escuras - pensou ele. Uma franja negra e lustrosa cobria-lhe parte da testa arredondada. O rosto era quase triangular, largo à altura das zigomas, o nariz curto. O lábio superior lembrava vagamente o desenho do telhado de um pagode.

Ele se encaminhou para a mesa, encheu as taças de vinho, deu uma delas a K. e ficaram ambos por algum tempo a beber em silêncio. O champanhe parecia legítimo, concluiu ele, engolindo dois comprimidos de aspirina. (Que percentagem teria K. naquela garrafa?) Tornou a beber, dessa vez um gole mais largo, e pensando que o álcool não ia contribuir em nada para lhe clarear a cabeça. Apontou para o anel:

- Ele... aquele homem... compreende? - Formou um círculo com o polegar e o indicador e levou-o aos olhos, para dar a idéia de óculos. - Não vai tirar de você esse anel?

K. arregalou os olhos, como se não houvesse entendido o que ele dizia. O tenente repetiu a pergunta, em outras palavras e com diferente mímica. Ela encolheu os ombros. Depôs a taça sobre a mesa e bateu repetidamente com a unha do indicador, no mostrador do seu relógio-pulseira.

- O tempo...

Era outra palavra importante de seu vocabulário na língua daqueles homens brancos que compravam amor à hora. Fez meia volta, encaminhou-se para o quarto de banho e fechou a porta atrás de si. O tenente desabotoou o blusão, despiu-o e jogou-o para cima de uma cadeira. Agarrou a colcha da cama, puxou-a, e saiu a andar pelo quarto, enxugando com ela o pescoço, as costas e o peito. Tudo aquilo, visto, ouvido e sentido através de sua dor de cabeça e de seu estonteamento começava a parecer um sonho doido. O canhoneiro longínquo, os sons da eletrola automática lá em baixo, as risadas e as exclamações dos soldados, os gritinhos das mulheres...

Sentou-se numa cadeira, com a colcha caída aos pés, e ficou a acompanhar com o olhar os movimentos de uma barata que subia

na parede fronteira. Lembravase de uma certa noite, naquele mesmo quarto, durante a estação das chuvas. Ele ficara abraçado com K. na cama, ouvindo o aguaceiro bater no telhado de zinco. Chovia incessantemente havia duas semanas, e a água caía em torrentes de um céu de ardósia, com uma violência de dilúvio. Ele tivera de sair em várias missões pelas aldeias circunvizinhas, atolando-se em lamaçais - um barro gordo grudado nas botas, no uniforme, na pele... Parecia-lhe que, sob a chuva, tudo inchava - as árvores, a terra, as madeiras, as casas, as pessoas. Os próprios guerrilheiros inimigos proliferavam como cogumelos brotados da terra empapada. Na cidade as paredes internas dos edifícios porejavam água, recendiam a mofo. Os lençóis das camas estavam permanentemente úmidos. E sempre o calor, os mosquitos e aquela impressão de que o mundo ia dissolver-se sob a chuva, e o próprio cérebro da gente acabaria transformando-se num mingau aguado... Poucos minutos depois, K. saiu do quarto de banho completamente nua, os braços caídos ao longo do corpo. Era esbelta como uma adolescente, os quadris estreitos, os seios miúdos. Apagou a luz da lâmpada central, acendeu a da mesinhade-cabeceira, subiu para a cama e ficou sentada no centro dela, à maneira oriental. Ele tornou a ver a estudante da manhã envolta em chamas. K. olhava para ele, serena, esperando. Seu corpo despedia uma certa luminosidade. Era como uma estátua de cobre brunido. (Ele descobrira uma noite, divertido, que seu umbigo parecia a minúscula estilização de uma flor-de-lótus.) A delicadeza de seu sexo, quase tão fechado como o de uma virgem, sempre o comovia. (Seu dedo costumava brincar com a pérola da ostra, dentro da concha.) Ele continuou a contemplá-la, ofegante, mas com a carne estranhadamente esvaziada de desejo. Imaginava K. com doze anos, na sua choupana, nos arrozais. O mercenário branco, enorme, derrubava-a... Ouviu os gritos lancinantes da menina, sentiu que o homem lhe rasgava as entranhas - suado, brutal, arquejante, gemendo de gozo, e depois a deixava ensangüentada e sem sentidos entre as ruínas dos ranchos reduzidos a cinzas, e se ia para outras carnificinas e estupros, enquanto as bombas lançadas pelos aviões de seu exército mercenário continuavam a bárbara violação

daquela terra e daquela gente.

K. sorria, esperando. O tenente sentia-se como na sua noite nupcial. Uma virgem esperava-o na cama de seus pais. Isso o inibia.

- Vem - murmurou ela.

Ele não respondeu nem fez o menor movimento. Era como se estivesse paralisado por um sortilégio qualquer. Tão pequena - pensou -, tão frágil. Como é que tem forças para suportar esta vida? Por quanto tempo mais poderá andar como uma mercadoria de aluguel, de mão em mão? Veio-lhe, então, um pensamento tão pungente, que o deixou de olhos úmidos. Quando ela envelhecer e perder a graça, o seu proxeneta a descartará como quem joga fora uma escova de dentes gasta e inútil. K. irá baixando de categoria, acabará como prostituta de beira de cais. Por fim, velha, desdentada, doente, voltará para os arrozais para lá morrer... E nesse dia, nesse dia onde estarei eu, Deus meu? Seria melhor que ela se consumisse agora numa labareda purificadora, como a estudante budista. Antes da queda, antes da velhice e da decomposição...

O sangue subia-lhe à cabeça, turbulento. Não devia ter bebido. De qualquer modo, agora era tarde demais. K. ainda lhe sorria, punha de novo o indicador sobre o relógio-pulseira, chamando-lhe a atenção para a passagem do tempo.

Ergueu-se com acanhada relutância, deu alguns passos, sentou-se na beira da cama, acariciou os cabelos da rapariga. Puxou-lhe a cabeça, aninhando-a no ângulo entre o braço e o antebraço esquerdos e, enlaçando-lhe a cintura com o braço direito, beijou-lhe a boca de leve, bem de leve, como temendo machucá-la. No seu beijo havia uma ternura sem desejo. Era curioso. Parecia anestesiado da cintura para baixo. A simples idéia de penetrar aquele corpo causava-lhe um arrepiado constrangimento. Ela era uma menina de doze anos. Sua irmã menor. Então K., percebendo a sua indecisão, procurou excitá-lo com sua técnica de profissional, mas sem resultado. Quis repetir as carícias, mas ele a deteve, exclamando "Não!" quase colericamente. Entrou no quarto de banho, despiu-se, saltou para dentro da banheira, tomou uma

ducha rápida, usando o chuveiro manual que lembrava ridiculamente um telefone, enxugou-se, voltou para o quarto e deitou-se ao lado de K. "Doente?", - perguntou ela. Ele sacudiu a cabeça vigorosamente, negando. Aquela impotência, que sabia temporária, longe de envergonhá-lo, dava-lhe uma sensação de pureza que de certo modo o gratificava. Começou a acariciar a rapariga, cuja epiderme tinha a maciez e a textura de uma pétala de magnólia. (O cemitério, a cova do pai, o jazz-band, as meias da mãe.) Brincou inocentemente com os bicos dos seios dela, fazendo-a rir. (E aquele riso? Significaria que ela sentia prazer... ou ria porque tinha aprendido que uma mulher deve fingir que se excita quando lhe bolem nos seios, e que a melhor maneira de revelar excitação é rir baixinho, como se tudo fosse um brinquedo?) Espalmou a mão no ventre magro da rapariga, explorou com dedos esfrolantes o bosque do púbis, apalpou os músculos elásticos das coxas e, enquanto fazia isso, pensava em que aquela era sua última noite com K., e as lágrimas (ou seria apenas suor?) escorriam-lhe pelas faces, e o coração se lhe apertava (a vida era mesmo uma história contada por um idiota), e as têmporas continuavam a pulsar, enquanto longe o bombardeio continuava, e lá em baixo guinchavam as guitarras elétricas, e ali, no quarto, a barata agora caminhava no teto. Via os dedos dos pés de K. minúsculos, unhas rosadas, junto dos seus enormes pés mulatos, e uma libélula de asas iridescentes pousava no caixão de seu pai, e as meias pregueavam-se frouxas nas pernas de sua mãe, e a inscrição da lápide lhe voltava nítida à mente... e havia uma rosa caída no meio do caminho e a professora dizia que a compaixão o poderia salvar... E de repente sua mulher e seu filho estavam também ali no quarto, aos pés da cama, e ambos olhavam a cena, e havia sangue nas ataduras da cabeça do menino, e o silêncio de ambos era uma acusação mas - engraçado! - ele não se preocupava com aquilo, e sua mão voltava a acariciar o rosto de K... Começou a dizer-lhe em surdina, ao ouvido, palavras de grande amor e de grande ternura que ela não podia entender, e por isso ria, ria baixinho, ela a menina que tinha sido violentada por um mercenário brutal... e a vida era absurda, e ele decerto não passava de uma personagem

sem nome num pesadelo de Deus... e uma grande canseira tomava-lhe conta do corpo e então cerrou os olhos enquanto K. lhe acariciava os cabelos, enxugava o suor do rosto com a ponta do lençol, Verônica... Verônica... e começou a cantar-lhe baixinho uma canção cuja música ele não podia compreender... uma melopéia que ele já ouvira tocada em flauta por um pescador... triste, triste... e buscava seguir a linha melódica mas esta lhe fugia como um pássaro arisco... uma ave-do-paraíso, perseguida, ferida, destruída por soldados amarelos que chupavam os dentes, faziam medidas diante de seu imperador, enquanto uma guitarra enorme enchia o mundo com sua estridência endoidecedora, e tudo escurecia no final dos tempos e era bom descansar, dormir, não despertar mais... Estavam iluminadas as três janelas centrais do sexto andar do Hotel du Vieux Monde. Eram as do apartamento do coronel. Metido num pijama de tecido leve, andava ele a caminhar de sala em sala, acendendo as luzes, como se procurasse alguém ou alguma coisa. Tinha feito várias tentativas frustradas para dormir. Sentia uma canseira profunda que o quebrantava até aos ossos, e estava ao mesmo tempo excitado como se houvesse ingerido uma dose maciça de dexedrina. Entrou no banheiro, umedeceu os olhos e, distraído, mais uma vez escovou os dentes, fez um gargarejo de água com dentifício. Olhou para o espelho, quase sem se reconhecer, voltou para o quarto de dormir e foi apagando de novo todas as luzes. O condicionador de ar mantinha a temperatura ambiente um pouco abaixo de 60º Fahrenheit.

Deitou-se de lado, cruzou os braços sobre o peito, cerrou os olhos e pensou numa armadilha para aprisionar o sono. A primeira que lhe ocorreu foi o clássico contar de ovelhas imaginárias. Tolice. O melhor era fazer de conta que estava dirigindo um automóvel a toda a velocidade por uma estrada de asfalto, numa reta longa, a perder de vista, os olhos fixos na linha branca que a dividia ao meio... Lembrou-se de um quadro surrealista que vira num museu: vasta estepe nua com linhas paralelas fugindo para o horizonte... Inútil! Fazia mais de vinte e quatro horas que não pregava olho e no entanto ali estava sem conseguir dormir. Remexeu-se, procurando outra posição mais confortável. Ioga. Estendeu-se de

costas, os braços caídos ao longo do corpo, afastou um pouco as pernas uma da outra. Relaxar os músculos... Descontrair-se...

Pareceu-lhe que, apesar de todas as tentativas que fazia para ficar em estado de repouso, seu cérebro era uma espécie de alucinado balão efervescente que recusava paz e descanso ao resto do corpo. Tornou a saltar da cama, apanhou a garrafa de metal, abriu-a, levou-a à boca, tomou vários goles, sentiu a água gelada descer agradavelmente pelo esôfago e cair no estômago. Ficou parado a escutar a trovoada distante do canhoneiro. Onde estariam atirando? Era insensato como às vezes tinham de disparar cegamente na direção onde se supunha estivesse o inimigo. As ratazanas provavelmente estavam escondidas em suas tocas. Mas o remédio mesmo era continuar aquela tática de terra arrasada, se quisessem aniquilar os comunistas definitivamente. Era preciso ganhar aquela guerra, custasse o que custasse!

Sentou-se na cama, passou a mão pela testa. Ansiava por voltar a ser um combatente. Agora era questão apenas de dias, e ele se libertaria definitivamente da sua prisão burocrática. Irritava-o, porém, desmoralizava-o a idéia de não ter descoberto ainda o contrabando de explosivos de plástico escondido em algum lugar daquela cidade maldita, e de não haver prendido os terroristas responsáveis pelas explosões no hotel e no cinema.

Tornou a deitar-se. Sua cabeça era uma espécie de televisor em cujo quadro se passasse um filme desvairado, feito de pedaços de outros - drama, comédia, documentário -, tudo desconexo, vertiginoso, incongruente e impossível de apagar... A loucura - refletiu - devia ser a permanência daquele estado de confusão e excitação elevado ao cubo.

Acendeu a lâmpada de cabeceira, olhou o relógio-pulseira. Quinze para as dez. Se eu não dormir esta noite, minha cabeça explodirá como uma granada. Ficou a fantasiar a metáfora... Seus pensamentos se irradiariam para todos os lados como estilhaços, junto com todo o lixo da memória. Ah! Se o seu respeitável pai pudesse "ver" o estouro... Se as cenas do passado, seus sentimentos e pensamentos mais secretos pudessem assumir uma expressão plástica e o velho ficasse sentado naquela poltrona, ali

no canto, boquiaberto, a olhar a atomização de seu cérebro - na certa morreria de desgosto por descobrir as sujeiras, as iniquidades, os pecados que se escondiam no consciente e no inconsciente de seu unigênito... Veria, nas mais diferentes formas, um pensamento que o filho muitas vezes repelira, mas que insistia em aparecer-lhe na mente, com maior ou menor intensidade e nitidez: o pai morto dentro de um caixão, um crucifixo no peito... Mudava o tipo do esquife, o ambiente, a causa da morte, mas o defunto era sempre o mesmo, a mesma cara cor de cera, solene e altiva até na morte... Quantas vezes ele tivera, sob os mais variados disfarces, essa visão parricida!

De novo fechou os olhos e pensou na mulher amada. Que estaria ela fazendo àquela hora? Talvez gemendo de prazer nos braços de um outro homem... A idéia lhe era desagradável, mas ele não podia censurar a amante. Tinham-se dito adeus sem maiores promessas. Falara-se na possibilidade de ele não voltar mais, pois poderia ser morto em ação. Ou então retornar à mesma situação familiar sem remédio.

Era curioso como um homem podia ter a coragem suficiente para enfrentar a peito descoberto um inimigo armado de metralhadora e, no entanto, revelar-se um covarde incapaz de quebrar as grades de papel e palavras da sua prisão social... e resignar-se abjetamente a continuar representando sua triste parte na insípida comédia, usando máscaras em vez da sua face natural. E qual seria mesmo a sua face verdadeira, a que um dia teria de apresentar a Deus? Mas acreditaria ele mesmo no Juízo Final, ou seria Deus apenas mais uma das invenções de sua excelência reverendíssima o senhor bispo, seu pai?

O coronel voltou-se para o outro lado e viu em cima da mesinha-de-cabeceira, junto da lâmpada, a carta da mulher, chegada havia dois dias, e que ele não tivera ainda a coragem de abrir. Detestava aquela caligrafia, aquele estilo (todas as moças que haviam cursado a sua escola possuíam o mesmo talhe de letra), os pequenos incidentes domésticos que ela lhe contava com pormenores irritantes (cenas de supermercado e chás de caridade, enredos de filmes) e, acima de tudo, repelia os beijos que ela lhe mandava,

usando invariavelmente a mesma fórmula, no fim da carta.

Olhou longamente para o vidro que continha os comprimidos soporíferos. Tomara dois antes de ir para a cama mas ainda não lhes sentira o efeito. Devia tornar um terceiro?

De novo imaginou a longa faixa de asfalto com a linha divisória branca. Depois começou a escrever mentalmente uma carta à filha: "Queridíssima: Aqui estou no meu quarto, insone, pensando em ti. Lá fora faz um calor de Geena (como diria o teu avô). Ouço o troar dos canhões, vindo de longe. Não te impressiones, são os nossos soldados que atiram contra o inimigo-fantasma. Tive um dia muito duro e estou morto de cansado, mas a despeito disso não consigo dormir. Quisera que estivesses a meu lado, meu amor. (E agora a carta já era dirigida à amante.) Em certas horas sinto falta de tua presença física de uma forma que chega a doer, Tenho às vezes a impressão de que os homens de todas as nações da Terra enlouqueceram, mas acho que nós devemos conservar a nossa sanidade mental para trazer ordem ao mundo e evitar que nele se estabeleça definitivamente o caos... Sabes de uma coisa estranha? Um dia, em pleno combate, acredites ou não, pensei em ti. Guerrilheiros invisíveis trepados em árvores fizeram fogo contra nós, mataram um de meus soldados. Com uma rajada de metralhadora derrubei um dos atiradores... Não te horrorizes, meu amor (de novo escrevia à filha), porque esse foi o único homem que matei nesta guerra com minhas próprias mãos. Caiu da árvore como uma fruta podre. (Apagou mentalmente estas duas últimas palavras.) Não teria mais de dezessete anos. Quase da tua idade! Pensei em ti, comovido. Era magro e estava vestido de farrapos e tinha enrolado nos pés, à guisa de sapatos, pedaços de pneus velhos. Não fomos nós quem provocou esta guerra terrível, mas temos de fazer o nosso melhor para vencer, e o nosso melhor é o "melhoríssimo" no mundo inteiro. E eu peço sempre a Deus que nos proteja e inspire, para que possamos usar a nossa força e a nossa riqueza não só em benefício próprio como também para a felicidade e o bem-estar da humanidade inteira. Sei que no resto do mundo somos censurados. Chamam-nos de imperialistas, colonialistas, opressores. Na nossa própria terra, além da massa dos indiferentes,

dos alienados, existem os falcões, que estão do nosso lado, aprovam o emprego do nosso poderio militar para deter a expansão comunista na Ásia e no resto do mundo, e as pombas, que servem consciente ou inconscientemente os interesses do comunismo internacional, mal sabendo que, no dia em que o mundo for comunizado, elas serão as primeiras vítimas. Minha querida filha, se há idéia que me horroriza é a de que possas um dia viver dentro de um regime totalitário, sob o olhar vigilante do Irmão Maior, apenas como uma peça da máquina do Estado. Nossos bravos rapazes e teu próprio pai aqui estão lutando para que tu e teus filhos venham a gozar de uma longa era de paz, justiça e liberdade, em que cada qual possa escolher livremente a sua religião, os livros que quer ler e a profissão para a qual se sente inclinado... Um mundo em que qualquer um possa dizer o que pensa sem ter medo de ser posto na cadeia ou mandado para uma Sibéria qualquer. Pensa apenas isto: todos nós estamos aqui passando durezas e arriscando nossas vidas e mesmo perdendo-as em prol da democracia..."

Sentou-se brusco na cama, abriu o vidro de sonífero, tirou dele um comprimido, meteu-o na boca e mastigou-o antes de engolir. Era amargo. O canhoneiro cessara por um momento. Tornou a deitar-se.

Retomou a carta imaginária. Agora se dirigia de novo à amante: "Como eu ia te dizendo, em pleno combate pensei em ti. Quando me aproximei do comunista que matei, ele estava estendido ao pé da árvore, de costas, os olhos, negros como os teus, muito abertos e imóveis... e parece incrível que tua imagem me tivesse vindo à mente naquele exato momento. Por quê? Creio que foi a posição em que o rapaz se encontrava, estendido sobre a relva, os cabelos metidos num tufo de verdura, as pernas um pouco afastadas uma da outra. Lembrei-me daquela nossa tarde no bosque (te lembras?) em que fizemos o amor sobre a relva, debaixo de uma bétula, e tu ficaste com medo de que alguém aparecesse, estás te recordando?... e até um esquilo nos espiou, curioso, por entre a forquilha de uma árvore e tu rompestes a rir... Querida filha, reza por mim, pede a Deus que perdoe os pecados de teu pai e os teus próprios, e acredita no meu amor..."

No mesmo andar, no quarto só, o major, sentado junto à mesa, escrevia uma carta à sua ex-esposa. "Meu bem, embora eu saiba que te obstinas em não responder às minhas cartas, aqui estou de novo, porque minha afeição por ti e pelos nossos filhos é maior, muito mais forte do que meu amor-próprio. Posso ser morto a qualquer momento. Por favor, quero que me compreendas. Não estou tentando nenhuma chantagem sentimental, nem sequer pedindo compaixão, ali, não! Tu me conheces. Posso ser tudo, menos trágico. A tragédia não foi feita para os gordos. Nosso destino é a farsa. Mas a verdade é que nosso país está metido até o pescoço na mais surrealista das guerras. A semana passada mataram um de meus melhores sargentos: passava de jipe por uma estrada quando uma bala, vinda ninguém até agora sabe de onde, trespassou-lhe a cabeça. Tudo ocorreu de um modo tão silencioso, que o homem que dirigia o jipe levou alguns minutos para perceber que levava a seu lado um cadáver. Pensou que o companheiro dormia (as horas de sono aqui são muito irregulares...). Ora, amanhã bem pode chegar a minha vez, magro ou gordo, trágico ou cômico. Não é impossível também que, seguindo o exemplo desses sacerdotes de túnica cor de abóbora, eu derrame sobre o meu corpo uma lata de gasolina (podes ficar certa de que usarei patrioticamente a boa, pura gasolina saída do solo sacrossanto de nosso Estado natal, das jazidas das quais teu pai tem tantas ações preferenciais), acenda um isqueiro, também de fabricação nacional, e vum! - lá estarei eu transformado naquilo que os poetas chamam de sarça-ardente. Estou certo de que tenho em mim os elementos de uma bela tocha, pois unto não me falta. E agora fico a pensar no meu pobre corpo carbonizado no meio de uma dessas ruas, sob o olhar indiferente dos nativos. (Quero que reclames os meus dentes de ouro, junto com os meus outros pertences.) Mas, falando sério, algo de terrível me pode acontecer nesta guerra, inclusive sair dela vivo. Escuta. Eu te amo. Às vezes temo vir a odiar minha própria mãe (deveria escrever "santa mãe" mas não posso, seria sarcasmo) por tudo quanto ela fez para nos separar. Outra coisa. Não negarei que às vezes vou para a cama com prostitutas nativas. São frágeis como flores, limpinhas, amáveis e foram educadas para agradar os

homens, civis e militares indistintamente, magros ou gordos. Mas a verdade é que só a ti realmente quero. Gostaria que não fosses tão teimosa e me escrevesse duas linhas, dando-me pelo menos a esperança de que um dia talvez possamos de novo viver juntos, com nossos filhos. Não me castigues por um crime que não cometi. Está claro que não me considero completamente isento de culpa. Ninguém é mais inocente nos dias que correm, mesmo se excluirmos o pecado original, que é uma imagem sempre de grande efeito literário".

Por um instante o major ficou escutando o surdo e remoto trovejar dos canhões. Estava metido apenas nas calças do pijama. O ventre, duplamente pagueado, caía-lhe sobre as coxas. Encheu o cachimbo, acendeu-o. Ficou um instante a fumar e a olhar, distraído, para o retrato da mulher e dos filhos, que tinha na sua frente. Depois continuou a escrever: "Hoje tive um dia terrível. Andamos em busca de um contrabando de explosivos plásticos que entrou na cidade recentemente, e levamos adiante as investigações para descobrir os terroristas responsáveis pelas bombas que explodiram num hotel e num cinema, fazendo muitas vítimas. Estou quase morto de fadiga, mas não quis ir para a cama sem primeiro conversar um pouco contigo. Preciso dormir, para amanhã estar em condições de enfrentar outro dia duro. ¹E o pior é que bem posso ser despertado no meio da noite porque outra bomba estourou em algum lugar ou porque algum suspeito foi preso... Tivemos hoje um calor de tal modo intenso que a cidade parecia mergulhada num caldeirão cheio de chumbo derretido. Tenho aqui no quarto uma engenhoca de ar condicionado que me proporciona uma débil paródia de primavera. É melhor que nada. Sinto-me triste, minha querida. Não rias de mim. É a pura verdade. A solidão me pesa no peito. Ou será no estômago? Às vezes entretenho-me a escutar os roncos de minhas entranhas, que tocam músicas um pouco mais melódicas que as nativas. Mudando de assunto: Vou à missa todos os domingos e rezo com a convicção que este calor permite. O pároco é um mau orador mas uma boa alma. Prefiro-o ao nosso capelão, que é um monstro de formalismo. Conto-lhe os meus

pecados, estropiando a língua do bom velho, e ele me absolve com uma facilidade que me deixa desconfiado. Estive pensando um dia destes em que o catolicismo é uma religião elástica, uma espécie de nugá espiritual, pois, por mais que nos afastemos dela, de um modo ou de outro acabamos sendo puxados para o seu âmago e reabsorvidos. E somos sempre recebidos com uma vitela gorda e um anel, como na parábola bíblica. Minha letra está piorando, não espero que a consigas decifrar, o que não tem a menor importância, pois esta carta jamais chegará às tuas mãos, ó queridíssima! Assim posso abrir diante de ti a minha alma e o meu ventre, numa espécie de confissão a uma sacerdotisa invisível, amém, amém, amém..."

Releu a carta, soltou um risinho convulsivo de garganta, e depois rasgou-a em pedaços.

Encaminhou-se para o quarto de banho, ouvindo com a memória a voz da mãe, vendo-lhe a imagem e achando que sua mulher devia odiá-lo por ele parecerse tanto com a velha. Era o diabo! Abriu um vidro, tirou dele um comprimido alcalinizante na forma de uma moeda de cinquenta centavos, deixou-o cair num copo de água e esperou que a rodela se dissolvesse. Depois bebeu todo o conteúdo do copo e voltou para o quarto de dormir. Pensou em orar. Tempo perdido. Deus sabia o que ele lhe ia dizer e pedir. Se não soubesse, não seria Deus. E se não fosse Deus, nada teria sentido no Universo.

Atirou-se na cama e apagou a luz de cabeceira e, de olhos fechados, ficou a ouvir o zumbido do condicionador de ar, o canhoneiro e, dentro do próprio ventre, gemidos prolongados e plangentes que lembravam a sirene dos carros dos bombeiros de sua infância que passavam a toda velocidade na direção do lugar onde irrompera o incêndio. Onde? Onde? E então ele saltou para o estribo de um deles e lá se foi, em zigue-zagues vermelhos, por becos e ruas do passado, rumo dos confins sombrios do sono.

Ser capitão daquele vapor fluvial fora sempre o seu sonho, e agora ali estava ele, orgulhoso no seu uniforme... mas ao mesmo tempo tomado de um estranho medo... Não era fácil conduzir o barco no rio escuro, na noite escura, sem abalroar com outra embarcação ou

entrar terra adentro... Apreensivo, imóvel na ponte de comando, ouvia confusamente as vozes e as risadas dos passageiros que se divertiam no salão... Prostitutas pintadas, jogadores de baralho profissionais, como nas histórias antigas... camisas de peito e punhos de renda, uma carta clandestina metida numa das mangas da sobrecasaca... um pequeno revólver de cabo de madrepérola escondido num bolso... A pianola não cessava de tocar... As mulheres soltavam gritos indecentes... O rio escuro e imenso, e o medo e a desconfiança de que o mar não estava longe e de que todos iam perder-se no mar... Sabia que o pastor de sua paróquia andava vasculhando o navio à sua procura para levá-lo de volta à Escola Dominical, pois um menino não devia estar naquele antro de perdição que cheirava a álcool, fumo e fêmea... Fazia muito calor, as rodas do navio eram ao mesmo tempo as rodas de um moinho de trigo de um conto mal lembrado, e ele procurava examinar o mapa e a bússola, mas não conseguia enxergar nada, porque estava tudo envolto em bruma... mas não tão escuro que não pudesse divisar o vulto do homem ao leme... Tentou mover-se, queria descer ao salão mas não conseguiu fazer sequer um movimento, estava paralisado, impotente, e então lembrou-se de que sua própria mãe divertia-se lá em baixo, de cara pintada como as outras, e andava de mesa em mesa - a pianola! a pianola! a pianola! - oferecendo seus beijos aos jogadores, que em troca lhe davam dinheiro e palmadas nas nádegas e agora ele percebia que os batoteiros eram todos negros... ou seria apenas a falta de luz que lhes escurecia a pele? Se ao menos ele pudesse acionar uma daquelas alavancas... dar uma ordem à casa das máquinas para que fizessem o barco parar... Porque tinha enveredado terra adentro, navegava por uma rua seca, sobre as pedras irregulares do calçamento... casas de um lado e de outro, e suas rodas continuavam a mover-se... e a pianola! a pianola!... e ele temeu que os costados da embarcação derrubassem as frágeis casas dos pobres carpinteiros... Mas de novo singravam, sangravam o rio e de repente ele descobriu, num susto, que quem estava ao leme era o cadáver putrefato de seu pai... Santo Deus! O seu fedor ia empestear todo o navio, escandalizar os passageiros e haveria um

motim a bordo e o capitão seria enforcado porque todos saberiam que um cadáver pilotava o vapor e ia levá-los todos para o mar, a morte, o Inferno... Mas como se explicava que seu pai estivesse ao mesmo tempo no porão serrando e aplainando tábuas para fazer com elas féretros para todos os que estavam a bordo e para si mesmo? Quis fugir da ponte de comando mas alguém - sua mãe? a professora? - lhe batia de leve na cara, batia na cara, batia na cara...

O tenente despertou. K. lhe tocava com os dedos uma das faces. Estava completamente vestida e murmurava: "O tempo! O tempo!" Ele se levantou, estonteado e, como um sonâmbulo, foi apanhando uma a uma as peças de sua roupa. Enveredou para o quarto de banho, postou-se diante do espelho da pia, como procurando identificar-se a si mesmo, depois abriu a torneira e, juntando água na concha formada pelas mãos, molhou a cabeça, o pescoço, as faces. Em seguida começou a enxugar-se com uma toalha, atabalhoadamente, enquanto lhe cruzavam pela mente, esbatidas e fugidias, imagens do sonho - um navio, o grande rio da sua infância, uma rua, a figura da mãe... ou da professora?

A voz de K. chegou-lhe aos ouvidos: "O tempo! O tempo! O tempo!" Parecia uma sineta de vidro a tocar alarme. Ele terminou de vestir-se, aproximou-se dela, tomou-a nos braços, beijou-lhe as faces, os olhos, os lábios, murmurando, entre um beijo e outro, palavras de ternura, pouco lhe importando que ela não as compreendesse. Depois abriu a bolsa da rapariga e atufou nela várias notas esverdeadas do dinheiro de seu país, dizendo: "Para você, ouviu? Você! Não para aquele homem!" K. sacudia repetidamente a cabeça, dando a entender que compreendia tudo. Embaciava seus olhos - quis ele crer - uma névoa de tristeza. Ela ergueu a mão, mostrou o anel e balbuciou: "Muito obrigada."

Bateram na porta. O tenente foi abri-la. Era a madama, que reclamava:

- Perdão, senhor oficial, mas seu tempo terminou.

- Compro mais uma hora com a moça! - exclamou ele, frenético, metendo a mão num dos bolsos das calças.

A velhota sacudiu negativamente a cabeça.

- Sinto muito. A menina tem compromisso com outro freguês. Ele já está lá em baixo, impaciente. É até um senhor muito...

- Não quero saber quem é! - replicou ele, indignado. - Está bem. Peço apenas meio minuto. Pode ir embora!

Quase bateu a folha da porta na cara da alcoviteira. Voltou-se para K. e, vendo-a ali parada no centro da peça, submissa e desamparada, como uma simples coisa sem vontade própria, teve tanta pena dela, que lágrimas lhe vieram aos olhos, dessa vez abundantes.

Estreitou-a contra o próprio corpo, demoradamente, num silêncio trêmulo. Depois despreendeu-se dela, fez meia volta, precipitou-se para a porta, como se estivesse fugindo de alguém ou de alguma coisa, abriu-a num safanão, desceu a escada quase a correr, atravessou o salão do café sem olhar para nada nem para ninguém, e ganhou a calçada. A lua lá estava, alta no céu, à sua espera, como um anjo-da-guarda: tinha perdido sua cor amarelenta e agora parecia um disco de luminoso gelo. O tenente atravessou a rua, sentindo um aperto no coração. Quando chegou à calçada oposta voltou-se e olhou para a janela ainda iluminada do quarto que acabara de deixar, na esperança de avistar o vulto de K. Não viu ninguém e isso o deixou ainda mais triste. Continuou o seu caminho em direção ao centro da praça, pisando sobre a relva dos canteiros, refletindo sobre aquela despedida apressada e prosaica, tão diferente da que ele havia imaginado.

Tinha já atravessado a praça e ia entrar na avenida do canal quando de súbito uma explosão brutal como que rasgou a noite de cima a baixo, precedida de um relâmpago. O tenente atirou-se ao chão e ficou estatelado, de bruços (bombardeiro? um plástico?), o coração a bater no ritmo do susto, as unhas cravadas na terra, procurando instintivamente abrir nela uma cova onde abrigar-se. Sentiu uma dor e um zumbido nos ouvidos, como se o estrondo lhe tivesse rompido as membranas do tímpano. O choque embotou-lhe por alguns segundos a faculdade de pensar. Não poderia dizer quantos minutos ali ficou estendido sobre o canteiro, mordendo os talos de relva que lhe entravam pela boca. Era como se o próprio tempo tivesse sido atomizado pela medonha explosão. E, dentro do

silêncio oco que se fizera na noite, ele sentia, mais que ouvia, o trânsito surdo do próprio sangue alarmado. Soergueu-se aos poucos, ficou primeiro de joelhos, sacudindo a cabeça de um lado para outro, e por fim se pôs de pé. Voltou-se e viu o Café Caravelle em chamas. Compreendeu então o que se havia passado. Pensou em K. e rompeu a correr na direção do incêndio. Estava já na calçada fronteira à do café e ia atravessar a rua, quando alguém lhe agarrou fortemente o braço. Era um soldado da Polícia Militar. Dizia-lhe alguma coisa que no seu aturdimento ele não conseguia entender. Mas o homem empurrava-o para trás, obrigava-o a sentar-se num dos bancos da praça (Calma, tenente! Calma, tenente!). Vultos moviam-se ao clarão do incêndio. Um jipe parou junto ao meio-fio, à frente do café, e de dentro dele saltaram cinco soldados com capacetes brancos. O tenente olhava estupidificado para tudo aquilo. Viu quando os guardas estenderam uma corda, isolando uma larga área à frente do prédio e ouviu, vindo de longe, o uivo de uma sirene. Dentro de alguns minutos chegou o primeiro carro de bombeiros, seguido de uma ambulância.

Ficou a olhar para a casa em chamas e a pensar em K. Curiosos apareciam de todos os lados. Janelas iluminavam-se em derredor da praça.

Os bombeiros começaram a trabalhar para apagar o fogo e evitar que se comunicasse às casas vizinhas. Chegaram abafadas aos ouvidos do tenente vozes humanas e o crepitar das chamas. De repente se ouviu novo estrondo. Era o andar superior do café que se desmoronava. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos, cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar.

Cerca de uma hora mais tarde, os bombeiros haviam retirado alguns corpos de dentro das ruínas do café. Os poucos que apresentavam ainda sinais de vida foram metidos numa ambulância e levados a toda a velocidade para o hospital. Os mortos ficaram estendidos sobre o asfalto da rua. Fazendo um esforço sobre si mesmo, o tenente aproximou-se de um dos soldados da Polícia Militar, identificouse, passou sob o cordão de isolamento e, às tontas, começou a caminhar por entre os corpos. Estavam em sua maioria mutilados e parcialmente carbonizados, e alguns haviam

perdido a forma humana. Partículas de vidro rangiam debaixo da sola de suas botas. Sentiu sob um dos pés uma coisa flácida e teve um estremecimento de horror quando viu que havia pisado num braço humano separado do corpo. Andava no ar um bafo de cinzas úmidas, de mistura com um cheiro de carne e pano queimados.

Houve um momento em que o tenente parou, subitamente esquecido do que procurava e da razão por que estava ali no meio daqueles restos humanos, dos bombeiros e dos homens da Cruz Vermelha. Ouvia vozes em tom baixo, cortadas de ordens urgentes. "Sargento, aqui depressa! Este ainda está vivo. Tragam a maca. Plasma, rápido!" Viu quando levantaram um corpo e o levaram para uma ambulância, que arrancou e se foi a toda a velocidade, rua fora, a sirene uivando.

Santo Deus! Porque estou aqui? Levou a mão à testa úmida e escaldante. Um soldado focou nele a luz de sua lanterna elétrica. "Está sentindo alguma coisa, tenente?" Ele ergueu a mão e sacudiu-a de um lado para outro, como para cortar o raio luminoso, enquanto murmurava: "Não, não é nada, não é nada". O outro afastou-se.

Por vários minutos o tenente sentiu-se completamente perdido, começou a interrogar-se, aflito... E de repente, cerrando os olhos, teve contra as pálpebras a figura da estudante que morrera queimada aquela manhã... no seu vestido cor de rosa-chá, de pé no quarto... Sim, K.! K.! K.! Olhou em torno. Restavam ainda uns quatro ou cinco cadáveres, no asfalto. Examinou-os um por um. Por fim avistou junto da sarjeta um corpo de mulher. Estava apenas parcialmente queimado, quase intacto da cintura para cima. Ajoelhou-se ao pé dele. Reconheceu a fisionomia de K. Seus olhos estavam ainda abertos. Ele os fechou com dedos trêmulos. Depois pegou-lhe a mão e viu nela o anel de turquesa. Soluços secos começaram a sacudir-lhe o corpo. Sentiu que lhe tocavam no ombro, ouviu uma voz:

- Conhece a moça?

Ele hesitou um instante:

- N... não.

- Tem certeza? Precisamos identificar todos os corpos.

- Não conheço... - balbuciou o tenente, mal dominando o tremor da voz.

- Que está procurando, então?

- Uma pessoa...

- Homem ou mulher?

- Homem.

- Como se chama?

- Não me lembro...

Curto silêncio. Depois, a mesma voz, mais alto:

- Vocês aí! Levem este cadáver para o necrotério, para futura identificação.

Dois homens ergueram o corpo de K. como se ela fosse uma boneca de pano e o atiraram como uma coisa - os brutos! - para dentro de um caminhão. O tenente ficou a seguir as luzes vermelhas das lanternas traseiras do veículo que se afastava. Ergueu-se e pôs-se a caminhar na direção do centro da praça, incapaz de um pensamento coerente. Atirou-se sobre a grama de um canteiro e ali permaneceu, deitado de costas, a olhar para a Lua, ainda ofegante, sentindo suor e lágrimas escorrerem-lhe pelas faces. Se pudesse dormir e esquecer tudo aquilo! Fechou os olhos. Voltava-lhe agora à mente a face de K. morta na sarjeta: uma queimadura horrenda no pescoço, uma larga mancha escura no queixo, os cabelos chamuscados... Tentou, mas em vão, apagar aquela visão da memória. Quando os soldados haviam erguido o corpo de K. - sim, agora ele se lembrava do macabro detalhe - ambas as pernas da rapariga, quebradas, estraçalhadas, balançavam-se de um lado para outro, como prestes a desligarem-se do corpo.

Que horas seriam? (O tempo! O tempo! - dizia K. com um dedo sobre o pequeno relógio.) Porque havia negado conhecê-la? Atraiçoara a pobre menina como havia atraído o pai, a mãe, a mulher, o filho e a si mesmo. (Não era o que se podia esperar de um negro?) Virou-se, ficou deitado de bruços. Mas afinal de contas, que sabia ele de K.? Ela era para ele apenas uma letra, um sinal. Se fosse interrogado, o repulsivo homenzinho que explorava seu corpo também havia de negar que a conhecia. E ela ficaria anônima,

metida numa gaveta do refrigerador do necrotério. Pobre K.! Pobre K.!

Levantou-se lentamente, e por alguns instantes não atinou com o que fazer. Debaixo de uma lâmpada, aproximou dos olhos o mostrador de seu relógio-pulseira. Levou algum tempo para ver a hora. Onze e cinqüenta. Ocorreu-lhe que onze era a hora de recolher, estabelecida pelo comando militar da cidade. Procurou orientar-se na direção do hotel. Pensava agora nas palavras do porteiro noturno. Amanhã dia não-auspicioso.

De novo caminhava pela avenida do canal, completamente deserta àquela hora. Pensava na mulher e no filho, e de repente desejava intensamente estar com eles, voltar para casa, esquecer para sempre aquela terra e aquela guerra.

Viu um automóvel que entrava na avenida. À luz de seus faróis agitou-se por um instante, indeciso e ofuscado como uma lebre perseguida. Segundos depois um jipe parava a seu lado, junto da calçada.

Uma voz:

- Tenente, suba!

Ele obedeceu. Era um carro militar. Sentou-se no banco traseiro, ao lado de um homem corpulento que fumava cachimbo. Era um major que ele conhecia de vista, mas com o qual nunca tivera qualquer convívio particular. O jipe tornou a arrancar.

- Tenente - perguntou o homem gordo, sem tirar o cachimbo da boca -, o senhor acredita na sorte?

Ele ficou sem saber que dizer. Mas o outro não esperou a resposta:

- Foi uma sorte encontrá-lo. Sorte nossa... não sei se sua também.

- Andavam à minha procura?

- O coronel deseja vê-lo.

- Por que motivo?

- Prefiro que ele próprio lhe diga.

O jipe rodava a toda a velocidade ao longo de ruas desertas e silenciosas. O tenente olhava fixamente para a nuca do chofer negro, que tinha a seu lado um sargento louro. Ambos traziam capacetes brancos e ostentavam no braço esquerdo uma banda também branca com as iniciais P. M.

- Uma explosão feia, não, tenente? - disse o maior em tom casual.

- Horrível.

- Você estava nas redondezas quando o café foi pelos ares?

- Sim. Na praça.

- Tinha estado dentro do Caravelle?

O tenente teve uma breve hesitação antes de responder.

- Sim.

- Durante quanto tempo?

- Mais ou menos uma hora.

Ficou de súbito tenso, como um animal que pressente perigo. Será que desconfiam de mim? Claro. Um negro é por definição culpado até ao momento em que possa provar o contrário, o que nunca é fácil. Esperou que o outro tornasse a falar. Mas o major continuou a fumar em silêncio. Com o rabo dos olhos examinava o homem que tinha a seu lado. Conhecia-lhe a ficha. Um belo exemplar de mestiço. Com algo de felino. Deve ser popular com as fêmeas. Muita mulher branca de minha terra gostaria de dormir com ele, só que preferiria morrer a confessar isso. Bela cara! Esses olhos escuros são mais expressivos, por exemplo, que os olhos claros e duros do coronel ou os desses famosos deuses nórdicos de dois metros de altura e bíceps de boxeadores. (Sorriu para os próprios pensamentos.) Seu Governo devia permitir e até mesmo encorajar uma certa dose de miscigenação no país, para quebrar a monotonia da chamada raça branca, metódica, previsível e reprimida, cujos representantes preferem inventar máquinas parecidas com o corpo humano a usar os próprios corpos. Claro, a miscigenação deveria ser dirigida e controlada cientificamente para evitar o que os puristas chamam de "bastardização da raça". Mas que raça, santo Deus? É o mais sortido e mirabolante cadinho racial da terra! Que seria de nós sem a inquietação metafísica do judeu e essa lânguida sensualidade do negro? Essas duas minorias são os lubrificantes de nossa áspera secura puritana. Por essa e outras razões, ambas naturalmente são segregadas. Os hebreus vivem a criar-nos sentimentos de culpa e problemas intelectuais. (Pensou nas suas discussões com o capitão-médico judeu do quarto andar.) Os negros e mulatos são a presença física da carne e do pecado. Mas que se

passará com esse pobre rapaz? Parece abalado. Se não me engano, suas mãos tremem. Sua respiração me parece irregular.

Estendeu o braço e bateu de leve no joelho do tenente:

- Não se preocupe, meu amigo. O coronel quer apenas confiar-lhe uma missão.

- Mas... o meu tempo de serviço já terminou. Volto amanhã para casa.

- O seu tempo terminará oficialmente dentro de 10 horas e cinco minutos. Amanhã ao meio-dia, sob minha palavra, você estará a bordo do avião que o levará de volta à pátria.

O jipe estacou à frente do quartel-general. Guardas estavam postados entre a porta de entrada e a longa e larga cerca de arame farpado que circundava o casarão. O major gritou para um deles:

- Está tudo bem, sargento! Deixe-os passar.

Poucos minutos mais tarde, o major introduziu o tenente no gabinete do comandante.

- Eis o nosso homem - disse jovialmente à porta.

O coronel encontrava-se de pé, atrás de sua mesa de trabalho. O tenente perfilou-se e fez continência. O outro limitou-se a focar nele seu olhar pálido e duro, com uma intensidade acusadora. Depois voltou-se para o major:

- Desejo ficar a sós com o tenente.

O maior retirou-se, fechando a porta atrás de si. O coronel pôs-se a caminhar de um lado para outro, as mãos trançadas às costas, a cabeça baixa, o ar distraído, como se ignorasse a presença do outro oficial.

Não vai me mandar sentar - pensava o tenente - e eu mal me posso agüentar de pé... Mas que será que esse homem quer de mim? Porque não fala? Porque toda esta encenação?

Por sua vez o coronel observava-o obliquamente. Mal lhe podia discernir os traços fisionômicos, pois estava estonteado de sono. Não chegara a dormir meia hora... Havia sido despertado por causa daquela maldita explosão. Sabia que o rapaz tinha sangue negro: cinqüenta por cento. A cara dele, entretanto, não lhe parecia desagradável. Encaminhou-se para a mesa e mexeu nuns papéis.

- Fique à vontade, tenente. Tenho aqui a sua folha de serviço...

Vejo que seu trabalho tem sido bastante apreciável... Mas não o chamei à minha presença para o elogiar, e sim para lhe confiar uma importante missão.

De novo calou-se. O tenente esperava, apreensivo, com uma secura na garganta.

- Você deve saber que o Café Caravelle foi pelos ares há menos de duas horas...

- Sei, coronel.

- Tem idéia de quem plantou a bomba?

Era uma pergunta apenas retórica.

- Não, senhor.

- Pois nós temos.

O suor entrava nos olhos do tenente e ele agora via o interlocutor através de uma cortina líquida. Esperou em silêncio que o seu comandante continuasse.

- Vinte minutos depois da explosão, nossa polícia apanhou dois terroristas no momento em que colocavam uma bomba dentro de um pagode. Ambos puseram-se em fuga, nossos homens fizeram disparos contra eles, derrubando-os. Um ficou mortalmente ferido e, interrogado, confessou com um enorme orgulho que ele e o companheiro eram responsáveis pela explosão do café. Como tinha visto o seu companheiro cair baleado a poucos passos dele, julgando-o morto e sabendo-se também ferido de morte, que podia falar livremente...

O coronel calou-se, levou a mão à boca para abafar um bocejo.

- Preste bem atenção, tenente. Esse terrorista confessou voluntariamente que seu camarada e ele haviam colocado uma bomba-relógio num outro prédio, e que essa bomba explodiria dentro de cinco horas! E quando um de nossos oficiais lhe perguntou "onde?", o bandido sorriu, guardou silêncio, e teve o seu momento de triunfo.

O coronel caminhou até à janela, em busca de um ar que a noite queda e pesada lhe negou. Tornou a encarar o tenente:

- Morreu poucos minutos depois. Mas seu companheiro foi ferido levemente numa perna e neste momento está sendo medicado no nosso hospital.

- Sim, senhor coronel.

- Pois bem. Dentro de poucos minutos o prisioneiro estará à sua disposição num cubículo do subsolo deste edifício...

- À minha disposição? - repetiu o tenente, não querendo compreender o que o outro insinuava.

O coronel olhou para o relógio-pulseira. Depois de novo seus olhos fitaram o interlocutor.

- Confio-lhe a tarefa de interrogá-lo e descobrir onde está a segunda bomba.

- Porque eu? - deixou o tenente escapar.

- Terei de justificar as ordens que dou aos meus subordinados?

- Não, senhor coronel.

- Bom, mas eu lhe explicarei. Quase todos os membros de sua unidade, como você sabe, encontram-se esta noite fora e longe da cidade, em missões especiais em várias aldeias da região... Não temos tempo a perder. Se mais uma bomba explodir esta noite, nosso prestígio sofrerá um golpe tremendo, pois o povo começará a considerar os nossos inimigos onipresentes e onipotentes e nós apenas... impotentes.

O tenente olhava perdido para a janela. A lua parecia uma fruta emaranhada entre os galhos de uma árvore do jardim. Agora o estrondo distante do canhoneiro recomeçava.

- Nunca acreditei muito nos métodos de vocês, os psicólogos. Sempre desconfiei da eficiência desses computadores eletrônicos que interpretam as respostas dos prisioneiros interrogados. Seja como for, agora não temos tempo para recorrer às máquinas... A tarefa está em suas mãos. Pense apenas nisso: se você falhar, se dentro de três horas, veja bem, três horas no máximo, não conseguir arrancar uma confissão do prisioneiro, você será responsável pela morte ou a mutilação de dezenas, talvez centenas de pessoas inocentes, possivelmente crianças, mulheres, velhos...

O tenente estava atônito. Tudo aquilo lhe parecia um diálogo dentro de um pesadelo.

- Três horas... - balbuciou.

- Repito que, conforme a confissão do terrorista que morreu, a segunda bomba deverá explodir às quatro da manhã. Precisamos

saber exatamente onde foi posta, uma hora antes. Pelo menos...

- Mas, coronel, o senhor sabe que esse tipo de gente em geral não fala.

- Faça o seu prisioneiro falar.
- Mas ele deve ser um fanático!
- Seja também um fanático.

O tenente começava a sentir-se encurralado.

- Bom... usarei primeiro todos os métodos persuasivos. Se falharem recorrerei ao soro da verdade.

O coronel sacudiu negativamente a cabeça.

- Não creio que dê resultados positivos. Sei de casos... O prisioneiro pode ficar apenas entorpecido a dizer sandices.

- Mas então... que outros recursos me restam?

- Você mesmo os descobrirá à medida em que prosseguir o interrogatório. O essencial, a única coisa que realmente importa é descobrir onde está a segunda bomba. Pense nas vidas que ela vai destruir se você fracassar.

Um pensamento sombrio cruzou o espírito do tenente.

- Na sua opinião, coronel, é válida a idéia de que os fins justificam os meios?

- Isso é uma pergunta filosófica. Não vem ao caso.

- É uma pergunta ética...

- E esta guerra lhe parece ética? É uma ação ética colocar bombas em igrejas, hotéis, cinemas, colégios? Responda.

- É evidente que não.

- E você sabe como é que os comunistas tratam os nossos soldados que conseguem aprisionar, não sabe?

O tenente sentia uma zoadá nos ouvidos, como se de repente tivesse subido a uma grande altitude.

- Até onde deverei obedecer às leis internacionais que protegem os prisioneiros de guerra? - perguntou, ouvindo mal a própria voz.

- Quem lhe disse que neste caso se trata de um prisioneiro de guerra? Esse homem é um terrorista, um assassino. É co-responsável pela morte das dezenas de vítimas da explosão no Café Caravelle. Qualquer júri decente em nosso país condenaria esse criminoso à cadeira elétrica.

- Mas de qualquer modo ele seria antes julgado, teria direito aos serviços de um advogado de defesa.

- Ridículo! Não se trata de descobrir se ele é culpado ou não. Há pouco me telefonaram do hospital comunicando que o prisioneiro, interrogado sumariamente, repetiu que era o responsável pela explosão no Caravelle, e confirmou a existência da segunda bomba, mas nega-se a revelar onde a colocou.

- Devo então concluir de suas palavras que, se os métodos legais de interrogatório falharem, estou autorizado a usar... - calou-se ante o horror da palavra que lhe veio à mente.

- Tenente, nosso Exército jamais usou a tortura. Pessoalmente, veja bem, como homem e não como soldado, eu não hesitaria em arrancar as entranhas desse bandido, se tanto fosse necessário para obter a confissão que desejamos com tão desesperada urgência. Lembre-se de que você não é um soldado profissional e que em questão de dias ou, melhor, de horas estará definitivamente desligado das nossas Forças Armadas. Pense bem nisso, e não esqueça que as vidas de muitos seres humanos, que neste momento dormem em paz, são mais importantes perante Deus e os homens do que o conforto, o bem-estar e mesmo os chamados "direitos" de um criminoso. Não se trata de uma questão de ética, mas de simples aritmética...

- Sim, mas...

- Mas quê, tenente?

- Ainda não sei até aonde posso ir...

- Use seu próprio juízo.

- Sou ainda um soldado. Recebo ordens superiores.

- Pois bem. Já lhe dei a minha ordem. Descubra dentro de duas horas, no máximo, onde está a segunda bomba.

- Duas ou três?

- Pensando melhor: duas!

O tenente sentiu que o coronel lhe preparava uma armadilha. Suava abundantemente. Sentia a respiração curta, doía-lhe o corpo inteiro e a zozada nos ouvidos continuava. Encarava o superior hierárquico como hipnotizado pelo seu olhar.

- O major está dirigindo pessoalmente uma busca em toda a cidade. Mais de quinhentos de nossos homens estão empenhados nessa operação, tentando localizar a segunda bomba. A sorte deles

será a sua, tenente, pois se encontrarem o que procuram dentro das próximas duas horas, você será dispensado de sua tarefa... - Hesitou por uma fração de segundo e acrescentou: - ...desagradável.

O telefone tilintou. O tenente estremeceu. O comandante apanhou o fone num gesto brusco e levou-o ao ouvido.

- Sim... É o coronel... Quê? Ah! Está bem. O tenente vai descer dentro de um minuto. - Repôs o fone no lugar. - Tenente, o prisioneiro está à sua espera numa das celas do subsolo. O major o conduzirá até lá. Atente no que lhe vou dizer. Esse interrogatório será feito sob o maior sigilo. Espero que nenhuma autoridade local e especialmente nenhum correspondente de guerra, nosso ou estrangeiro, fareje o que se está passando no porão deste edifício.

- Perfeitamente, coronel.

- Estamos então entendidos. Para esse interrogatório você contará com a colaboração do melhor de nossos intérpretes e com a de um sargento que, na vida civil, foi funcionário da Polícia e tem prática... desse... dessas coisas. Duas horas, não esqueça, duas horas. E agora pode retirar-se.

O tenente perfilou-se, fez continência e encaminhou-se para a porta. Estava já com a mão na maçaneta quando de novo ouviu a voz do seu comandante.

- Lembre-se de que me interessam resultados e não métodos, tenente. Se você conseguir o que queremos, prometo não fazer perguntas.

E depois que seu oficial se foi, o coronel ficou a olhar fixamente para a porta, sentindo uma vaga e meio irritada vergonha das coisas que acabara de dizer e fazer. Estendeu-se pesadamente no sofá, fechou os olhos e dentro de poucos segundos caiu num sono profundo.

O tenente encontrou o major no corredor.

- O seu homem acaba de chegar - disse este último. - O coronel já lhe deu as ordens, não?

O outro sacudiu a cabeça, taciturno.

- Sabia o que o comandante queria de mim?

- Naturalmente.

- E que acha de tudo isso?
- Você tem nas mãos uma tarefa dura e ingrata. Vai ter de trabalhar sob uma pressão tremenda.
- O coronel praticamente me induziu a usar até a violência em caso extremo... mas teve o cuidado de não me "autorizar" isso oficialmente. Se eu falhar, pessoas inocentes morrerão e eu ficarei responsável por essas mortes. Se eu torturar o prisioneiro, é a desonra...

O major sorriu:

- Mas você não acha que, a esta altura dos acontecimentos, de um modo ou de outro, já estamos todos um tanto desonrados?
- As Forças Armadas são uma espécie de corpo místico. Eu sou um indivíduo. Dentro de poucas horas, um civil. E sempre, irremediavelmente, um negro. O coronel arranhou um álibi perfeito para si mesmo e para o Exército. Eu caí na armadilha...
- Não seja tão pessimista. Talvez nossos soldados encontrem a bomba dentro de menos de uma hora...
- Numa cidade do tamanho desta?
- Tudo pode acontecer na vida, inclusive as boas coisas...

Segurou num gesto paternal o braço do tenente e conduziu-o para a escada.

Caminhavam agora no subsolo ao longo de um estreito corredor de pedra, alumado pela luz amarelenta produzida pelas pequenas e raras lâmpadas elétricas que, a intervalos, pendiam nuas do teto abaulado. O tenente teve a impressão de haver descido a uma catacumba. De um lado e de outro, via as portas das celas que, no tempo dos últimos conquistadores europeus daquele país, haviam servido como prisão provisória para réus que aguardavam julgamento.

Um oficial veio ao encontro de ambos. Trazia numa das mãos a sua maleta negra.

Era um capitão-médico com quem o tenente trabalhara muitas vezes nos últimos cinco meses em aldeias daquela e de outras províncias. Eram vizinhos de quarto no Vieux Monde.

- O prisioneiro está pronto para ser interrogado - disse ele com sua voz levemente nasalada. - Foi baleado na coxa esquerda, perdeu

algum sangue mas o ferimento não é grave.

- Que idade tem? - indagou o tenente.

- Dezenove.

- Tão jovem assim?

O major encolheu os ombros:

- Às vezes tenho a desconfortável impressão de que estamos lutando contra um exército infanto-juvenil...

Encaminharam-se os três em silêncio para o fundo da galeria, rumo ao cubículo onde ia processar-se o interrogatório. Mordendo a haste do cachimbo apagado, o major entregou-se a reflexões... Ali ia ele entre dois neuróticos reconhecíveis a olho nu. À sua direita tinha um inquieto centauro, metade negro, metade branco, prisioneiro perpétuo de sua pele, e era fácil deduzir-se de seu comportamento que ele desejava apaixonadamente passar por branco... à sua esquerda marchava um judeu, pálido e perturbado como um condenado à morte que, ao raiar do dia, é arrastado por seus carcereiros para a cadeira elétrica... Aliás, o relógio interior daquele intelectual desajustado parecia estar batendo sempre, fatalmente, a hora da própria execução.

Pararam diante da porta da penúltima cela da galeria.

- Bom - disse o major -, deixo vocês aqui. Tenho de voltar ao meu gabinete para esperar os resultados dessa *recherche de la bombe perdue* - sorriu ele, olhando para o médico que, na sua opinião, seria o único a compreender a alusão. Doutor, não se afaste muito, que seus serviços podem ser necessários. Tem pentotal sódico na bolsa? Muito bem. Tenente, logo que obtiver a confissão, telefone-me sem perda de tempo para que a bomba seja imediatamente desmontada pela nossa equipa especializada nessas engenhocas mortíferas. Olhou para o seu relógio-pulseira. - Meia-noite e trinta e cinco. Sejam felizes, rapazes!

Fez meia volta e se foi, voltando sobre seus próprios passos. Era cético quanto ao resultado daquele interrogatório. Seria uma simples formalidade. Conhecia o tipo de homem que o inimigo encarregava desses atos de terrorismo. Eram suicidas natos. Estava certo de que, dentro de menos de três horas, mais uma bomba explodiria em alguma parte da cidade, ferindo e matando gente e

causando danos materiais. E não seria a última. A trágica pantomima continuaria.

Pensou na mulher e na mãe e imaginou-as a seu lado. Ia agora ensanduichado, como um gordo naco de presunto já em processo de decomposição, entre duas fatias de pão doméstico. Sua mãe era, sem sombra de dúvida, o pão ázimo de sua vida. Até quando duraria aquela prolongada e involuntária páscoa!

O tenente entrou na cela. Sobre uma base olfativa feita de cheiro antigo de umidade e mofo, pairava no ar enfumaçado um fedor vivo e novo de suor humano, misturado com sarro de charuto.

O prisioneiro estava sentado numa cadeira a um canto daquele cubículo tão mal iluminado quanto o corredor. O nativo era tão pequeno e frágil, que o tenente teve a desconcertante impressão de estar diante de um menino de quinze anos.

- É esse o terrorista? - perguntou ele ao homenzarrão que se encontrava de pé, no centro da cela, mas para cuja fisionomia ainda não atentara. A resposta lhe veio pronta, numa voz arrastada e lânguida de sulista, levemente rouca:

- Tão certo como dois e dois serem quatro.

- Mas é uma criança!

- Não se iluda. Esses sujeitinhos são como os escorpiões: pequenos mas venenosos. Espere e verá.

O tenente acercou-se do rapaz e pôs-se a examiná-lo, tomado de um constrangimento que o desarmava por completo. O prisioneiro estava descalço e nu da cintura para cima. Conservava apenas as calças do pijama, de um preto ruço e enodado, que haviam sido cortadas do lado esquerdo, quase à altura da virilha. O terço médio da coxa esquerda estava envolto em ataduras. Os braços, finos como as pernas, manchados de equimoses arroxeadas, pendiam ao longo do tronco descarnado. As costelas apareciam em relevo na pele de um amarelo citrino, reluzente de suor. Manchas de carvão riscavam-lhe as faces como grafitos indecifráveis. O tenente continuou o exame, tomado de uma fascinação que não saberia explicar. Via a jugular do rapaz pulsar ao ritmo do sangue. (Relampagueou-lhe na mente uma imagem de seu passado universitário. Em cima do estrado, o professor dizia: "Cinestesia é o

termo técnico que usamos para exprimir a sensibilidade corpórea, proprioceptiva, isto é, esse conjunto de sensações, que nos vem de nossos músculos, de nossas vísceras, juntas, tendões e outras partes de nosso corpo.")

Podia quase ver as batidas do coração do prisioneiro. Seus mamilos eram pardos. O umbigo sugeria grotescamente um clitóris. A todas essas, ele evitava encarar o rapaz. Houve, porém, um momento de reconhecimento mútuo em que os olhares de ambos se encontraram e então o tenente, perturbado, viu a própria imagem refletida nas pupilas de K., agora metidas no fundo das órbitas do minúsculo guerrilheiro. Havia entre K. e seu assassino uma parecença que não era propriamente de traços fisionômicos, mas de clima - uma espécie de ar de família.

O prisioneiro sorriu, e isso aumentou a confusão do tenente. Não era um sorriso altivo de desafio ou desdém, nem mesmo um rito de indiferença. Havia naquele mal definido movimento de lábios, algo de patético. Uma mensagem em código? O sinal de que tinha instintivamente reconhecido no soldado estrangeiro moreno um secreto aliado? Era possível que o nativo tivesse logo intuído sua origem racial? Ou seria apenas esse incerto sorriso infantil, misto de desmaiado medo e tímida esperança e já quase arrependimento, com que o aluno que acaba de cometer uma travessura na aula, sonda a possibilidade de comprar a benevolência do professor que o vai punir? E o terrorista não parecia mesmo um menino de escola posto de castigo ali no canto, na frente da classe?

- Estamos perdendo tempo. Meia-noite e quarenta e cinco!

O tenente voltou-se para o homem que acabava de falar. O sargento tinha quase dois metros de altura, o porte atlético, a cabeça completamente raspada. Vinha dele um cheiro ativo de suor. Só agora o tenente percebia que tinha atrás de si o médico, e que uma terceira pessoa estava encostada na parede, num dos cantos do cubículo: um sujeito pálido, magro, de óculos, também em uniforme como os outros.

Em cima da mesa tosca, viu uma lâmpada apagada, um jarro com um líquido cor de mel, onde boiavam cubos de gelo, copos de papel, um gravador de fita magnética e um cinzeiro sobre o qual

jazia a metade de um charuto recém-fumado, uma das pontas mascada e ainda reluzente de baba. Aquela mesa e cinco cadeiras constituíam o mobiliário daquela cela toda de pedra rústica. Era decerto aqui pensou o tenente - que os "outros" torturavam seus prisioneiros.

Olhou em torno, tonto, sem saber por onde começar. A cabeça continuava a doer-lhe surdamente. Buscou em vão uma janela. O calor e o abafamento ambiente aumentavam. O homem pálido de óculos aproximou-se dele e identificou-se.

- Sou o intérprete. - Revelou o nome por inteiro, o posto, e a unidade a que pertencia. Depois perguntou. - Não será conveniente aproximar o prisioneiro da mesa?

- Boa idéia.

O sargento deu dois passos na direção do prisioneiro, agarrou a cadeira em que ele estava sentado, ergueu-a no ar e praticamente a atirou no chão, junto da mesa. O nativo soltou um gemido, mordeu o lábio e seus olhos se empanaram. Deve ter batido com o ferimento na perna da mesa, concluiu o tenente. O mal-estar físico começava a embotar-lhe a capacidade de indignar-se.

- E agora, tenente? - perguntou o homenzarrão.

Sua antipatia pelo sargento aumentava de minuto para minuto.

Voltou-se para o médico, como para lhe pedir auxílio, mas este, sem o encarar, murmurou:

- Peço que me escuse. Tenho boas razões para não gostar... a... destas coisas. Estarei no corredor, se precisarem de mim.

O tenente sacudiu afirmativamente a cabeça. O capitão encaminhou-se para a porta mas, antes de sair, voltou-se e, de maneira a que todos ouvissem, disse:

- Quero mais uma vez preveni-lo, tenente, de que esse rapaz tem um coração enfermo.

O sargento sorriu sarcástico:

- Está certo de que este percevejo tem mesmo coração?

O médico simplesmente voltou-lhe as costas e se foi sem dizer mais palavra.

Sentaram-se os quatro à mesa, como se fossem começar um jogo de cartas amistoso. O sargento acendeu a lâmpada e uma luz

intensa incidiu sobre o prisioneiro, que piscou ofuscado. O tenente despejou chá num copo e bebeu dele, sôfrego.

- Não acho isso necessário - disse. - A luz só pode aumentar o calor.
- Tenente, não conheço sua experiência em matéria de interrogatórios. Mas na Polícia nós metíamos em cima dos tipos uma luz ainda mais forte que esta. Garanto-lhe que dava resultados...

O prisioneiro mantinha os olhos entrecerrados. O tenente notou que a sua jugular agora pulsava num ritmo acelerado.

A memória tornou a mandar-lhe imagens acompanhadas de ecos de vozes. O professor universitário explicava: "Cada pessoa é um idioma em si mesma, uma aparente violação da sintaxe da espécie."

- Posso fumar? - perguntou o sargento. E, sem esperar resposta, prendeu entre os dentes o toco de charuto, riscou um fósforo, acendeu-o, inalou a fumaça, soltou uma baforada. O prisioneiro ficou olhando com ar divertido para as volutas azuis que subiam no ar espesso. O intérprete tirou um cigarro do bolso e também o acendeu: o olhar do prisioneiro voltou-se para ele e depois se fixou no tenente, como a esperar que este fizesse o mesmo que os outros. A sintaxe da espécie... Ali estavam ao redor da mesa algumas frases do contexto humano. A sua combinação não parecia fazer o menor sentido para o tenente. Que tinham aqueles quatro homens em comum, como membros da mesma espécie animal? O desejo de sobreviver e de obter prazer da vida? O medo da morte? A capacidade de amar, de odiar... sim, e de aborrecer-se? O desejo de poderio e de auto-afirmação? Talvez também o amor à liberdade. Mas que era liberdade? Qual dos quatro era realmente livre? Talvez aquele sujeitinho amarelo, raquítico e seminu que, se não tinha podido escolher a sua vida, pelo menos fora suficientemente livre e corajoso para escolher a sua morte. E, acima de tudo, não era estúpido, absurdo o conjunto de circunstâncias que havia reunido ali aqueles quatro "idiomas"? Talvez a combinação daquelas "frases" formasse o incongruente discurso de um parafrásico que, no fundo, podia bem ser uma espécie de tentativa de descrição do caos...

O tenente tinha a impressão de que sua cabeça inchava aos poucos, era um porongo dolorido cheio de ecos. E seus olhos passeavam de pulso em pulso, de relógio em relógio. Meia-noite e cinqüenta.

O prisioneiro continuava a sorrir e a observar aqueles três homens grandes.

- Estamos perdendo tempo - rosou o sargento, mordendo forte a ponta do charuto.

O tenente voltou-se para o intérprete:

- Bom, vamos começar o interrogatório. - Falava e via-se e ouvia-se no ato de falar, como se fosse uma terceira pessoa na qual não chegava a acreditar completamente. - Minha idéia é fazer-lhe uma série de perguntas, algumas delas até fúteis, e de repente, de surpresa, lançar a pergunta essencial: "Onde está a bomba?"

- Isso é pura perda de tempo! - exclamou o sargento, insolente.

O tenente encarou-o e teve gana de esbofeteá-lo.

- Você tem por acaso - perguntou - a fórmula mágica para arrancar desse menino a confissão que desejamos?

Os olhos do homenzarrão entrecerraram-se e seus lábios se crisparam num sorriso cruel.

- Ah, tenente! Se tenho! Uma fórmula que nunca falhou, que me lembre. Inclinou-se sobre a mesa na direção do outro. - Depois que a sua "psicologia" fracassar, eu vou empregar o meu método. É simples. E velho como o mundo.

O tenente olhou para o intérprete. Podia jurar que o suor que escorria daquela cara lívida era gelado. Ali estava um soldado que cumpria com eficiência o seu dever, tratando de não comprometer a alma. Outro neutro.

O sargento estendeu a mão para o prisioneiro, e quase lhe tocou o ombro.

- Não se iludam com esse ar de inocência. Conheço bem esses bandidos. Há menos de um mês, metade de meu pelotão perdeu-se no matagal e caiu numa emboscada. Encontramos mais tarde todos os nossos companheiros mortos, numa clareira. Tinham sido trucidados... estavam todos com as órbitas vazias. Os olhos jaziam no chão ao lado dos cadáveres, podres e cobertos de formigas...

Lançou um olhar de ódio para o prisioneiro, que continuava a sorrir inefavelmente como os mandarins de pedra da esplanada do museu. O tenente olhava fascinado para o bíceps do sargento, onde via uma mulher nua tatuada - uma fêmea de quadris largos, fartos seios, púbis negro.

O prisioneiro tinha agora ambas as mãos espalmadas sobre a beira da mesa. Eram minúsculas e de unhas tarjadas de preto.

O tenente queria induzir-se a odiar o prisioneiro para facilitar o interrogatório. Dizia-se a si mesmo: foram essas as mãos aparentemente inocentes que colocaram no Café Caravelle a bomba que matou K. Ele é o assassino da mulher que eu amava. Mas qual! De certo modo o prisioneiro era K. Por outro lado, não teria ele o direito de mandar pelos ares, em pedaços, os homens que vendiam e compravam o corpo de sua irmã, mesmo que fosse preciso aniquilar também a vítima nesse ato de vingança?

Por alguns instantes o tenente e o intérprete, sob o olhar céptico do sargento, ficaram a combinar o gênero de perguntas que iam fazer ao prisioneiro. O homem pálido taquigrafava as suas notas numa caderneta.

Olhavam os três para o pequeno guerrilheiro, que tinha ainda os olhos postos no tenente, agora com uma das sobrancelhas erguidas interrogadoramente. O intérprete torceu um dos botões do gravador, acendendo um olho verde. Apertou uma tecla e os dois carretéis que continham a fita magnética começaram a rodar. O prisioneiro olhava entre intrigado e divertido para o aparelho. E o interrogatório começou.

Durou vários minutos, pontilhado pelos suspiros impacientes do sargento, que havia tirado o blusão, com o qual enxugava repetidamente o torso suarento, e que andava de um lado para outro na cela, como um animal enjaulado.

O prisioneiro reafirmava a sua responsabilidade na explosão da bomba que destruíra o Café Caravelle?

Sim.

Tinha ajudado a plantar uma segunda bomba noutra parte da cidade? Tinha.

Porquê?

Recebera ordens.

De quem?

Do chefe.

Quem era o chefe?

Não podia dizer.

Porquê?

Ordens.

Onde estava a segunda bomba? (Sorriso. Silêncio. O prisioneiro fez uma das mãos avançar timidamente e acariciou o microfone com a ponta dos dedos.)

Como se chamava?

Não tinha nome.

(Ao ouvir a tradução desta última frase, o sargento berrou: "Estamos perdendo tempo!" O tenente olhava mesmerizado para o prisioneiro. A lavagem cerebral a que os comunistas haviam submetido aquele menino - pensava-lhe tinha apagado até o nome.)

Onde morava?

Por aí...

Nas Montanhas?

Não.

Nos arrozais?

Não.

Onde então?

Onde fosse necessário.

Onde estava a segunda bomba? (Sorriso e silêncio.)

Tinha passado a última noite em alguma sampana?

Sim.

Onde?

Em alguma parte do rio.

Naquele mesmo rio que banhava a cidade?

Sim.

Onde estava a segunda bomba?

Não podia dizer.

Quem era o companheiro morto?

Irmão.

Como se chamava?

Não podia dizer.

Porquê?

Ordens.

A que horas ia explodir a segunda bomba?

Não sabia.

Seu irmão declarara que a segunda bomba ia explodir às 4 da madrugada. Era verdade?

Se ele dissera, devia ser verdade.

Sabia que essa explosão podia causar a morte de dezenas de pessoas inocentes?

Sabia.

E isso lhe era indiferente?

Mais da metade de sua família tinha morrido queimada numa aldeia bombardeada pelos aviões dos brancos.

Lembrava-se exatamente do lugar onde ajudara o irmão a colocar a segunda bomba?

Sim.

Onde era?

Não podia dizer.

Sabia que podia ser entregue às autoridades do Sul. Caso em que seria inapelavelmente fuzilado?

Sabia.

Não tinha medo de morrer?

Nunca esperara escapar com vida daquela missão.

Onde estava a segunda bomba?

Não diria jamais.

Nem mesmo que lhe prometessem a liberdade em troca da confissão?

Nem mesmo.

Neste ponto o sargento precipitou-se para o gravador, apagou-o, encarou o tenente e exclamou:

- Esse sujeitinho não é nenhum super-homem! Pode ser, no máximo, um super-rato. Mas eu sei como arrancar a confissão desse pigmeu em cinco minutos!

Turvou-se a imagem do prisioneiro ante os olhos do tenente.

Parecia pairar no ar esfumaçado como uma aparição sobrenatural. K. em cima da cama, nua. Estátua de cobre. Aqueles homens iam violar o prisioneiro como o brutal legionário violara a K. de doze anos. E ele assistiria a tudo inerte (ou ia fugir?) como fizera quando os três homens brancos tinham agredido e espancado seu pai. Seu olhar fixava-se na jugular do rapaz, que pulsava vivamente. O mau cheiro do suor no homem tatuado, agora mais próximo dele, sufocava-o.

O interrogatório prosseguiu durante pouco mais de meia hora, mas sem nenhum resultado positivo.

O sargento dirigiu-se ao intérprete:

- Pergunte a esse rato se ele não tem medo que eu esmague seus escrotos sujos.

O intérprete hesitou, mas como não notasse nenhuma reação desfavorável no rosto do tenente, formulou a pergunta ao nativo, na língua deste. O prisioneiro sorriu e encolheu os ombros.

O sargento olhou o próprio relógio-pulseira:

- Uma e vinte!

O tenente ergueu-se.

- Vamos tentar o pentotal. Chame o doutor.

O sargento ergueu os braços, apareceram-lhe os cabelos louros e úmidos das axilas.

- Santo Deus! Vamos perder mais tempo ainda com essa bobagem. Sabe que se o pentotal falhar, precisaremos esperar um tempão antes que o prisioneiro esteja em condições de responder de novo às nossas perguntas?

O tenente cerrou os dentes:

- Eu lhe dei uma ordem, sargento. Obedeça.

O homenzarrão lançou para o seu superior hierárquico um olhar em que havia um misto de rancor e desprezo, e saiu da cela. Voltou poucos segundos depois com o médico.

- Vamos tentar o pentotal sódico, doutor - disse o tenente.

O prisioneiro olhava meio espantado para o recém-chegado, que abriu a maleta e começou a preparar a seringa e a agulha em meio do silêncio. Quebrou uma ampola, meteu dentro dela a agulha e puxou o êmbolo da seringa.

- Façam o favor de segurar o braço do rapaz - pediu, não se dirigindo particularmente a ninguém. O tenente avançou, sentindo um estranho desejo de tocar a pele do prisioneiro.

O médico passou um chumaço de algodão embebido em álcool sobre a prega do cotovelo do paciente.

- Tem veias sumidas... - murmurou, - Mas aqui está uma boa... - Cravou nela a agulha e foi pressionando devagarinho o êmbolo. O prisioneiro olhava o próprio braço, curioso, e de quando em quando erguia a cabeça e focava o olhar no rosto do tenente, como a pedir-lhe explicação de tudo aquilo.

Agora o tenente sentia contra o flanco as batidas do coração do guerrilheiro. Houve como que um momento de comunhão. Ele pensou de novo em K. e lhe veio uma súbita pena dela, do prisioneiro e de si mesmo, e uma vontade quase irreprimível de chorar. O sargento, de braços cruzados, esperava.

O médico levantou-se:

- Não acredito que o pentotal o faça confessar o que vocês querem. Tenho observado muitos casos. Em alguns o paciente consegue controlar-se e dizer apenas o que quer, apesar da sonolência. Noutros, entra a fazer fantasias. Mas vamos ver. - Guardou a seringa na bolsa, voltou-se para o tenente. - Se houver alguma novidade, estou no corredor.

Retirou-se. O intérprete tirou o blusão, queixando-se do calor. O sargento acendeu um cigarro. O tenente segurou com ambas as mãos a cabeça do prisioneiro e mirou-o nos olhos, que estavam já embaciados. O rapaz sorria sempre. Parecia agora numa beatitude de nirvana.

O sargento olhou o relógio. Uma e meia. Coçou o peito, onde se viam tatuados uma âncora e nomes de mulheres sob ramos de flores.

Dentro de alguns instantes o nativo deixou pender a cabeça para trás. O tenente segurou-a, e pensou no filho, certa noite de um remoto inverno em que o menino havia adormecido em seus braços. O sorriso continuava no rosto citrino. Os lábios moviam-se produzindo sons. O tenente olhou interrogadoramente para o intérprete, que se apressou a pôr em funcionamento o gravador.

- Agora, silêncio, por favor. - Ergueu a voz e perguntou na língua do nativo: Onde está a segunda bomba?

Aproximou o microfone da boca do prisioneiro, que começou a falar. Pronunciava palavras soltas, formava frases, que o intérprete ia anotando. De vez em quando este fazia uma careta, como para significar que não estava entendendo nada. Os carretéis do gravador rodavam. O tenente olhava para os cabelos empastados de barro do prisioneiro. Tinha nas mãos a cabeça do filho que acabava de ser ferido por homens brancos, à saída da escola.

O menino sangrava. O seu sangue...

O prisioneiro parecia agora mais animado, e o tenente teve a impressão de que ele falava mais claro. A expressão do rosto do intérprete, entretanto, revelava decepção, quase irritação.

O prisioneiro continuou a falar, lentamente. Seus lábios pareciam beijar o microfone. O sargento olhava para o relógio, impaciente.

Por fim o terrorista calou-se, cerrou os olhos e caiu no sono.

- Que foi que ele disse? - perguntou o tenente, olhando para o intérprete.

Este fez os carretéis rodarem em sentido contrário, e pouco depois, apertando em algumas teclas, pôs o alto-falante a funcionar. E foi traduzindo para os outros as lentas palavras do prisioneiro que o gravador reproduzia.

A segunda bomba? Ah! A segunda bomba. Onde foi mesmo que deixamos a segunda bomba? A segunda bomba? Ah! Meu irmão me roubou a bomba que meu avô me deu. (Aqui se ouviu a voz do intérprete: "Não é isso! Quero saber onde está a segunda bomba. Lembra-se da primeira?") Lembra-me da primeira. Era branca. ("Não! A segunda bomba. A primeira explodiu há poucas horas no "Café Caravelle"... Lembra-se?") Lembro-me. ("Onde está a segunda bomba?") Ah! A segunda bomba? Escondemos a segunda bomba... a segunda bomba no coração de um grande lato... um grande lato no meio da lagoa... As quatro da manhã o lato vai explodir... bum! e todos os lados do mundo... milhões... milhões!... vão pelos ares... com os peixes de todas as águas... e os peixes caem mortos na terra... e apodrecem... e seu fedor será levado pelo vento... e todos os brancos fugirão perseguidos pela podridão dos

peixes... Ah! Mas em setembro soprarão as monções de sudeste trazendo as grandes chuvas... e as águas lavarão o ar... e de novo o mundo ficará limpo... e o sol brilhará outra vez... ah!... brilhará por cem anos lunares... e então toda a gente terá peixe e arroz... e chá... ah!... um dia Buda descera do céu, num avião de ouro, e os latos nascerão de novo em todas as águas... E o meu irmão me devolverá a pomba que meu avô me deu... O sargento avançou, gritando:

- Rato imundo!

Estas palavras soaram na mente do tenente como negro imundo! E o homem tatuado segurou o prisioneiro pelos ombros e pôs-se a sacudi-lo com furiosa força, e a cabeça do rapaz escapou das mãos do tenente e ficou a oscilar de um lado para outro como se seu pescoço fosse de pano.

- Tenente, falta menos de duas horas para a bomba explodir! Precisamos reanimar este cachorro para continuar o interrogatório. Eu lhe disse que íamos perder o nosso tempo!

O oficial olhou para o intérprete:

- Chame o doutor. Depressa!

O sargento rompeu a esbofetear o prisioneiro, frenético. As faces do tenente ardiam. E ele desejou matar a tiros o brutamontes.

O coronel dormia profundamente, estendido no sofá de seu gabinete de trabalho. Ressonava forte e a intervalos soltava gemidos, como se estivesse sofrendo um pesadelo.

No mesmo andar daquele edifício o major estava sentado à sua mesa, respondendo a um chamado telefônico:

- Nada ainda? (Pausa.) Onde? A Universidade? É improvável, mas não podemos deixar de verificar. Principalmente nos dormitórios. Sim, diga que me telefonem se descobrirem alguma coisa...

Repôs o fone no lugar. As pálpebras pesavam-lhe. Ardiam-lhe os olhos injetados. Passou a mão pelas faces, a contrapelo, e sentiu a aspereza da barba.

Apanhou um lápis e começou a fazer rabiscos na folha de papel que tinha diante de si, e onde se viam vários nomes de pessoas politicamente importantes na cidade - e cujas casas ele recomendara fossem cuidadosamente revistadas.

Fazia pouco, um ajudante entrara em seu escritório para lhe comunicar que o interrogatório fora interrompido porque o prisioneiro caíra no sono.

Ele não acreditava no pentotal. Para falar a verdade, começava a não acreditar em mais nada. Gases produziam-lhe dores abdominais. (Devia ser o maldito peixe que comera ao jantar.) Seria o cúmulo se agora caísse com uma intoxicação alimentar. E a de peixe deteriorado era a pior. Fatal, às vezes. Lembrava-se de casos... E por falar em caso, o seu ficaria resolvido se ele morresse. Um peixe podre teria tido o poder de solucionar um problema ético, sentimental, familiar. Mas se por acaso sobrevivesse, poderia escrever uma grande tragicomédia intitulada Jocasta e o Peixe Podre.

Fizera uma lista dos lugares que deviam ser revistados. Templos e pagodes. Cinemas. (Tolice, pois às quatro da madrugada todos os cinemas estavam vazios.) Hotéis. Sim, todos os hotéis estavam sendo cuidadosamente esquadrinhados: foyers, quartos, corredores, porões... Os hospitais recebiam um "tratamento especial". A casa do arcebispo também. Mas como poderiam encontrar, no espaço de tão curtas horas, uma bomba escondida numa cidade de cem mil habitantes? A princípio pensara em sugerir ao comandante que fizesse soar um alarme geral. Desistira da idéia, compreendendo que isso poderia criar pânico e agravar a situação.

Acendeu o cachimbo e começou a fumar, olhando fixamente para o telefone. Dentro de alguns segundos, embora não desviasse o olhar do negro foco, não viu mais o objeto, mas as imagens e idéias que lhe passavam atropeladas pela cabeça.

Que é que estou fazendo aqui? Sou um robô. Um robô gordo. Apertem num botão e eu me ponho a marchar como um soldado de mola. Um-dois! Um-dois! Apertem noutro botão e eu repetirei as ordens que me deram. Não! O que sou mesmo é um menino exemplar. Eu amo a minha Mamã. Amo a minha Pátria. (Cantou baixinho em falsete os dois primeiros versos do hino nacional.) Sou um bom escoteiro que toma a mão das senhoras idosas e as ajuda a atravessar a rua. Todos os dias faço uma boa ação. Que boa ação fiz hoje? Entreguei um nativo raquítico a três sujeitos grandes para

Ihe arrancarem um segredo. Sou um ótimo petiz. Se um dia eu derrubar uma cerejeira a machadadas e me perguntarem quem foi que fez isso, porei a mão no peito e direi: "Fui eu. O bom menino nunca mente!" Dêem-me a liberdade ou dêem-me a morte. Mas que é a morte? Dormir, sonhar, quem sabe? No fundo, todos somos atores. Representamos vários papéis ao mesmo tempo. Uns mal, outros bem. No fundo, todos uns impostores. Diz o poeta que a vida não passa de um sonho de verão. Sonho de verão, uma merda! Talvez tivesse sido melhor fazer soar o alarme. Seja o que Deus quiser. Do alto de seu trono Ele se ri desta comédia. Talvez não exista bomba nenhuma. O terrorista que morreu quis apenas fazer piada. O seu último trote. A segunda bomba bem pode ser uma mistificação. A vida é outra mistificação. Mas eu sou um bom menino. Só existem duas cores: o preto e o branco. Nós somos do lado do branco, eles do preto. Quem afirmar que existem matizes é inocente útil. Ou alienado. Ou inimigo de Deus, da Pátria, da Família. (Bocejou longamente.) Mas eu sou um bom escoteiro. Somos uma nação de escoteiros. Estamos ajudando o mundo a atravessar a rua da pobreza e do subdesenvolvimento rumo da outra calçada onde se enfileiram as deslumbrantes lojas que vendem os nossos rádios, os nossos condicionadores de ar, os nossos televisores, os nossos automóveis... os cinemas onde passam nossos filmes em que brilham os nossos heróis, flores da raça humana.

Soergueu uma das nádegas, contraiu os músculos do abdômen e soltou, explosivamente, num som insolente de trombeta, parte dos gases que Ihe comprimiam as tripas. Este é para a Pátria - murmurou. Repetiu com o mesmo êxito a operação pneumática e pensou: Este é para a Família. Tentou produzir uma terceira explosão, porém o mais que conseguiu foi uma ventosidade sem vibração nem música. Bom, este é para a Humanidade.

Ergueu-se. A segunda bomba podia ter sido mesmo a derradeira empulhação do bravo guerrilheiro. Mais um logro entre os muitos logros de que seu Governo fora vítima desde o dia em que os seus soldados haviam pisado pela primeira vez aquele solo maldito.

Aproximou-se da janela e ficou a olhar para o jardim. O ar

continuava parado e opressivo. Pensou na mulher e nos filhos, mas dessa vez sem ternura.

Talvez, pensando bem, o mundo nada mais fosse que um produto dos gases intestinais que o Criador soltara apocalipticamente no infinito, formando a nebulosa inicial. Os homens nesse caso nada mais seriam que subprodutos das fezes divinas. Ou protozoários que se alimentavam delas...

O telefone tornou a tilintar.

Os três interrogadores estavam sentados à mesa, enquanto o doutor ocupava-se com o prisioneiro, procurando reanimá-lo. O sargento relanceou o seu relógio e disse:

- Temos apenas uma hora e pouco pela frente. - Olhou intensamente para o tenente e rosnou. - Às quatro em ponto uma bomba vai explodir em alguma parte da cidade. Mulheres, crianças e velhos serão esfaqueados... Dez, doze, vinte, trinta, cinquenta... quem sabe? Pense bem, tenente, a vida dessa gente está em suas mãos. Porque hesita?

O outro não respondeu. Debatia-se numa dúvida. Sabia que o sargento queria que ele lhe autorizasse o emprego da violência. Quero resultados - tinha dito o coronel. - Não farei perguntas. É uma operação aritmética. Respirava com dificuldade, como se um cinturão de aço lhe apertasse o peito e a garganta. Estava banhado em suor. Os olhos do brutamontes não lhe davam trégua. A mulher tatuada em seu bíceps também suava. O intérprete brincava com a lapiseira, rabiscava uma e outra palavra no seu caderno de notas. Encolhido na sua cadeira, o prisioneiro parecia ter diminuído de estatura física.

Que fazer? Havia pouco, o major mandara indagar sobre a marcha do interrogatório e seu emissário lhe informara que a busca da bomba até àquele momento não havia apresentado nenhum resultado positivo. Que fazer, santo Deus?

- Faltam apenas sessenta minutos para a explosão... - disse pouco depois o sargento. - O senhor, tenente, será o responsável pela morte de muita gente...

O prisioneiro olhava para o tenente. Este olhava para o prisioneiro. Pareciam hipnotizados um pelo outro. Ele é um assassino - pensava

o oficial. - Ele matou K. Se eu autorizar o sargento a usar violência, isso não implicará necessariamente na morte desse rapaz. Mas é monstruoso!

- Faltam cinqüenta e oito minutos...

O intérprete estendeu a mão, apanhou o jarro e despejou no seu copo o chá que nele restava e bebeu-o. O tenente continuava a olhar para o prisioneiro, que o doutor agora fazia levantar-se e conduzia para junto da mesa.

- Acho que este rapaz já está em condições mentais de ser de novo interrogado - disse ele com ar sóbrio.

- Mas não se esqueçam de que seu coração é fraco.

- Está bem, doutor - retrucou, áspero, o sargento. - Deixe isso por nossa conta.

Os cadáveres carbonizados no asfalto. K., de olhos vidrados, metade do corpo queimada. A estudante budista em chamas. Seu pai surrado na rua por três homens parecidos com o sargento... O prisioneiro olhava para ele - sentia o tenente

- e parecia esperar dele uma palavra, um gesto, qualquer coisa...

E aqueles três pequenos relógios a baterem e caminharem inapelavelmente para a hora da explosão! Talvez a bomba estivesse na casa de sua amiga a professora. Ou no orfanato que ela dirigia. Imaginou as crianças mutiladas, desmembradas, desventradas, feitas uma polpa sangrenta.

- Cinqüenta minutos... - disse o sargento, passando o blusão pela cabeça, pelo pescoço, pelo peito. Seu cheiro envolvia o tenente, entrava-lhe pelas narinas, pela boca, pestilencial. O cubículo parecia um forno aceso.

- Vamos, tenente. Basta uma palavra sua. Diga-a antes que seja tarde de mais.

O sargento segurava o seu braço, apertava-o com força crescente como se quisesse começar a tortura por ele.

- Não tem coragem?

O tenente encarou o interlocutor e, desvencilhando-se dele bruscamente, disse, rouco:

- O suficiente para lhe quebrar a cara, sargento.

O outro soltou uma risada.

- Isso! Agora estou gostando. Mas não sou eu quem está em jogo. Vamos "acariciar" um pouco esse rato para ele dizer onde está a bomba. Seja homem!

O tenente ergueu-se, evitando olhar para o prisioneiro. E berrou:

- Está bem! Empregue... o seu método!

O rosto do sargento iluminou-se. Ele se pôs de pé, brusco, derrubando a cadeira.

- Muito bem, tenente! Mais tarde, se quiser, pode me quebrar a cara. Mas agora vamos tratar do herói amarelo.

O tenente estava aturdido.

- Mas a coisa não pode ser assim tão vaga - prosseguiu o homem tatuado. Quero ouvir e registrar uma ordem explícita de sua parte. - Dirigindo-se para o intérprete e, mostrando com o beijo o gravador, pediu: - Faça essa máquina funcionar.

O outro obedeceu. Acendeu-se de novo o olho verde e os carretéis recomeçaram a rodar. O sargento apanhou o microfone e aproximou-o da boca do seu superior.

- Espero as suas ordens, tenente.

O oficial hesitou. Veio-lhe à mente a palavra kamikaze. Quando adolescente havia lido relatos sobre a Segunda Grande Guerra, e uma das coisas que mais o impressionavam eram as trágicas façanhas dos aviadores amarelos que, para não errarem o alvo, atiravam-se com seus aviões carregados de bombas sobre os encouraçados inimigos e morriam no holocausto. Ele agora ia fazer um kamikaze moral. Gritou:

- Se necessário, pode usar a violência para arrancar do prisioneiro a confissão que vai salvar da morte pessoas inocentes...

Ia voltar as costas para o sargento, quando este tornou a falar.

- Não, tenente, é preciso ficar tudo documentado. Diga em voz alta e clara o seu nome e confirme a ordem.

O tenente fez aos berros o que o outro lhe pedia. Disse o seu nome, o seu posto, deu o seu número e repetiu:

- Se for necessário, pode torturar o prisioneiro! Sob a minha inteira responsabilidade!

Tremia da cabeça aos pés. Não era ele que tinha falado. Mas outro, um desconhecido, um impostor, um sócia infernal. Porque havia

feito aquilo? Detestava a violência. Amava o prisioneiro. Amava K. Odiava o sargento e sua raça. Mas era um kamikaze. Acabara de assinar a sua própria sentença de morte. Era tarde demais para voltar atrás.

O sargento havia desligado o gravador e afastado a mesa.

O tenente precipitou-se para fora da cela, batendo a porta atrás de si, e saiu a andar às tontas pelo corredor deserto. Mas não tão depressa que não pudesse ser alcançado por um grito humano horripilante, um urro de animal ferido de morte. Levou as mãos ao meio das pernas, encostou uma face na parede da galeria, depois tapou os ouvidos com os punhos.

Por alguns instantes ainda ouviu os gritos lancinantes do prisioneiro, entremeados das exclamações do sargento. Depois - quanto tempo? dois minutos? três? cinco? dez? - fez-se um grande silêncio.

Uma figura surgiu no fundo do corredor e aproximou-se do tenente, a passo acelerado. Era o capitão-médico, que exclamava:

- Suspendam o interrogatório! Foi encontrada a bomba!

O tenente olhou para ele, aparvalhado, como se não tivesse compreendido o sentido daquelas palavras. Enquanto ambos caminhavam na direção da cela, o doutor contou:

- Uma irmã do prisioneiro procurou um de nossos oficiais e confessou tudo espontaneamente para salvar a vida do rapaz... A bomba tinha sido colocada no dormitório de um colégio de moças... do outro lado do rio. Foi desmontada há poucos minutos...

O médico abriu a porta da masmorra e entrou. O tenente seguiu-o como um autômato. No primeiro relance nenhum dos dois viu o prisioneiro. O intérprete, cuja palidez esverdeada se havia acentuado, estava de pé a um canto, dobrado sobre si mesmo, vomitando...

Sentado à mesa e enxugando a cabeça com o blusão, o sargento olhava para algo que jazia no chão da cela. Era o prisioneiro. Estava completamente nu, as pernas abertas, os braços estendidos, como um crucificado. Nas gazes que lhe envolviam a coxa esquerda, via-se uma larga mancha de sangue.

O tenente olhava do sargento para o intérprete, incapaz de

pronunciar uma palavra. O médico ajoelhou-se ao pé do prisioneiro e tomou-lhe o pulso. Depois testou-lhe o reflexo das pupilas. Apanhou o auscultador e encostou os fones no peito do nativo, procurando ouvir-lhe as batidas do coração. Ao cabo de alguns instantes, ergueu a cabeça e disse:

- Este homem está morto.

O tenente sentiu um aperto de garganta. Seu coração disparou. Um suor frio começou a escorrer-lhe ao longo da espinha. Teria ouvido bem as palavras do doutor?

O sargento olhava para o cadáver com indiferença.

- Tem certeza, doutor?

- Absoluta.

O médico examinava os escrotos do prisioneiro.

- Vejo sinais de tortura neste corpo - murmurou.

O homem tatuado ergueu o carretel de fita magnética que tinha numa das mãos e disse:

- Recebi ordens do tenente. A minha prova está aqui.

O doutor perguntou ao intérprete:

- O prisioneiro confessou?

O homem lívido passou as costas da mão pela boca e sacudiu a cabeça negativamente:

- Não. E eu quero lavar as mãos de tudo isso. Fui designado apenas como intérprete. Não cheguei a tocar o prisioneiro nem sequer com as pontas dos dedos.

O sargento acercou-se do médico e pousou-lhe a manopla no ombro.

- Escute aqui, doutor. É necessário mesmo declarar que o rapaz foi... foi torturado? Ninguém lhe vai fazer perguntas. Ninguém sabe que houve um interrogatório. Pense bem, doutor, esse menino não poderia ter morrido simplesmente de um ataque cardíaco? Ninguém sabe quem é. Não tem nome. Não é ninguém.

O médico ergueu-se e enfrentou o homenzarrão:

- No atestado de óbito direi a verdade.

O sargento agarrou-lhe o braço, mas o médico desvencilhou-se dele num safanão.

- Não me toque! - gritou. - E não imagine nem por um momento

que me pode intimidar!

O sargento ficou vermelho e seus olhos fuzilaram.

O tenente não teve coragem de encarar o doutor. Saiu da cela e se foi ao longo do corredor num ritmo de fuga, em busca de ar livre.

A cidade pareceu-lhe apenas uma ampliação do cubículo de onde acabava de fugir. O mesmo calor sufocante, o mesmo ar viciado e espesso, a mesma sensação de confinamento irremediável.

Ficou a caminhar por alguns minutos pelas ruas desertas, sem destino certo, arrastando o peso do próprio corpo, incapaz de um pensamento lúcido.

Parou a uma esquina, sentindo a memória subitamente bloqueada. Como se chamava? Esquecera o próprio nome. Não tinha passado... Onde estava? Não sabia. Olhou em torno, desnorreado.

Sentou-se pesadamente no meio-fio, junto de um poste de iluminação, apoiou os cotovelos nos joelhos e escondeu as faces nas mãos espalmadas e ficou a buscar, aflito, na memória dolorida a identidade perdida.

Vinha de longe um ribombar abafado como o de uma trovoada. Pensou na chuva. Desejou-a: uma chuva que caísse do céu em torrentes, inundasse a cidade, lavasse aquele ar, formando uma correnteza que pudesse levar seu corpo... para onde? Para o mar. Viu um menino à beira de um grande rio, um barco movido a rodas, amarrado a um trapiche sobre o qual se amontoavam balas de algodão... Lembrava-se apagadamente da infância, tinha uma esmaecida idéia do lugar onde nascera e cujo nome lhe soava na mente como o de uma cidade de uma civilização, antiga e morta do Oriente, que ele associava a pirâmides... múmias... um porteiro de hotel...

A luz da lâmpada caía em cheio sobre seu corpo. Olhou demoradamente para as próprias botas, para as calças de um pano verde-oliva. Uniforme militar. Sim, era um soldado. Tirou de um dos bolsos seus papéis de identidade e ficou a examiná-los. Pareceram-lhe escritos numa língua estrangeira. Compreendeu que tinha um número... Era, acima de tudo, um número... Por fim descobriu os seus três nomes e ficou a pronunciá-los baixinho, muitas vezes, procurando neles a sua própria pessoa, seu passado... E, de

repente, rompeu a chorar convulsivamente como uma criança, recostado ao poste, deixando que as lágrimas lhe escorressem em grossas bagas pelo rosto, misturadas com o suor. Estendeu-se de costas sobre a calçada, sentindo o contato quente das pedras. Viu a lua, alta no céu. Se pudesse ao menos encostar a cara na lua e refrigerar-se no seu gelo... Cerrou os olhos de pálpebras ferradas de dor. E aos poucos foi recuperando a identidade, fantasma a fantasma, horror a horror. Teve a esperança - que em breve se dissipou - de que todas as coisas passadas no cubículo de onde fugira fossem apenas elementos de um pesadelo.

De novo pesou-lhe no peito a culpa de ter sido responsável pela morte de um ser humano. Sentia ainda nas narinas o cheiro acre do suor do sargento, o bruto que o obrigara a pronunciar a sentença de morte do prisioneiro... E o homem tatuado guardava consigo a fita magnética onde aquelas palavras terríveis tinham ficado gravadas. Ergueu-se devagarinho. Reconhecia agora a cidade. Descobria pontos de referência, podia orientar-se. Olhou o relógio-pulseira: três e cinquenta e cinco. De que dia? Ocorreu-lhe então que dentro de menos de dez horas entraria no avião que o ia levar de volta à pátria. Sabia agora que talvez não pudesse embarcar mais como um homem livre, mas sim como um prisioneiro acusado de crime de homicídio.

Caminhou até à beira do rio. Viu luzes mortíferas dentro de algumas sampanhas. Ouviu vozes, tosses, gemidos. Um gato miou, não muito longe. Acocorou-se à beira d'água, mergulhou nela o lenço e depois passou-o pela testa e pelo rosto, longamente.

Por um instante ficou escutando o bombardeio distante. Ergueu-se e saiu a andar, na direção do mercado e finalmente entrou na grande avenida que costeava o rio.

Pensava no gravador, no olho verde, nos carretéis rodando... Sua memória era uma fita magnética que registrara não só as vozes mas também as imagens e os odores daquelas horas horrendas, na cela. Pensou no prisioneiro caído sobre as lajes, morto, as pernas abertas, os escrotos esmigalhados... Santo Deus! Como tinha sido capaz de permitir uma coisa daquelas? E tudo inútil! No momento mesmo em que o sargento torturava o prisioneiro, a bomba estava

sendo desmontada pelos peritos do Exército.

Sentiu então uma solidão insuportável. Desejou uma presença humana e amiga. Mas quem? Quem? Passaram-lhe pela mente várias faces... A professora! Descobriu que não estava longe da casa dela. Umas três ou quatro quadras. Sim, podia procurar a professora. Mas àquela hora? Ah! Ela compreenderia depois que ele lhe contasse tudo. Precisava abrir-se com alguém, repartir com outra criatura de Deus o peso que lhe oprimia o coração.

Avistou a torre de uma igreja, a silhueta da cruz contra o céu. Foi então tomado de uma súbita esperança. Conhecia o pároco, com o qual uma vez trocara meia dúzia de palavras. Parecera-lhe que o velho falava razoavelmente a sua língua. Podia confessar-se a ele. Sim, porque não? Um alvoroço formigou-lhe no corpo. Ali estava a solução! O confessor. A absolvição. A salvação. A paz. De olhos erguidos para a cruz da torre, continuou a andar, acelerando o passo...

A residência paroquial, de fachada caiada e singela, ficava ao lado da igreja. Atravessou o jardim, inadvertidamente pisando em flores (o cemitério, a rosa do caminho, a libélula, o sol) e bateu na porta da casa, primeiro timidamente, depois com mais força. Esperou. Não ouviu nenhuma resposta. Aproximou-se de uma das janelas e bateu na veneziana. Finalmente ouviu um pigarro, seguido de uma voz de timbre agudo:

- Quem é?

O tenente repetiu o próprio nome três vezes, tentando falar a língua do pároco.

- Que é que deseja?

- Quero me confessar.

- A esta hora da noite?

- Por amor de Deus, padre! Tenha paciência comigo. Preciso desesperadamente do seu auxílio.

Misturava a língua do sacerdote com a própria, repetia as frases, confusamente.

- Está bem. Já vou.

O tenente sentou-se no degrau da porta. Pensava no pastor batista de sua infância. Que diria ele se o surpreendesse ali à entrada da

casa de um sacerdote católico, a quem suplicara ouvisse a sua confissão? Seu pai e sua mãe também ficariam escandalizados.

O ar estava embalsamado pelo odor das flores do jasmim-manga que se erguia sereno ao pé da igreja.

A porta se abriu, enquadrando o vulto escuro do pároco. O tenente ergueu-se e recuou alguns passos, ficando na parte do jardim que o luar clareava, como para que o velho pudesse identificá-lo melhor. O padre aproximou-se e examinou-o por alguns segundos.

- Eu o conheço?

- Acho que não se lembra de mim... mas nós nos falamos uma vez, faz algum tempo, numa dessas aldeias...

- Costuma vir à missa regularmente?

- Não.

O sacerdote mirou-o em silêncio. Era um homem baixo e franzino, de cabelos completamente brancos.

- É pelo menos católico?

- Não, sou batista.

- Não compreendo... não me disse há pouco que queria confessar-se?

- Sim, padre, quero. Preciso muito. Eu lhe suplico que não me negue essa graça.

Cruzaram o pequeno pátio que separava a casa paroquial da igreja. O padre entrou na sacristia para apanhar a estola e, sempre em silêncio, encaminhou-se depois para o recinto do templo. A luz do luar, tamisada pelos vitrais das estreitas janelas em ogiva, produzia naquele interior um lusco-fusco de madrugada que o pároco esconjurou, acendendo o grande lustre central, para maior desconforto do tenente, que o seguira. O sacerdote fez uma breve genuflexão diante do altar-mor e depois entrou no confessionário.

- Ajoelhe-se, meu filho - pediu ele. E sua voz ecoou estranhamente na igreja vazia.

O tenente obedeceu, tomado de um sentimento de culpa e quase vergonha, parecido com o que experimentara quando, menino, assistira a uma missa inteira, escondido atrás de uma coluna, num templo católico.

- Agora conte-me o seu problema - disse o padre em voz baixa,

quase sussurrada. Seu hálito recendente a alho chegou às narinas do tenente.

- Padre, sou responsável pela morte de um homem.

- Quer dizer que... matou alguém?

- Sim, indiretamente.

- Quando aconteceu isso?

O tenente hesitou, procurando situar-se no tempo.

- Faz pouco mais de meia hora... ou uma hora, talvez... não sei ao certo.

Começou a contar a sua história desde o encontro com K., no quarto do Caravelle, até àquele instante.

- Por favor - pediu o sacerdote -, fale mais devagar e mais claro. Não conheço bem a sua língua.

O tenente estava de olhos cerrados, ambas as mãos apoiando a testa, agora calado, como se tivesse esquecido a própria história. Ouviu um mal-abafado bocejo do pároco. Sentia agora a presença das imagens dos santos em seus nichos, espiões que o espreitavam.

- Padre, eu tinha que procurar um alívio na confissão.

Contou seu passado mais remoto, sua condição de negro, seus remorsos. Quando de novo ficou em silêncio, o padre perguntou:

- O senhor acha que deu o consentimento para torturar o prisioneiro movido por um sentimento de vingança? Quis castigar o homem responsável pela morte da... mulher que amava?

- Não, padre! Desde o momento em que vi aquele pobre menino, tive piedade dele, identifiquei-me com ele, como se ele fosse meu irmão. Não houve nenhum ódio... o que houve... o que penso que houve foi uma terrível confusão de espírito... E a presença daquele homem grosseiro e brutal, esse sim, movido por um desejo de vingança. O que não consigo compreender, o que não me perdôo, é ter cedido à sua pressão... Eu me pergunto se tive medo dele, medo físico. Mas não creio... Foi algo ainda pior, uma espécie de medo moral, se se pode dizer assim. Imaginei ver os pensamentos dele: "Esse negro é um poltrão, um fraco..." E por outro lado...

Calou-se. Pareceu-lhe que o padre ressonava. Mas tornou a ouvir-lhe a voz:

- Continue.

- Por outro lado, eu não queria ficar com o remorso de não ter conseguido salvar a vida de pessoas inocentes... o comandante não me deixou alternativa. Não admitia que eu falhasse. Declarou que não faria perguntas... Me diga, padre, me diga se eu queria mesmo salvar aquelas vidas ou apenas agradar ao coronel branco... Estou confuso... não sei...

- Obteve a confissão desejada?

O tenente sacudiu a cabeça.

- Não. O rapaz resistiu a todas as brutalidades. Só abriu a boca para gritar de dor. E o mais estúpido, o mais grotesco é que o sacrifício do prisioneiro foi inútil. Uma irmã sua confessou espontaneamente onde ele havia colocado a bomba... Estava por explodir no dormitório de um colégio de moças... não me lembro em que parte da cidade... Veja, padre, quando autorizei o emprego da tortura eu estava, por assim dizer, tratando de salvar a vida dessas meninas... Ou estou errado, padre? Por amor de Deus, me esclareça. Sou um assassino?

- Não me cabe julgar.

- Cometi um pecado mortal?

O sacerdote pigarreou e por alguns segundos guardou silêncio. Depois, falando lentamente, escolhendo as palavras, murmurou:

- Meu filho... todos os homens são mortais. As moças cujas vidas a explosão da bomba poderia destruir, mais tarde ou mais cedo tinham de morrer. É uma lei divina. Sua intenção de salvá-las da aniquilação física, tenente, foi muito louvável, ninguém discutirá isso. - De novo calou-se, tornou a pigarrear, pareceu buscar penosamente as palavras. - Estou pensando nas idéias pragmáticas de seu comandante. Superficialmente estão certas. Mas... mas a aritmética de Deus é diferente da dos homens. Para principiar, as almas não têm números nem nomes do arquivo do Todo-Poderoso. Os homens possuem um espírito... uma dignidade, uma integridade e você, meu filho, desrespeitou a dignidade daquela criatura do Senhor... permitindo que ela fosse torturada, vilipendiada... tratada como um objeto sem alma. Ferindo o prisioneiro, você feriu também Deus.

- Mas estou arrependido, padre!

- Está mesmo arrependido, profundamente contrito ou apenas diz isso porque deseja que eu lhe dê a absolvição para aliviá-lo de um insuportável peso de culpa?

- Juro, juro por Deus que estou arrependido! - exclamou o tenente num assomo agressivo.

- Não grite. Deus tem bons ouvidos. - Houve então um silêncio que pareceu mais um súbito vácuo. Alho no hálito do padre. A dureza dos bancos sob os joelhos. A sua canseira. Um desalento, uma sensação de que nada, nada no mundo fazia sentido.

- Deus deve ter bons olhos também - retrucou o tenente. - Mas às vezes desconfio que Ele perdeu a memória.

- Não blasfeme, meu filho.

Ele começava a sentir no padre um inimigo. Pior que isso: um estranho, indiferente à sua sorte. Um estrangeiro branco, de olhos azuis, sotaque carregado. Entre ambos não haveria nenhuma possibilidade de comunicação.

Sentiu um absurdo desejo de agredir o outro, o seu Deus e a sua religião.

- Padre... Deus deve ser branco e racista.

- Cale-se! Respeite este templo. - Havia uma ponta de rancor na voz do sacerdote. - Você devia ser mais humilde. Veio aqui em busca de alívio e perdão e, no entanto, está a dizer tolices e irreverências.

O tenente ergueu-se.

- Não preciso do seu perdão. Nem da sua Igreja. Nem do seu Deus. Precipitou-se para a porta. Poucos minutos depois estava na rua, caminhando de novo sem direção certa. Do céu a lua o seguia como o olho plácido mas implacável do Deus que ele acabava de repudiar.

Cinco minutos mais tarde estava sentado numa sala, na presença da professora. Passara pela frente da casa e, vendo duas janelas iluminadas, batera à porta, levado por um impulso. Sua amiga não parecera surpreendida por vê-lo àquela hora e naquele estado. Convidara-o logo a entrar. Agora ele nem ousava encará-la, inibido por um constrangimento que lhe trancava as palavras na garganta.

De cabeça baixa, examinava com meia atenção o desenho do tapete que tinha a seus pés, e que lhe lembrava vagamente - as futilidades da memória! - certa gravura colorida de uma enciclopédia que ele consultara, havia anos, para fazer uma dissertação ginásial sobre a arte da tapeçaria. A professora vestia um ao-dai de gaze azul por cima do pijama branco. Seus pés estavam metidos em chinelos. Que direito tinha ele de violar a intimidade daquela mulher?

- Peço-lhe que me perdoe. Eu ia passando... Não resisti ao desejo de vê-la.

- Está bem. Não se explique, não é necessário. Fique à vontade.

Ela se sentou junto do sofá, na poltrona sobre um de cujos braços jazia um livro fechado, com uma das páginas marcadas por um corta-papel de marfim. Passou os dedos de leve pelo dorso do volume.

- Perdi o sono e vim para aqui ler. Deve ser o calor, o peso da noite...

Pouco alívio lhes vinha do pequeno ventilador que rodava e zumbia em cima da mesinha, na frente do sofá. Sem erguer os olhos, ele começou a narrar os acontecimentos daquelas últimas quatro horas, minuciosamente, sem pausa, compulsivamente... E sentia que a história que contava à amiga já diferia da confissão que fizera ao pároco, havia pouco.

A professora escutou-o em silêncio. E quando ele fez uma pausa, ainda calada, ela acendeu um cigarro e pôs-se a fumar, pensativa.

- Agora me diga - suplicou ele -, me diga com toda a franqueza, sem medo de me ferir, - o que pensa de tudo isso. Estou confuso... Há momentos em que me sinto um criminoso, culpado pela tortura e pela morte de um ser humano. Noutros...

Calou-se, como engasgado.

- Culpado, criminoso... São termos legais e teológicos. E a lei, como a Teologia, é uma invenção dos homens. Estamos outra vez tropeçando em palavras. Mas a verdade é que jamais nos livraremos de sua tirania. Nem da nossa teologia ou da nossa mitologia particular. Eu prefiro dizer, sinceramente, que você é, antes de mais nada, uma vítima da Engrenagem. E que é preciso

desmanchar essa Engrenagem e recomeçar tudo sobre bases novas. É um trabalho para séculos, mas alguém em alguma parte um dia tem de começar... O que eu penso, em termos práticos, é que neste momento você não se encontra em condições psicológicas para chegar a uma conclusão lógica sobre a situação...

Ele ergueu a cabeça e ficou de olhos piscos, como se a claridade o ofuscasse. A professora ergueu-se e apagou a luz do lustre, deixando só a da lâmpada que caía direta sobre a sua poltrona. Depois saiu da sala e voltou alguns minutos mais tarde, trazendo, dobrada sobre um dos braços, uma toalha, e, segura por ambas as mãos, uma bandeja com um jarro de limonada gelada e um pequeno balde metálico com cubos de gelo.

- Você deve estar com sede.

Deu-lhe um copo grande cheio de refresco, do qual ele bebeu avidamente, esvaziando-o. A professora apontou para o sofá.

- Agora deite-se ali. Ponha a cabeça na almofada. Não é necessário tirar as botas. Coloque os pés em cima desse jornal.

Ele levou alguns segundos para compreender aquele convite... ou ordem? Por fim, fez o que a amiga lhe dissera.

- Trate de relaxar esse corpo. Tente não pensar mais no seu problema. Pelo menos esta noite.

Ela pegou a toalha e, ajoelhando-se junto do sofá, começou a enxugar a testa e o rosto do amigo. Ele cerrou os olhos. Sentiu depois o contato do cubo de gelo que ela lhe passava pelas faces. Ela tinha trazido um pedaço da lua para junto da sua pele. Ela era a boa. Sua única amiga...

- E a cabeça, dói?

- Um pouco.

- Tome esta aspirina.

Ele abriu os olhos, meteu na boca o comprimido, soergueu-se e aproximou os lábios do copo que a professora tinha na mão, para beber um gole de limonada, e enquanto ele fazia isso, ela punha a mão em sua nuca para amparar-lhe a cabeça, bem como costumava fazer a sua mãe quando ele era menino e ardia em febre na cama.

Tornou a estender-se no sofá e a fechar os olhos. De novo a amiga

trouxe a lua para a sua face. Ele sentia um alívio, um refrigério. Era a única, amiga que tinha no mundo. A imagem da própria esposa passou-lhe pela mente como a fotografia de uma pessoa vagamente conhecida que vimos um dia, numa revista, num relance... o perfume que vinha do corpo daquela mulher era como uma aura do paraíso. Mas que direito tinha ele à bondade dela?

- Estou ainda constrangido por ter entrado aqui a esta hora - balbuciou, sem abrir os olhos, pois era-lhe mais fácil falar sem vê-la.

- Não se preocupe. Os amigos não se pedem desculpas. Nunca. Ou então não são amigos.

- Você é tão bondosa, tão... tão...

- Por favor, não me endeuse. Não tente me convencer de que sou boa. Não sou. Às vezes até acho que sou dura demais. Se não fosse, não teria sobrevivido. Seja duro também, especialmente numa circunstância como esta em que, mais que nunca, você precisa de si mesmo.

- Eu sei, eu sei, mas estou confuso. Seja franca, acha que sou um criminoso?

- Você se sente com inclinações assassinas? A idéia da tortura do terrorista lhe causou algum prazer?

- Não, ao contrário!

- Pois então fique tranqüilo. E aprenda a viver sem a aprovação dos outros. Contente-se com a própria.

- Estou certo de que não aprovo o que fiz.

- Está bem. Mas no estado em que se encontra, acho que devia transferir para outro dia o exame do problema. Escute... Estou pensando num aspecto da questão que você talvez não tenha considerado.

- Qual?

- Preste atenção. Se o prisioneiro tivesse sobrevivido, seria fatalmente entregue às autoridades locais e fuzilado pelo crime de haver colocado uma bomba num internato em que podia matar dez... quinze... vinte meninas... e também por sua responsabilidade na explosão do Café Caravelle.

Ela fez uma pausa.

- Pense nas outras bombas - continuou - milhões de vezes mais poderosas que essa engenhoca dos terroristas que era provavelmente de fabricação doméstica...

O tenente abriu os olhos e fitou-os na amiga.

- Que bombas?

- Neste momento as maiores cidades do mundo, tanto do oriental como do ocidental, estão correndo o risco de serem completamente destruídas. Cada uma delas tem no arsenal inimigo uma bomba com o seu nome escrito nos costados. Basta que um sujeito aperte num botão...

- Compreendo...

- Um chefe de Estado, reunido ao redor de uma mesa com o seu Gabinete e os generais do Estado-Maior de seu Exército, bebendo café, chá, vodka ou bourbon, pode decidir tranquilamente que seus técnicos devem apertar nesse terrível botão e desencadear a hecatombe. E então tudo irá pelos ares, colégios, igrejas, hospitais, museus, pontes, jardins... E isso talvez signifique a extinção da raça humana.

Ele refletia... A professora passava-lhe de novo a toalha pelo rosto.

- O que quero dizer é que ninguém parece estar muito alarmado com essa possibilidade pavorosa, isto é, num grau proporcional ao estardalhaço que se faz por causa de bombas como as que explodiram esta noite e em outras. Não preciso dizer que não justifico de maneira nenhuma o terrorismo, sejam quais forem os seus motivos e objetivos... o que estou sugerindo é que vivemos sob o terrorismo generalizado e permanente, e que a nossa vida e a nossa morte dependem de um punhado de "terroristas" que operam sob os mais variados "disfarces"... Defensores da Civilização Ocidental... da Cultura... do Proletariado... da Fé Cristã... da Liberdade... do Comunismo Internacional, etc... Se essas bombas explodirem, eles não serão considerados criminosos simplesmente porque não sobrarão juizes nem tribunais para os julgar e responsabilizar... Porque tudo terá sido destruído, inclusive a teologia, a filosofia, as ideologias... e os apetites econômicos e políticos que inspiraram o gesto fatal...

Ele já se sentia melhor, embora persistisse o peso na cabeça. Pediu

à professora que apagasse a luz, e ela lhe fez a vontade.

- Juro que amei aquele rapaz desde o momento em que o vi - murmurou o tenente - como se ele fosse do meu sangue, meu irmão menor. Senti pelo prisioneiro uma empatia tão grande, que quando ele estava sendo... torturado, no corredor, sem vê-lo, cheguei a sentir as suas dores no meu próprio corpo... Eu sabia a espécie de tortura que o sargento lhe estava infligindo... esmagava o símbolo da masculinidade do rapaz. Creio que cheguei a gritar.

- Você se sentiu então castrado fisicamente pelo sargento que antes, dentro da cela, o havia castrado moralmente, não é certo?

- E o que me desespera é que hoje falhei mais de uma vez como homem. Com K. no quarto, por cima do Café... Na cela, diante do prisioneiro, deixando-me dominar pelo sargento... Mais uma vez me encolhi, medroso, e fugi diante do homem branco... Lembra-se da história da minha infância, quando meu pai foi atacado na rua por três brutamontes? Por favor, diga-me o que pensa de tudo isso!

- O que eu penso ou deixo de pensar não devia ter importância para você. Vamos nos separar talvez para sempre dentro de poucas horas. O essencial é o que você pensa de si mesmo.

O tenente rebolcou-se no sofá e ficou deitado de bruços.

- O médico vai me denunciar... Serei levado a conselho de guerra. Ou entregue à justiça civil, quando voltar para a minha terra.

Levantou-se, caminhou pela sala de um lado para outro, de novo tomado de uma grande angústia, e depois deixou-se cair no sofá. A professora sentou-se a seu lado.

- Não estou muito certa disso. Algum correspondente de guerra teve conhecimento desse interrogatório?

- Não creio, mas de um modo ou de outro a imprensa não tardará a saber... e naturalmente pedirá a minha cabeça.

- O coronel não lhe prometeu que não faria perguntas? O major não lhe garantiu sob palavra que hoje ao meio-dia você estaria a bordo do avião que o levará para casa?

O tenente encolheu os ombros.

- Se forem pressionados, ambos tratarão de salvar a honra do Exército e a própria. Não hesitarão em me sacrificar. Não tenho testemunha do que esses dois oficiais me disseram. Mas o

sargento, esse guarda consigo a fita magnética em que minhas palavras comprometedoras ficaram gravadas.

Como única resposta a professora teve um gesto que ele não esperava: fê-lo pousar a cabeça no seu regaço. Nos primeiros instantes ele ficou contrafeito e tenso. Ela continuou a falar com a maior naturalidade:

- No momento não há palavra ou gesto seu que possa mudar a situação. O importante é conservar a cabeça fria e clara, os nervos controlados. O sol de cada dia sempre traz uma luz nova. Trate de dormir um pouco, depois tome uma ducha, faça as malas, espere a hora de embarcar... e embarque!

- Para a outra frente de batalha?

- Seja para onde for. Mais tarde ou mais cedo você terá que tomar uma posição. Nestes nossos tempos, a neutralidade não é possível. Não existem mais esconderijos físicos ou psicológicos no mundo. É a hora do compromisso.

- E se eu for levado a júri como responsável pela morte do prisioneiro?

- Lute. Defenda-se.

- Mas será que em minha terra um negro pode esperar um julgamento imparcial?

- Seja como for, defenda-se, lute, lute! Se não lutar é porque pensa que merece mesmo castigo, e nesse caso nem a sua absolvição unânime por todos os tribunais do mundo o livrará jamais do sentimento de culpa. Mas mesmo que se sinta culpado, defenda-se, reaja. Você tem ainda muita vida e mundo pela frente, muito tempo para espantar os seus fantasmas e ficar adulto definitivamente.

Fez-se um silêncio. E então - de propósito ou num gesto distraído? - a professora começou a acariciar-lhe os cabelos com os dedos, um dos quais em certo momento lhe tocou a orelha, produzindo-lhe uma cócega. Ele teve então consciência de que sua cabeça estava aninhada sobre o vale do sexo daquela mulher. Seu corpo ressuscitou para uma sensibilidade que não era a da dor. Um calor, que não vinha da atmosfera ambiente, lhe acendeu a carne, e a sua virilidade despertada enrijou-se, agressiva, com tanta força que ele dobrou automaticamente as pernas para esconder aquela vergonha.

Ficou a respirar arquejante, a boca entreaberta, o sangue a pulsar-lhe forte. Temia e ao mesmo tempo desejava que ela notasse o que se passava com ele, embora tudo aquilo lhe parecesse estúpido, insensato. Ali! A maciez daquelas coxas contra sua face! Era melhor erguer-se, correr para a porta, fugir para sempre... Mas em vez disso ele meteu mais fundo a cabeça naquele recôncavo cálido e palpitante. E a sua mão, como se recebesse uma ordem que vinha do sexo e não da cabeça, agarrou a perna da amiga. Sentiu imediatamente a reação dela: um retesamento de músculos. Esperou que ela o esbofeteasse - sim, ele era um canalha, merecia, merecia ser esbofeteado -, mas os dedos dela lhe apertaram com força a orelha, como a transmitir-lhe o recado de sua aquiescência. - ó Deus! ó Deus! Não permitas que isto aconteça! - e sua mão, impelida por uma força cega que ele não podia e já nem mesmo queria dominar, subiu por aquela perna, apertou-lhe o joelho, o princípio da coxa, por cima da seda do pijama, e dentro de um instante - como? como? como? - num silêncio ofegante estava em cima dela no sofá, a mexer-lhe nas roupas e depois a procurar com seu sexo o sexo dela. E quando o achou, foi como se descobrisse a porta de sua salvação, da sua libertação, da vida eterna... Segurando-a pelos ombros começou a fazer os movimentos do amor, procurando-lhe a boca, que ela lhe negava. Os braços da mulher continuavam caídos, o esquerdo ao longo da borda do sofá, e o direito estendido ao lado do corpo. E então, ansiado, ele descobriu, na sua confusão, que queria fazer-se pequeno e entrar inteiro naquela fêmea, e ficar quieto, escondido, protegido para sempre e sempre dentro de seu útero... Por fim foi sacudido por um orgasmo sem prazer, como um doloroso esvair-se em sangue, uma espécie de morte convulsiva... Ela espalmou ambas as mãos no peito dele e empurrou-o. Ele se deixou cair pesadamente no chão e ali ficou a respirar com dificuldade, as mãos cobrindo as faces. Depois ergueu-se, acercou-se da janela, olhou para a noite, mas sem vê-la, e desejou sumir-se. Vieram-lhe à mente os repugnantes soldadinhos amarelos que se haviam revezado sobre o corpo da menina, chupando os dentes de prazer.

- Perdão... - murmurou ele. - Não... não sei como foi... que isto

aconteceu.

A voz da amiga soou tranqüila às suas costas.

- Não fale, por favor. Não se explique.

- Mas eu... - insistiu ele, sem coragem de voltar-se.

- Agora pode ir embora - disse ela com uma firmeza sem rancor. - Não há mais nada, nada mesmo, que eu possa fazer por você.

Ele se encaminhou para a porta sem ânimo de olhar para trás.

Ao entrar no saguão do hotel, esperou que os soldados que montavam guarda à porta central o prendessem, mas eles limitaram-se a lançar um olhar de morna e passageira curiosidade para seus documentos de identidade. Os ponteiros do relógio de parede que estava por cima da porta do refeitório, marcavam quatro horas e cinquenta minutos.

O tenente aproximou-se do balcão da portaria e, dirigindo-se a um vulto em cujas feições não atentou, pediu-lhe a chave do quarto.

- Ah! O senhor tenente! - exclamou o velho porteiro, mostrando a dentadura. Sente alguma coisa? Muito pálido... Cansado, não? Um conselho... Vá deitar-se ligeiro... pés voltados para o sul... quietinho. Hoje dia não-auspicioso.

O tenente apanhou a sua chave, entrou no elevador e levou algum tempo para discernir e apertar o botão sob o número cinco. A gaiola começou a subir, lenta.

No quinto andar a perspectiva do corredor evocou-lhe a "catacumba" com tamanha intensidade, que, estonteado, ele perdeu o equilíbrio e teve de recostar-se numa das paredes, sentindo a iminência de uma dor entre as pernas.

Retomou a marcha na direção de seu quarto. Um risco luminoso sublinhava a porta dos aposentos do capitão-médico. Estacou. Hesitou um instante antes de bater. De dentro veio uma voz: "Entre!"

Entrou. O médico estava sentado à escrivaninha, debruçado sobre um livro. Vestia apenas as calças do pijama e estava descalço. Por suas costas de pele sardenta, muito branca e de poros abertos, o suor escorria.

- Sente-se, tenente - disse ele sem voltar a cabeça nem erguer os olhos do livro.

O outro sentou-se.

- Sabia que eu vinha?

- Tinha quase a certeza...

- Naturalmente me reconheceu pelo cheiro do suor - pensou o tenente num desconforto. - Sei que a hora é imprópria...

- Para um médico não existem horas impróprias.

O tenente sentiu um elemento de hostilidade na maneira como o outro pronunciara aquelas palavras. Estudou o perfil do capitão, que ainda não havia olhado para ele. O homem tinha uma cabeça volumosa, testa olímpica, cabelos ruivos e crespos, óculos no nariz adunco. Um intelectual judeu típico - pensou. Não podia deixar de admitir para si mesmo que alimentava uma certa má vontade para com os judeus. Tentava reagir contra esse preconceito absurdo, mas os motivos mitológicos e folclóricos de seu anti-semitismo estavam entranhados nele, vinham da infância e da adolescência. Ecoavam-lhe na memória vozes dos guetos negros de seu passado: "Aquele judeu safado da casa de móveis me logrou." "Já está aí de novo o judeu da prestação." "Raça maldita! Assassinos de Cristo!"

O doutor fechou o livro.

- Em que posso servi-lo?

Esta pergunta, que devia conter um oferecimento de auxílio, já trazia, em seu âmago, denunciado pela entonação em que fora feita, o germe de uma negativa.

- Para ser franco... nem sei bem porque entrei aqui.

O outro voltou-se para ele e ambos ficaram a entreolhar-se em silêncio.

- Acho, doutor, que o senhor bem pode imaginar o meu estado de espírito depois... depois do que aconteceu.

O médico ergueu-se, tirou um cigarro do maço que estava em cima da escrivaninha, levou-o à boca e acendeu-o.

- Espero que não tenha vindo aqui para me pedir que não revele no meu relatório que o prisioneiro foi torturado.

O tenente sacudiu a cabeça negativamente.

- Mesmo que eu quisesse fazer vista grossa - continuou o médico - e não quero, note bem, não quero... a verdade acabaria por ser conhecida, pois neste momento o corpo do prisioneiro está sendo

submetido a uma necropsia.

- Não tenho o direito de lhe pedir nada, doutor. O senhor fará o que sua consciência lhe ditar. Mas eu queria... queria ao menos que soubesse as circunstâncias em que as coisas se passaram.

- Estou informado de tudo. Conversei longamente com o intérprete. Não tenho motivos para duvidar da validade do depoimento dele.

- O que eu quero mesmo lhe dizer... é que não sou nenhum assassino.

- Todos somos assassinos, por comissão ou omissão.

Encurvado, a cabeça baixa, o tenente olhava obsessivamente para os pés nus do outro, de um branco rosado, as unhas grossas e pardacentas, um calo num dos dedos grandes.

- Foi num momento de exasperação... de confusão de espírito... de desespero que dei aquela ordem. Pensei nas pessoas que a explosão da bomba ia matar... nas crianças - improvisou -, sim, principalmente nas crianças. Tenho um filho... Fui obrigado a escolher (se é que meu estado de espírito me permitia raciocinar) entre me desgraçar, ordenando a tortura de um ser humano, e arcar pelo resto da vida com o remorso de não ter conseguido evitar a morte de tanta gente.

- E não é irônico que a bomba tenha sido descoberta só porque uma menina veio dos arrozais voluntariamente e revelou seu esconderijo, para salvar a vida de seu irmão... que àquela hora provavelmente já estava morto?

O tenente ergueu-se, num assomo de cólera.

- Mas eu não dei ordem para matar o rapaz! Consentii apenas em que o sargento aplicasse... o seu método.

- Eu lhe disse três vezes que o estado do coração do prisioneiro era péssimo.

Encararam-se com rancor.

- Mas que teria feito você no meu lugar? Me diga! Me diga!

- Não teria aceito a incumbência de interrogar o terrorista.

- Mas foi uma ordem superior! Não me restava outra alternativa. Seria preso, se não obedecesse...

- E isso não teria sido melhor para você?

O tenente tornou a sentar-se. Imagens passaram-lhe rápidas pela

mente, misturadas, superpostas. K. A professora. O prisioneiro. A suicida da manhã. Teve a impressão de que ele destruía, torturara, violara aquelas quatro criaturas. Talvez merecesse mesmo ser condenado. Mas não estava em condições de pensar com clareza... o melhor era ir para o quarto, deitar-se, procurar esquecer, dormir... Ou meter uma bala na cabeça e acabar com tudo de uma vez!

Continuou a olhar para os pés do doutor, que agora se moviam na sua direção. Queira Deus - pensou o tenente -, queira Deus que esse homem não me ponha a mão no ombro, que eu não poderei suportar seu contacto. O outro, porém, limitou-se a mostrar-lhe o pulso esquerdo, onde se via um número tatuado - 12.345.

- Eu seria a última pessoa no mundo a tolerar ou justificar, mesmo academicamente, a tortura... - disse o médico. - Você conhece a minha história?

- Não. Porque havia de conhecer?

- Mas sabe que sou judeu, não sabe?

O tenente hesitou por um segundo, como se o outro lhe houvesse perguntado: "Sabe que sou leproso?"

- Sei.

- Pois bem. Aos catorze anos me levaram para um campo de concentração com toda a minha família: mãe, pai, um irmão mais velho que eu, e outro de apenas dois anos de idade...

- Acho desnecessário dizer-lhe que sou negro. Nós também conhecemos as humilhações dos guetos.

- Ah, tenente! Não queira comparar... Nosso caso foi mil vezes pior, talvez o mais horrendo e insensato pesadelo da História, Temos sido, durante milênios, os bodes expiatórios da Humanidade.

Não entrei aqui para discutir o problema hebreu - pensou o tenente, remexendo-se na sua cadeira, consciente agora de que sua dor de cabeça se agravava. O outro caminhava na sua frente, de um lado para outro, e falava, de frente alçada, como se estivesse dando uma aula. O tenente seguia, fascinado, aqueles pés nus.

- Jamais esquecerei o dia em que os guardas reuniram no pátio murado todos os meninos do campo, entre doze e quinze anos, e nos fizeram formar, completamente despidos, para responder à chamada. Ordenaram-nos aos berros que nos perfilhássemos como

soldados. As bestas nazistas nos disseram então as mais sórdidas chacotas, nos chamaram de judeus sujos e se riam, como se riam! Enquanto tremíamos de frio e de medo, aqueles porcos estavam abrigados pelos seus capotes, as suas botas, as suas luvas...

O médico aproximou-se da janela e ali ficou a olhar para fora. Só então o tenente percebeu que o canhoneiro havia cessado. Olhou o seu relógio-pulseira e pensou: o dia em breve vai nascer.

- Mas isso foi apenas o princípio - prosseguiu o outro. - O pior estava ainda por vir. Éramos milhares naquele campo... Vivíamos como animais, subalimentados, com roupas insuficientes, no meio da sujeira e do fedor... Tenente, quantas pessoas terão tido como eu o "privilégio" de conhecer aos catorze anos, veja bem, catorze anos, todas as misérias, brutalidades e vilezas de que é capaz um ser humano Atirou o cigarro fora, pela janela. - Foi a minha educação sentimental. Meu pai e minha mãe passavam o tempo a rezar, confiando em Deus. Jamais desesperaram. Mas nem todos eram assim. Às vezes um dos internados tinha acessos de loucura. Um dia vi um homem precipitar-se desatinado sobre a cerca de arame farpado que circundava o campo, e pela qual passava uma corrente elétrica de alta voltagem. Esse não foi o único suicídio. Houve outros... Muita gente morria também durante os trabalhos forçados ou servindo de cobaias para experiências pseudo-científicas...

- Porque terei de ouvir toda essa conversa? - perguntava-se o tenente a si mesmo. Pensava em erguer-se e ir embora, mas uma força misteriosa o prendia àquela cadeira, e seus olhos continuavam fixos nos pés do homem do pulso tatuado.

- O comandante do campo era um coronel com veleidades artísticas e dotado de um senso de humor negro. Descobriu entre os internados gente que tocava instrumentos musicais e mandou organizar uma banda... Violinos, bandolins, acordeons, guitarras... Obrigava os músicos a tocarem para acompanhar os condenados quando estes caminhavam para as câmaras de gás. E como aquelas bestas nazistas riam dessas procissões trágicas! Foi ao som de uma marcha... (como poderei jamais esquecer a melodia?) que vi minha mãe com meu irmão menor nos braços, arrastar-se para a câmara

letal, junto com outras mulheres, todas completamente nuas, sob as gargalhadas dos carrascos... Dias depois, meu pai teve de cavar com outros prisioneiros a vala comum onde iam ser enterrados. Fomos todos convocados obrigatoriamente para assistir à cerimônia. Os condenados foram alinhados à beira da cova e assassinados cada um com uma bala na nuca. Pensei em fechar os olhos... mas conservei-os abertos. Meu pai voltou a cabeça e eu compreendi que ele me procurava no meio da multidão. Não me viu. Eu quis gritar alguma coisa mas a voz me ficou trancada na garganta. Vi quando um daqueles animais lhe meteu uma bala na nuca, e ele tombou...

- Está bem! Está bem!

- Não, tenente, quero que compreenda bem porque não posso tolerar a violência. Vi muita gente do nosso campo torturada, humilhada. Meu irmão foi um deles... E um dia um porco nazista, à ponta de baioneta, obrigou um rabino, um ancião respeitável, a limpar com as barbas e a língua as imundícies de uma latrina. Você já viu um homem vilipendiado, mas viu mesmo?

- Está claro que vi! Já lhe disse que sou negro. Quando menino, eu estava presente quando o meu pai foi atacado e espancado na rua por três homens brancos. No dia seguinte ele se enforcou. Vocês, judeus, não têm o monopólio do sofrimento no mundo!

Como se não tivesse ouvido estas palavras, o médico sentou-se, apanhou outro cigarro e acendeu-o.

- Fui salvo por um milagre. Um velho que tomou conta de mim, depois que meus pais morreram, me escondeu na hora em que nos buscavam para entrar na câmara da morte. Dias depois chegaram as tropas aliadas, fui libertado com os sobreviventes do campo e mais tarde mandado para o seu país, tenente, onde tinha um parente que me reclamou. Foram necessários muitos anos de tratamento psiquiátrico para eu voltar a ser uma pessoa normal... se é que sou normal... ou se existe normalidade no mundo. Depois comecei a ler artigos e livros sobre as atrocidades nos campos de concentração nazistas... Procurava identificar as caras nas fotografias do campo em que havia estado, na esperança louca de rever as faces da minha mãe, do meu pai, de meus irmãos, e a

minha própria. Continuei a alimentar assim o meu ódio, um ódio que passou a ser a minha razão de viver. Detestava a raça que nos torturou... a sua língua, a sua cultura... tudo! Depois cheguei à conclusão de que ninguém pode passar a vida odiando com essa intensidade e ao mesmo tempo preservar o seu equilíbrio mental. Fiz um prolongado tratamento psicanalítico. Procurei também o consolo da religião. O rabino que me instruiu me aconselhou o perdão, o esquecimento... Ora, esquecer não depende de nossa vontade. E o perdão, estou convencido, precisa ser mais que uma palavra...

Ergueu-se, foi até ao quarto de banho e voltou de lá segundos depois com uma toalha molhada, que começou a passar pelo peito.

- Formei-me em Medicina, escolhi uma profissão que é a negação mesma do assassinio. Adotei a nacionalidade do país que me acolheu. Evitei o casamento. Tive medo de ter filhos, porque eles seriam judeus como eu, e jamais pude esquecer aquelas crianças que vi no campo, esqueléticas de fome, roxas de frio ou mortas, deformadas, vítimas das "experiências" de um médico louco.

Porque não podia encarar o judeu? - perguntava-se o tenente. Porque insistia em olhar com aquela intensidade malévola para os pés dele?

- O tempo contribuiu para esmaecer um pouco todas essas lembranças sombrias. Tentei muitas vezes perdoar, como me aconselhou o rabino. Mas a dificuldade é que não consegui ainda perdoar-me a mim mesmo por ter sobrevivido. Essa idéia me perturbava e ainda perturba. Porque Deus, dentre todos os membros da minha família, escolheu a mim para poupar? Meu pai era um bom homem. Minha mãe, uma santa. Meu irmão mais velho, muito mais inteligente e melhor que eu. O meu irmão menor, um inocente. Porque foi que Deus me preservou? Será que me reservava alguma missão especial? Se tal é o caso, que missão é essa?

O tenente teve ímpetos de exclamar: "Pergunte a Ele! Foram vocês que inventaram esse Deus." Mas continuou calado. Notava agora que havia uma cicatriz no peito do pé esquerdo do outro.

- Se você me perguntar porque me apresentei voluntário ao

Exército e pedi que me mandassem para cá, eu lhe poderia dizer (mas isso seria apenas parte da verdade) que eu quero ajudar os outros a viver, curar suas feridas, aliviar suas dores, sem olhar raça, credo religioso ou partido político. Mas, bem no fundo, desconfio que eu quero mesmo é expor-me aos perigos de ser morto em combate. Veja bem, tenente, procuro dar a Deus mais uma oportunidade para verificar se é a mim mesmo que Ele quer poupar.

- Todas essas coisas que você contou se passaram há vinte anos.

O médico deixou a toalha cair no chão. Sem levar em conta a interrupção, prosseguiu:

- Você há pouco pôs o seu problema em termos de meios e fins. Eu não aceito a idéia de que os fins justificam os meios. O cão danado que era o chefe dos nazistas aceitava esse princípio. O mesmo acontecia com o sinistro ditador comunista. Um invocava como objetivo sagrado a defesa da raça ariana, que era um mito, uma mentira, o outro achava que todos os meios eram bons para promover a socialização do mundo. Pense nos milhões de criaturas humanas que morreram, perderam a liberdade e foram vítimas de atrocidades e injustiças por causa dessas falácias...

O tenente pôs-se de pé.

- Não vim aqui para discutir política ou filosofia.

- Para que veio, então?

- Não sei. Nem quero saber.

- Mas espere, tenente, você vai embarcar de volta à pátria dentro de poucas horas. Nossos caminhos se separam aqui e agora. Quero terminar meu argumento. Naquela cela subterrânea, havia uma pessoa viva de carne, osso, sangue, nervos... dotada de uma alma. Era lícito mandar torturá-la para salvar... uma abstração? Sim, tenente, os ditadores que mencionei costumavam falar nessa dupla abstração que é a Humanidade do Futuro. Quem eram as pessoas que a bomba ia destruir? Naquele momento em que o prisioneiro ficou à sua mercê, tenente, não passavam de abstrações, hipóteses. E quem lhe garantia a existência real da segunda bomba? Não podia ter sido tudo pura invenção vingativa do terrorista moribundo?

- Mas ficou provado que era uma realidade.

- O que não altera o raciocínio que acabei de expor.

O tenente encarou o interlocutor e sentiu que o detestava.

- Você quer se vingar em mim do mal que lhe fizeram os nazistas.

- Absurdo! Você não compreendeu nada do que eu lhe disse.

- Agora sou eu o seu bode expiatório.

Os olhos cor de âmbar do homem de pulso tatuado o fitavam. O tenente tornou a falar:

- A verdade é que vocês, os judeus da minha terra, não são diferentes dos brancos cristãos: também detestam e discriminam os negros!

- E os negros, por sua vez, não nos suportam! Quando vi você, farei logo um anti-semita.

Ficaram a medir-se num desafio. Foi nesse momento de tensão que a campainha do telefone soou. O tenente estremeceu. (Devem estar me procurando.) o médico acercou-se da mesa e apanhou o fone.

- Alô! Sim, é ele mesmo. Que é que há? - Ficou a escutar, de cenho franzido. A voz que vinha do outro lado do fio parecia o zumbir de uma abelha dentro de uma caixa de fósforos. Enquanto recebia a mensagem, o médico olhava para o tenente. Quantos?... Que desastre! Sim, estarei pronto em dois minutos.

Repôs o fone no lugar. Estava pálido e conturbado.

- É a mim que estão procurando? - indagou o outro.

Por uma fração de segundo o médico hesitou. Depois contou:

- Uma coisa horrível aconteceu... Aviões de nossa Marinha despejaram por engano bombas de napalm numa aldeia amiga onde estavam acampados soldados nossos... Estão me chamando com urgência ao hospital central.

Como se despertasse de repente, desatou os cordões do pijama, cujas calças lhe caíram aos pés. Desvencilhou-se delas e começou a vestir-se às pressas. Enfiou as calças do uniforme, depois o blusão e finalmente as botas, sem meias. O tenente continuava parado no meio do quarto, as idéias num tumulto. Teria compreendido claro o que o médico acabara de contar?

- A coisa se deu há pouco mais de uma hora. Informaram-me de que as baixas são pesadas... Um verdadeiro desastre. Pelo menos

trinta mortos e talvez mais de oitenta feridos... Foi o que me disseram.

O tenente escutava, perplexo.

- Estão começando a chegar os primeiros feridos - continuou o capitão, apanhando a boina. - O jipe que me vai levar ao hospital já deve estar lá em baixo. Vamos!

Encaminharam-se para fora do quarto.

- Porque está rindo? - estranhou o doutor, junto da porta do elevador, depois de ter apertado o botão de chamada.

- Porque tudo isso é uma farsa, uma trágica farsa! - exclamou o outro. - Trinta mortos, mais de oitenta feridos...

O elevador chegou. Entraram. Começou a lenta descida.

- O almirante naturalmente mandará ao general um pedido de escusas resmungou o tenente -, dirá que lamenta profundamente o que aconteceu... e que tudo foi um "erro de cálculo"... E a coisa ficará por isso mesmo. Amanhã esses mesmos pilotos serão condecorados por outros feitos dessa natureza, desde que as vítimas não sejam os nossos bravos rapazes e sim os "ratos asiáticos".

Sem dar-lhe ouvidos, o médico abriu a porta do elevador e cruzou o saguão a passo acelerado. O tenente seguiu-o, ele mesmo não sabia porquê. Junto da calçada, à frente do hotel, estava estacionado um jipe, com um soldado do corpo médico ao volante. O doutor saltou para dentro dele e perguntou:

- Quer ir até ao hospital, tenente?

O outro subiu para o carro como um autômato que recebe um impulso elétrico. Sentou-se no banco traseiro. O jipe arrancou, sua buzina rompeu a uivar. O tenente teve a impressão de que aquele som agudo lhe trespassava o crânio como um estilete. Tapou os ouvidos com as mãos. E pensou: Agora vão pedir a minha cabeça. Serei levado a Conselho de Guerra. Ou entregue à justiça civil. Como um criminoso. Este comando cumpre o dever de comunicar que esta madrugada seus aviões por um deplorável erro de cálculo... etc... etc... etc...

O horizonte começava a clarear. Viam-se já nas ruas homens e mulheres pedalando suas bicicletas, rumo dos lugares onde

trabalhavam. O jipe uivava como um animal ferido de morte. E então o tenente olhou para o céu e reencontrou a Lua, que esmaecia como o firmamento.

O automóvel estacou à porta do hospital, onde se via um grande movimento de veículos e soldados. Gritavam-se ordens. Quando deu acordo de si, o tenente estava sozinho num dos degraus do pórtico. O médico tinha desaparecido. Dois homens tiravam uma padiola com um ferido de dentro de uma ambulância parada junto ao meio-fio. O tenente acompanhou-os escadaria acima e entrou no hospital. As luzes do corredor lhe revelaram o horror... O soldado queimado por napalm havia quase perdido a forma humana, mais parecia um animal escorchado, de um vermelho vivo de lagosta que acaba de sair de um caldeirão de água fervente - as faces sem feições, a carne já com um aspecto purulento. O tenente encostou-se numa parede, atordoado, a visão embaralhada e ali ficou, enquanto passavam por ele outras macas com pedaços de carne queimada, alguns dos quais ainda gemiam.

Saiu para a rua, uma náusea a contrair-lhe o estômago. Desceu as escadas, tropeçando aqui numa padiola, chocando-se mais adiante com um soldado, e se foi madrugada adentro. O calor continuava pesado, opressivo, implacável. Duas mocinhas nativas passaram por ele, montadas nas suas bicicletas, e suas vozes frescas e musicais chegaram até aos seus ouvidos. Parou, imaginando que alguém tivesse pronunciado o seu nome. Depois retomou a marcha sem norte. Meteu-se em becos e ruelas, arrastando o corpo dolorido, a cabeça que parecia inchar, crescer cada vez mais... Por fim entrou numa rua larga, com muitas árvores, através das quais se avistava o rio, onde juncos e sampanas se moviam lentamente.

Um jipe surgiu a uma esquina e aproximou-se dele em marcha lenta e em sentido contrário. A luz dos holofotes cegou-o por um instante. (A mariposa - a estudante suicida - a cruz de fogo.) O carro estacou junto do meio-fio, a uns cinco metros de onde estava o tenente. Um soldado saltou para a calçada e aproximou-se. Era da Polícia Militar e estava armado de metralhadora.

- Por obséquio - pediu -, os seus papéis de identidade!

Mas o que chegou à consciência do tenente foi um frase que a

memória enferma lhe enviou, uma frase antiga, temível e carregada de injustiças e ameaças. "Agarra o negro!" "Agarra o negro!" "Agarra o negro!"

Uma fúria rebentou-lhe o peito. Ah, não! Desta vez, não!

Precipitou-se sobre o soldado, arrebatou-lhe a metralhadora das mãos e derrubou-o com um pontapé na boca do estômago. Recuou dois passos e gritou: "Foge, papai, foge!" Destravou a arma, apontou-a para os holofotes, puxou no gatilho e com uma descarga estilhaçou e apagou os olhos do monstro. A seguir, numa feroz, orgulhosa alegria de homem que de repente descobre a porta da liberdade, ergueu a alça de mira para alvejar os vultos brancos encapuzados que se esgueiravam por entre as árvores do seu jardim... Depressa, antes que acendam a cruz de fogo!

Uma rajada de metralhadora rasgou-lhe o peito de lado a lado, cosendo-o por alguns segundos ao muro que lhe barrava a retaguarda. Deixou cair a arma, afrouxaram-se-lhe as pernas, dobrou-se sobre si mesmo, e, sangrando pela boca, caiu de borco, com uma das faces sobre as lajes da calçada... E as últimas imagens que suas pupilas refletiram, e que lhe chegaram sem sentido à sua consciência que se apagava, foram duas botas militares negras, por entre as quais lucilava longe a luz da lanterna de uma sampana que cruzava o rio.

O sargento ajoelhou-se Ao lado do homem caído, segurou-o pelos ombros, fê-lo voltar-se de cara para o céu e depois focou nele o feixe de luz de sua lanterna elétrica.

- Conhece? - perguntou o fuzileiro, que só agora, as mãos espalmadas sobre o estômago, se erguia do lugar onde fora derribado.

- Não - respondeu o soldado, ainda mal podendo respirar. - Chamamos uma ambulância?

- Não há tempo. Vamos levá-lo para o hospital no jipe. Depressa!

O sargento segurou o desconhecido por baixo dos braços, o outro apanhou-lhe as pernas à altura dos joelhos e assim o ergueram e puseram sentado no banco traseiro do carro. Ficou na calçada uma poça de sangue para a qual olhava agora fixamente o homem que metralhara o tenente. Era um soldado negro.

- Vem ou não vem? - gritou o sargento.

O soldado subiu para o jipe e acomodou-se ao lado do companheiro que estava ao volante. O carro se pôs em movimento. Sentado junto do tenente, o sargento tomou-lhe o pulso e depois apalpou-lhe o peito à altura do coração.

- Está ainda vivo? - perguntou o soldado que dirigia o veículo.

- Duvido - respondeu o sargento, limpando num lenço os dedos manchados de sangue.

- Que será que deu no tenente? Eu apenas lhe pedi os papéis...

- Agora só Deus sabe. Porque este homem está morto.

O negro ia de cabeça baixa, balbuciando:

- Logo eu... logo eu...

O companheiro deu-lhe uma palmada rápida no joelho e tratou de consolá-lo.

- Se você não tivesse atirado nele, a esta hora estaríamos todos liquidados, com o bucho cheio de chumbo... E morreria muita gente mais. Na hora em que ele levantou a alça de mira da metralhadora, passavam pela rua homens e mulheres a pé e em bicicletas... Ia ser um morticínio danado.

- Mas porque tinha de ser eu... logo eu? Não vê que ele é da minha raça? Seus lábios tremeram, lágrimas lhe brotaram dos olhos e lhe escorreram pelas faces pardas.

Havia já clareado o dia quando o coronel-comandante entrou no hospital em companhia do major. Foram ambos levados para a pequena sala onde se encontrava o corpo do tenente, estendido numa cama de ferro e coberto até à cabeça por um lençol.

O major descobriu-lhe o rosto, cuja pele as tintas da morte haviam deixado mais clara. O coronel fitou-o longamente e depois murmurou:

- Era um fraco, um neurótico. Não sei como mandam gente assim para cá. Nunca fiz muita fé nesses testes psicológicos... Esse homem quase matou quatro excelentes soldados, isso sem contar os civis que poderiam ter sido atingidos pelas balas perdidas de sua metralhadora...

O major refletiu melancolicamente que as almas perdidas o preocupavam muito mais que as balas perdidas. Olhando também

para o cadáver, disse:

- Coitado! Tinha terminado seu tempo de serviço. Amanhã de manhã poderia estar em casa...

E então uma mulher de ambos desconhecida, e que ali chegara sem que nenhum deles tivesse percebido, pousou com profunda ternura os seus olhos cor de violeta no rosto do morto e sussurrou:

- Ele já está em casa.

O sol apontava por trás das montanhas quando o velho que, ao entardecer do dia anterior, havia apanhado uma pomba rola com sua armadilha de bambu, saiu de sua choça e pôs-se a acender um fogo de gravetos para esquentar a água do chá matinal.

Fumando o seu cachimbo de barro, acocorou-se junto da chaleira de ferro e contemplou satisfeito a gaiola onde a ave, imóvel, parecia olhar para ele. Ia armar de novo a sua arapuca, usaria a pombinha como engodo e esperaria que outros pombos caíssem na armadilha. Poderia esperar todo aquele dia. E muitos outros dias. Tinha muito tempo pela frente ou não tinha nenhum, o que dava no mesmo. Pensou nos dois netos que haviam sido mortos durante a noite, mas sem muita tristeza. Um dia haveria de reencontrá-los, em algum lugar, de alguma maneira. Lembrou-se de que quando um deles era menino ele lhe havia dado de presente uma pomba rola. Sua boca desdentada pregueou-se num sorriso evocativo, entre nostálgico e divertido. Depois quedou-se a devanear. Imaginou-se a caminho do mercado, com uma canastra cheia de pombos...

Ouvindo um ronco que vinha do céu e sentindo um sopro que sacudia os arrozais e lhes encrespava as águas, ergueu a cabeça e, sempre sorrindo, ficou a contemplar os helicópteros militares que, como um bando de gordos patos selvagens de plumagem verde, seguiam numa revoada rumo da cordilheira.

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

FIM

Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Índice

1